

# Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentl.ich

Folge 41

São Paulo, 13. Oktober 1939

8. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10\$000, ganzjährig 20\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

## O Japão e a Russia em torno da politica anti-britannica

### A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro  
VI.

Kt. — Com a occupação do „limite de interesses“ por tropas allemãs e russas, e com o expurgo da Polonia dos ultimos grandes grupos de destróçados, dá-se por concluída a campanha a léste. A oração de Adolf Hitler no Reichstag expoz ao mundo, em termos assaz graves, a insensatez de uma continuação da guerra. Sobre todo o mundo pesa a interrogação: Poderá, hoje, um estadista ainda assumir a responsabilidade do sacrificio de milhões de homens valentes e de innumeradas mulheres e creanças, e da destruição de valores materiaes incalculaveis?

Deante desses acontecimentos e questões de repercussão na historia universal, deveriam silenciar todos os incitamentos, e cada qual deveria tentar, dentro do circulo de suas relações, dar uma contribuição pessoal, embora modesta, em prol da paz, mediante repressão de illusões e julgamento objectivo da situação.

Desafortunadamente, porém, falta a certos transmissores de noticias o necessario senso da responsabilidade que se manifesta em alguns estadistas competentes e que desejamos aos demais, nestes dias decisivos, para o bem da Europa e de todo o mundo que nada tem a ganhar com a guerra, mas que muito poderá perder em consequencia da mesma.

Porisso, proseguimos nos nossos commentarios. Nosso alvo continuará a ser o mesmo, isto é, offerecer ao leitor, nesta rapida collectanea, não apenas factos, mas tornar-lhe possível, outrossim, a formação de um juizo incorruptível a respeito de noticias tendenciosas, antes mesmo que se verifique sua rectificação. Para esse fim, antecipar-nos-emos também, occasionalmente, ao tempo, ao invés de apenas fazer um retrospecto pela semana transacta.

### As perdas allemãs na Polonia

Lá pelos meados e na segunda quinzena de setembro, provocou-se, através de uma série de telegrammas, a impressão como se as perdas allemãs na Polonia tivessem sido extraordinariamente elevadas. Em 14. 9. consta: „Berlim e Vienna repletos de feridos“ (Havas); em 15. 9.: „Occulta-se o numero total das perdas allemãs“; em 22. 9.: „10.000 soldados allemães extraviados na Polonia, afóra os mortos e prisioneiros, segundo dados officiaes“ (Havas). Mais tarde, notificaram-se mesmo 150.000 mortos. As autoridades allemãs publicaram, já nas primeiras semanas, duas vezes, os algarismos em por cento, pelos quaes cada qual podia calcular approximadamente o numero absoluto das perdas. Em 5. 10. Hitler communicou as cifras officiaes: O exercito allemão perdeu até 30. 9. ao todo, 10.372 mortos; o numero de feridos montou em 30.322 e o de extraviado em 3.4004. Este ultimo algarismo é, em verdade, desproporcionalmente elevado, de sorte que se terá de aguardar a respeito ainda ultteriores informes.

### Teria fugido um almirante polonez?

A noticia, segundo a qual o commandante em chefe da frota poloneza, contra-almirante von Unruh, ter-se-ia evadido para a Suecia, foi desmentida pela „Transocean“. Segundo informação official allemã, von Unruh se encontra na Alemanha, como prisioneiro de guerra.

### Aviadores inglezes sobre Berlim e Potsdam:

Segundo a „Havas“ e a „United Press“, o Ministerio de Informaçoes britannico teria

TOKIO, 12. (T. O.) Agencia allemã. — O jornal nipponico „Kekumin Shinbun“ publica hoje um artigo intitulado „O Caminho da politica russo-japoneza“ que desperta grande interesse, defendendo a these de que a politica nipponica mudou orientando-se agora no sentido de uma aproximação com a Russia e augmentando sua tendencia anti-britannica.

Affirma o artigo que, em vista da actual situação politica, deve-se exhortar o governo e o povo japonezes a realizarem immediatamente o plano politico de reorganização da Asia Oriental. O Japão deve romper definitivamente com sua politica tradicional pró-anglo-saxonica. Após o pacto germano-russo necessario se torna proceder uma revisão completa da situação internacional.

A seguir, expõe o jornal algumas combinações sobre os intentos da Alemanha e da Russia, e opina que ambos paizes já removeram um dos baluartes do Imperio Britannico. Si o Japão e a Alemanha se unirem contra a Inglaterra, não cabe duvida de que a Russia desviará sua atenção para a Russia, Asia Central e a Persia.

noticiado em 2. 10., que aviadores britannicos teriam levado a cabo, „com pleno exito“, um vôo de reconhecimento sobre Berlim e Potsdam. O Quartel General da Arma Aérea Allemã declarou falsa essa informação, conforme a „Transocean“ de 4. 10. Nenhum unico aviador inglez esteve sobre as citadas cidades.

### Applausos registados pelo chronometro de corrida:

Quem não houver sentido de perto a miséria e o opprobrio da época do após-guerra, na Alemanha, e a salvação desta da maior dificuldade cultural e economica e da escaravidão politica, não consegue fazer nenhuma idéa acerca da veneração e do amor que o povo allemão dedica ao seu Führer. Quem conhece a Alemanha, sabe aquilatar, sem mais outra, pelo seu justo valor pratico, as tentativas feitas para separar o povo dos seus conductores. Neste particular, são unanimes todas as opiniões vindas da Alemanha sobre o effeito das cartas de King Hall, das exteriorizações feitas a respeito por Churchill e dos boletins aéreos de propaganda britannicos. Contrastando com isso, um telegramma affirma, porém, em 6. 10. que a popularidade de Hitler estaria diminuindo. O respectivo noticiaria teria controlado os applausos, quando do ultimo discurso perante o Reichstag, mediante um chronometro de corrida, constatando que o applauso mais prolongado só teria durado ainda 56 segundos. Este methodo parece tão engenhoso quanto objectivo, pois um chronometro de corrida é um instrumento de precisão altamente aperfeiçoado, e seria de recomendar, que ninguém se esquivasse á respectiva despesa, afim de poder acompanhar a proxima oração, junto ao altafalante, de chronometro de corrida em punho...

### Defido o chefe regional Streicher?

Segundo uma noticia da Havas, de 18. 9., que se refere a um artigo publicado no jor-

nal inglez „Daily Express“, o chefe regional Streicher teria sido preso por ordem de Göring, visto que teria havido controvérsias entre elle e as forças armadas do Reich (1), além do que teria se locupletado de dinheiros sequestrados aos judeus. Segundo a „Transocean“, que, de resto, refuta como falsa essa noticia, Streicher tomou parte na sessão do Reichstag, em 5. 10. Trata-se, por conseguinte, de patranhas, como estas foram diffundidas, da mesma maneira, a respeito do ministro do Reich Goebbels. Lembramo-nos de que Goebbels se viu compellido a provar, ha semanas, numa entrevista concedida a representantes da imprensa, que, em contradicção ao que se propala do estrangeiro, 1) não está morto; 2) não está preso em um manicómio; e 3) não foi destituído do seu cargo.

### A Rumania achava-se ameaçada?

Façamos um retrospecto. Lêmos em 21. 9.: „Consta, que os allemães premeditam uma incursão na Rumania“ (United Press); 23. 9.: „A Rumania acha-se ameaçada pelos exercitos allemão e russo“ (United Press); 24. 9.: „Convem que se considere seriamente a possibilidade de uma incursão na Rumania por parte dos exercitos allemão e russo“; „admitte-se estar imminente a irrupção pela Rumania“ (United Press); 25. 9.: „A Rumania vê-se ameaçada por ter concedido asylo aos polonezes“ (United Press). Com essas noticias não combinam lá muito bem, entretanto, as seguintes: 21. 9.: „A occupação da fronteira polono-rumena pelos russos representa um insuccesso da politica allemã“ (Havas), e 23. 9.: „Tropas russas teriam impedido a incursão de tropas teutas na Rumania“. — Já em 20. 9., a Agencia Stefani informava, de fonte official rumaiica, que as autoridades russas teriam dado ordens expressas no sentido de ser respeitada, sob quaesquer circunstancias, a fronteira rumaiica. Em 26. 9. a Rumania desmentiu, officialmente, todas as noticias sobre uma tensão rumeno-russa, qua-

(Continua na 2.a pag.)

### Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

V.

Kt. — Mit der Besetzung der „Interessengrenze“ durch deutsche und russische Truppen und der Säuberung Polens von den letzten grösseren Gruppen Versprengter ist der Feldzug in Osten abgeschlossen. Die Rede Adolf Hitlers im Reichstag hat der Welt in sehr ernstesten Worten die Sinnlosigkeit einer Fortsetzung des Krieges dargetan. Auf allen Menschen lastet nun die Frage: Kann heute noch ein Staatsmann das Opfer von Millionen tapferer Männer und unzähliger Frauen und Kinder, die Vernichtung unerschätzbbarer Sachwerte verantworten?

Vor diesen weltgeschichtlichen Ereignissen und Fragen sollte alle Verhetzung schweigen und jeder in seinem Kreise versuchen, durch Ueberwindung von Illusionen und sachliche Beurteilung der Lage einen bescheidenen persönlichen Beitrag zum Frieden zu liefern. Leider fehlt aber gewissen Nachrichtenvermittlern das erforderliche Verantwortungsgefühl, das bei einigen massgeblichen Staatsmännern in Erscheinung tritt und das wir den übrigen in diesen entscheidungsvollen Tagen wünschen, zum Wohle Europas und der ganzen Welt, die durch den Krieg nichts gewinnen, aber sehr viel verlieren kann.

Deshalb setzen wir unsere Berichte fort. Unser Ziel bleibt dabei, dem Leser in diesen knappen Zusammenstellungen nicht nur Tatsachen darzubieten, sondern ihm auch die Bildung eines unbestechlichen Urteils über tendenziöse Meldungen zu ermöglichen, noch ehe die Richtigstellung erfolgt. Zu diesem Zweck greifen wir auch gelegentlich weiter, als nur in die vergangene Woche zurück.

### Die deutschen Verluste in Polen:

Um die Mitte und in der zweiten Hälfte des September wurde durch eine Reihe von Telegrammen der Eindruck erweckt, als ob die deutschen Verluste in Polen ausserordentlich hoch gewesen seien. Am 14. 9. heisst es: „Berlin und Wien von den Verwundeten überfüllt“, am 22. 9.: „10.000 deutsche Soldaten in Polen vermisst, ausser den Toten und Gefangenen, nach offiziellen Angaben“ (Havas). Später wurden sogar 150.000 Tote gemeldet. Die deutschen Behörden veröffentlichten bereits in den ersten Wochen zweimal die Prozentzahlen, aus denen sich jeder die ungefähren absoluten Verlustzahlen errechnen konnte. Am 5. 10. gab Hitler die offiziellen Zahlen bekannt: Die deutsche Wehrmacht verlor bis zum 30. 9. insgesamt 10.372 Tote, 30.322 Verwundete und 3404 Vermisste. Die letzte Zahl ist allerdings unverhältnismässig hoch, so dass noch eine Aufklärung darüber zu erwarten ist.

### Polnischer Admiral entflohen?

Die Nachricht, dass es dem Oberbefehlshaber der polnischen Flotte, Konteradmiral von Unruh, gelungen sei, nach Schweden zu entfliehen, hat sich nach „Transocean“ nicht als wahr erwiesen. Nach amtlicher deutscher Feststellung befindet von Unruh sich in deutscher Kriegsgefangenschaft.

### Britische Flieger über Berlin und Potsdam:

Nach „Havas“ und „United Press“ meldete das britische Luftfahrtministerium am 2. 10., dass englische Flieger „mit vollem Erfolg“ einen Aufklärungsflug über Berlin und Potsdam durchgeführt hätten. Das deutsche Hauptquartier der Luftwaffe erklärte diese Nachrichten nach „Transocean“ vom 4. 10. für unwahr. Es sei kein britischer Flieger über den erwähnten Städten gewesen.

### Beifall mit Stoppuhr gemessen:

Ueber die Verehrung und Liebe, die das deutsche Volk für seinen Führer empfindet, kann sich wohl niemand eine Vorstellung machen, der das Elend und die Schmach der Zeit nach dem Weltkrieg und die Errettung aus tiefster kultureller und wirtschaftlicher Not und politischer Sklaverei nicht miterlebt hat. Wer Deutschland kennt, wird die Versuche,

Volk und Führung zu trennen, ohne weiteres nach ihrem praktischen Wert abschätzen können. So lauten alle Urteile aus Deutschland über die Wirkung der Briefe von King Hall, der entsprechenden Aeusserungen Churchills und der britischen Propagandaflyblätter. Ein Telegramm stellte im Gegensatz hierzu aber am 6. 10. fest, dass Hitlers Volkstümlichkeit abnehme. Der Berichterstatter hatte den Beifall bei der letzten Reichstagsrede mit der Stoppuhr nachgemessen und festgestellt, dass der längste Beifall nur noch 56 Sekunden gedauert habe. Diese Methode erscheint ebenso geistreich wie sachlich, denn eine Stoppuhr ist ein hochentwickeltes Präzisionsinstrument, und es dürfte sich empfehlen, die Ausgabe nicht zu scheuen und die kommenden Reden mit der Stoppuhr in der Hand vor dem Lautsprecher abzuhören.

### Gauleiter Streicher verhaftet?

Nach einer „Havas“-Meldung vom 18. 9. über einen Artikel der englischen Zeitung „Daily Express“ ist Gauleiter Streicher auf Befehl Görings verhaftet worden, weil er Meinungsverschiedenheiten mit der Reichswehr (sol) gehabt und bei Juden beschlagnahmtes Geld veruntreut habe. Nach „Transocean“, die diese Angaben nebenbei als unwahr zurückweist, hat Streicher jedoch an der Reichstagsitzung vom 5. 10. teilgenommen. Es handelt sich also um Angaben, wie sie in ähnlicher Weise über Reichsminister Goebbels ausgestreut wurden. Wir erinnern uns, dass Goebbels sich vor einigen Wochen in einer Pressekonferenz zu der Feststellung gezwungen sah, dass er im Widerspruch zu ausländischen Verlautbarungen: 1. nicht tot, 2. nicht gefangen und im Irrenhaus und 3. nicht seines Amtes entbunden sei.

### Was Rumänien bedroht?

Eine Rückschau. Wir lasen am 21. 9.: „Man sagt, dass die Deutschen den Einbruch in Rumänien im Schilde führen“ (United Press); 23. 9.: „Rumänien durch das deutsche und das russische Heer bedroht“ (United Press); am 24. 9.: „Die Möglichkeit des Einmarsches in Rumänien seitens des deutschen und russischen Heeres ist erster Beachtung wert.“ „Man nimmt an, dass der Einfall in Rumänien unmittelbar bevorsteht“ (United Press); am 25. 9.: „Rumänien bedroht, weil es den Polen Asyl gewährt hat“ (United Press). Mit diesen Meldungen stimmen die folgenden nicht ganz überein: 21. 9.: „Die Besetzung der polnisch-rumänischen Grenze durch die Russen bedeutet einen Misserfolg der deutschen Politik“ (Havas) und 23. 9.: „Russische Truppen sollen den Einmarsch deutscher Truppen nach Rumänien verhindert haben.“ — Schon am 20. 9. berichtet Stefani-Agentur aus offizieller rumänischer Quelle, dass die russischen Behörden den nachdrücklichen Befehl erteilt hätten, unter allen Umständen die rumänische Grenze zu achten. Am 26. 9. dementiert Rumänien amtlich alle Meldungen über eine rumänisch-russische Spannung und Grenzzwischenfälle und nennt sie reine Phantasien. Beide Länder halten sich nach wie vor einwandfrei neutral. — Für Deutschland lag kein Grund vor, Rumänien anzugreifen, das seinen Willen zur Neutralität wiederholt offiziell bekanntgegeben hat. Bis heute sind weder russische noch deutsche Truppen in Rumänien eingedrückt, und es liegen auch keine Anzeichen für eine solche Absicht vor.

### Japan

#### und das Antikominternabkommen:

Seit dem Abschluss des Nichtangriffspaktes zwischen Deutschland und Russland erscheinen immer neue Nachrichten über eine Entfremdung zwischen Japan und Deutschland. Bereits bei seinem ersten Besuch in Moskau hatte Reichsaussenminister von Ribbentrop durchblicken lassen, dass der Nichtangriffspakt auch zu einer Befriedung im Fernen Osten führen könne, und die Ereignisse haben ihm recht gegeben, denn bald erfolgte die Einstellung der russisch-japanischen Feindseligkeiten und damit die Beseitigung eines grossen Gefahrenherdes. Am 5. 10. erklärte „Transocean“ nach der zuständigen Berliner Stelle, dass die Behauptungen einer französischen Agentur, Japan hätte das Antikominternabkommen gekündigt, frei erfunden und zu durchsichtigen Propagandazwecken in die Welt gesetzt seien. Auch der Sprecher des japanischen Aussenamtes wies derartige Gerüchte zurück.

(Conclusão da 1.ª pagina)

licando, ademas, de puras phantasias os suppostos incidentes na fronteira. Ambos os os paises mantem-se, hontem como hoje, irreprehensivelmente neutros. A Alemanha não tinha motivo para agredir a Rumania que deu a conhecer, repetidamente, pelos seus orgaos officiaes, seu desejo de conservar-se neutra. Até hoje, não penetraram na Rumania nem tropas russas, nem tampouco allemãs, e nem sequer existem indicios, que denunciem tal intento.

### O Japão e o pacto antikomintern:

Desde a conclusão do pacto de não-agressão entre a Alemanha e a Russia, surgem sempre novas noticias sobre um alheamento entre o Japão e a Alemanha. Já quando de sua primeira visita a Moscou, o ministro do Exterior do Reich, von Ribbentrop, havia deixado transparecer, que o pacto de não-agressão poderia redundar, tambem, numa pacificação do Extremo Oriente. Pois

hem, os acontecimentos vieram confirmar o seu acerto, tanto que, logo a seguir, verificou-se a cessação das hostilidades nippon-russas e, consequentemente, a extinção de um grande foco de perigos. Em 5. 10. a Transocean informou, segundo as autoridades competentes em Berlim, que as afirmações de

## Das gibt's nur einmal, das kommt nicht wieder!

ep. São Paulo, den 11. Oktober 1939.

Seit der Führer am vergangenen Freitag in der umfassenden Erklärung der Reichsregierung die einzigartigen deutschen Friedensvorschläge vor der Welt verkündete, kann wohl kein anständiger, vernünftig denkender Mensch das Empfinden unterdrücken, dass hier noch einmal, ganz gewiss zum letztenmal, der einfachste Weg aus der europäischen Unruhe zur endgültigen Neuordnung des Völkerlebens auf dem alten Erdteil gewiesen wurde. Uns hat die Grosszügigkeit der deutschen Haltung nach dem siegreichen Feldzug gegen Polen überrascht. Wir haben nicht erwartet, dass man den Westmächten, welche die Vernichtung des „Hitlerismus“ auf ihre Fahne geschrieben haben, eine so breite Brücke zur Verständigung bauen würde. Wenn der Führer ein Demagoge oder Agitator wäre dann hätte er gewiss in einer anderen Sprache seine Erklärung abgeben; aber weil er, der unbekannt Frontsoldat, aus vier erbarmungslosen Weltkriegsjahren den Krieg aus eigener Erfahrung kennt, weil er ein leidenschaftlicher Kämpfer für den wirklichen Frieden in Europa ist, darum hat er noch einmal klar und überzeugend seine Gedanken und Entschlüsse verkündet. Wie hat das Ausland nun diesen staatsmännischen Friedensaufruf verstanden? Die Antwort kann nur lauten: Offenbar genau so, wie er gemeint war. Nur durfte man weder in England noch in Frankreich zugeben, dass Hitler wirklich recht hat wenn er von der Sinnlosigkeit des Krieges im Westen spricht. Das Reich will nichts von England und stellt keine Ansprüche an Frankreich. Der Krieg in Polen ist erledigt. Warum soll nun erst das grosse Blutvergiessen beginnen? Warum soll ein neuer Weltkrieg entbrennen? In beiden Ländern, in Frankreich als auch in England und auch dort, wo die Zeitungen aus den Nachrichtenquellen dieser Staaten gespeist werden, hörte man darum, kaum dass Adolf Hitler seine Rede beendet hatte, die grossspurige Phrase von der Ablehnung der deutschen Friedensvorschläge. Und wenn diese Ansichten auch nicht amtlich bescheinigt waren, sondern nur die lauten Wunschtrume hetzerischer, fetter Pressejuden darstellten, so ist mit dem Trommelfeuer dieser Schlagzeilen der eigentliche Sinn der Fuhrerrede in geradezu unverschämter Weise gefälscht worden. Es gibt nur eine Antwort auf das betretene Winkeln und das Wutgeheul gewisser sich einst uberpazifistisch gebardender internationaler Kreise und die lässt sich auf die Formel pressen: Ihr müsst Farbe bekennen!

Der Krieg an der deutschen Westgrenze ist noch nicht entfesselt. Aber wenn die Gegner des Reiches die Auseinandersetzung um jeden Preis haben wollen, dann werden sie dieselbe mit allen Mitteln erhalten. Das wissen sie auch ganz genau und darum erübrigt sich eine eingehende Beschäftigung mit dem Geschwätz der hebräischen und von Jakobsonen ausgehaltenen Berufsvielschreiber, für die oft der Ausdruck „verantwortungslose Zeilenschinder“ noch viel zu sanft ist. Da glaubt ein Vertreter dieser Sorte in einem Leitartikel einer sonst hochgeschätzten Zeitung zuzulande folgende Meinung über die Erklärung der Reichsregierung aufzuschreiben zu können: „Die Auslassung des Herrn Hitler, seine Aufrichtigkeit dadurch zu beweisen, dass er zurücktritt und die Macht Göring über-

una agencia franceza, segundo as quaes o Japao teria denunciado o pacto antikomintern, nao passavam de pura invenciao e que haviam sido propaladas com transparentes fins de propaganda. Mesmo o porta-voz do Ministerio das Relaoes Exteriores japonez re- futou as noticias desse jaez.

gibt, hat niemanden irreführt. Wenn der deutsche Führer eine freie Wahl in Deutschland unter der Aufsicht von Neutralen versprochen hätte, wenn er die Truppen aus Polen zurückgezogen und diesen Staat wieder errichtet hätte, wenn er die nationalsozialistische Partei aufgelöst und noch andere Beweise geliefert hätte, dass sein Regime nicht auf der militärischen und materiellen Gewalt aufgebaut ist, wäre es vielleicht möglich gewesen, einige seiner Aeusserungen in Erwägung zu ziehen. Indessen kann die Ueberschreibung der Macht auf eine Person, die Hitler selbst zu seinem Stellvertreter bestimmte, den Forderungen des Herrn Chamberlain nicht genügen. Göring, Hess und andere sind gleichfalls „Hitlers“ im kleinen oder grösseren Masstab und mit ihnen lässt sich gleichfalls kein Frieden machen. ... Frankreich und England können natürlich die Friedensvorschläge, wie sie von dem Feind diktiert werden, nicht annehmen, weil das eine Kapitulation ihrerseits und ein Sieg Deutschlands darstellen würde.“ Wir bringen diese Stilprobe nur als Beweis für die Vorstellungen, die der kleine Moritz über die schicksalsschwere Frage von Krieg oder Frieden hat, und wie er sich weitab vom Schuss eine ihm genehme Lösung vorstellt.

Wir sind bei unserer Beobachtung der europäischen Verhältnisse bis zuletzt unbeirrbar Optimisten geblieben. Wir sind es heute noch. Die Entscheidung über Krieg und Frieden steht zwar auf des Messers Schneide, aber es ist nicht vorstellbar, dass man um einer Illusion willen Millionen von Menschen in den Tod schiekt.

Der französische Ministerpräsident hat am Dienstag zu verstehen gegeben, dass das Tor zur Verständigung noch nicht endgültig zugesehlagene würde und dass Frankreich sich mit der britischen Politik auch weiterhin auf Tod und Verderben einverstanden erkläre. Und nun liegt die grosse Entscheidung abermals bei England. Mr. Chamberlain hat bereits zweimal seine angekündigte Erklärung aufgeschoben. Nimmher wird er am Donnerstag (12. Oktober) das britische Ja oder Nein auf die deutschen Vorschläge zur Neuordnung Europas aussprechen müssen. Am 3. September d. J. haben England und Frankreich an Deutschland den Krieg erklärt. Wenn vor dieser Zeit gesagt wurde, dass die Nervenkrisis Europas einen unerträglichen Grad erreicht habe, so kann man behaupten, dass nach dem kurzen Zwischenspiel um Polen dieselbe drückende Spannung zwischen den Völkern Raum gegriffen hat. Wieder ist die Erwartung bis zu jenem Punkt gestiegen, der keine weiteren Ausflüchte mehr zulässt. Der wirkliche Kampf in Europa wird zwischen Deutschland und England ausgetragen. Mit Phrasen kann man heute den Lebensraum eines 80-Millionen-Volkes nicht mehr überschreiben. Wenn England die Lösung nicht anders will, dann werden eben die Waffen ihre eherne Sprache führen. Unsere Ueberschriftzeile ist der Beginn eines alten Schlagers, der da endet: ... „Das kann das Leben nur einmal geben, vielleicht ist's morgen schon vorbei.“ In dieser Stunde erster, schicksalsschwerer Entscheidung zwischen den Nationen klingt diese naive Sentenz wie das lebendige Spiegelbild der harten, unabwendbaren Wirklichkeit.

## Isso ocorre uma so vez na vida!

ep. — Sao Paulo, 11. Out. 1939

Desde que Hitler proclamou a todo o mundo, na sexta-feira da semana transacta, em sua ampla declaraao perante o Reichstag, as propostas de paz allemãs unicas no genero, pessoa correcta alguma, habituada a raciocinar, poderá reprimir o sentimento de que ahi foi indicado, sem duvida pela ultima vez, o caminho mais simples de se sahir da intranquillidade europea para uma nova e definitiva ordem de coisas na vida dos povos do velho continente. A nós surpreendeu a generosidade da attitude allema, depois da campanha victoriosa contra a Polonia. Não esperavamos, que se construísse para as potencias occidentaes, que haviam inscripto no seu labaro a destruiao do „hitlerismo“, uma tão larga ponte para um entendimento. Se Hitler fosse um demagogo ou agitador, por certo teria feito sua declaraao em linguagem bem differente; entretanto, por conhecer, elle, o soldado desconhecido do „front“, a Grande Guerra de perto, em que colheu, durante quatro annos de luta impiedosa, sua propria experiencia, e por ser um pugnador apaixonado pela verdadeira paz na Europa, expoz, mais uma vez, em termos claros e convincentes, seus pensamentos e suas resoluoes. Todavia, como e que o exterior entendeu essa proclamaao pró paz de um estadista? A resposta so poder ser uma: Evidentemente da forma em que se achava revestida. O caso e que, nem na Inglaterra, nem na

Frana se podia confessar, que Hitler tem, de facto, razão, quando fala na insensatez da guerra do lado do occidente. O Reich nada quer da Inglaterra e nenhuma reivindicacao tem a apresentar à Frana. A guerra na Polonia está liquidada. Por que razão então deverá comecar o grande derramamento de sangue? Por que deverá ser desencadeada uma nova conflagracao mundial? Em ambos os paises, tanto na Frana, como na Inglaterra e tambem lá, onde os jornaes são alimentados das fontes de informaoes daquelles dous Estados, ouviu-se porisso, mal havia Adolf Hitler terminado seu discurso, a phrase grandiloquente da rejeiao das propostas de paz allemãs. E mesmo que essas opinioes não fossem certificadas officialmente, representando, porem, apenas os ruidosos desejos de obesos judeus agitadores da imprensa, o verdadeiro sentido da oraao de Hitler se viu adulterado de uma maneira verdadeiramente indecorosa, graas ao fogo de barragem das manchettes dos jornaes. Ha uma unica resposta ao ganido perplexo e aos brados raivosos de certos circulos internacionaes que em outros tempos tinham ademanes superpacifistas e essa resposta poder ser synthetizada nesta formula: ponde as cartas na mesa!

Ainda não deflagrou a guerra na frente occidental allema. Entretanto, se os adversarios da Alemanha desejarem, a todo preo,

a disputa, tel-a-o com todos os recursos. Ora, isso elles sabem muito bem e porisso nos excusamos de nos occupar mais detidamente do palanfrorio de escribas profissionaes hebraicos e de seus collegas inantidos pcos filhinhos de Jacob, para os quaes seria suave demais o epitheto de rabiscadores irresponsaveis. Assim, um especimen dessa laia julga poder expor, em artigo de fundo em um matutino local, outrora altamente conceituado, a seguinte opiniao acerca da declaraao do governo do Reich: „A suggestao feita pelo sr. Hitler, para provar sua sinceridade, de demittir-se e entregar o poder a Goring não illudiu a ninguem. Se o chefe allemo tivesse promettido uma eleiao livre na Alemanha, sob a fiscalizaao dos neutros, se tivesse retirado as tropas da Polonia e reconstituido esse paiz, se tivesse dissolvido o Partido Nacional-Socialista e se tivesse dado outras provas de que o seu regime não assenta na fora militar e material, seria possivel tomar em consideraao algumas das suas suggestoes. Transferir, porm, o poder a propria pessoa que o sr. Hitler escolheu para seu possivel substituto, não satisfaz às exigencias do sr. Chamberlain. Goring, Hess e outros são Hitlers em ponto menor, ou maior, e com elles tambem não se poder fazer a paz.“ — „Naturalmente a Frana e a Inglaterra não podem aceitar as propostas de paz nas condioes ditadas pelo inimigo, porque isso seria uma capitulaao para ellas e uma victoria para a Alemanha.“ Reproduzimos aqui esta amostra de estilo, tão somente para dar uma prova da idea que o articulista faz de uma questao tão grave e delicada em torno da guerra ou da paz, e como, longe da linha de fogo, elle imagina uma soluao que lhe seja agradavel.

Continuamos, em nossas consideraoes em torno da situaao europea, ate hoje, optimistas imperturbaveis. Somol-o ainda hoje. A decisao sobre a guerra e a paz está, na realidade, por um apice; entretanto, não se poder imaginar, que, por amor a uma illusao, se lance à morte milhoes e milhoes de seres humanos.

O presidente do Ministerio francez deu a entender, na tera-feira, que ainda não se fechou definitivamente a porta de accesso a um entendimento, e que a Frana continua a se declarar, para todos os effeitos, solidaria com a polittica britannica. Eis que a grande decisao está de novo nas mãos da Inglaterra. Já por duas vezes que Mr. Chamberlain adiou sua annunciada declaraao. Falara, porm, agora, na quinta-feira (día 12), devendo então pronunciar o sim ou o não da Gra-Bretanha às propostas allemãs para a reorganizaao da Europa. Em 3 de setembro deste anno, a Inglaterra e a Frana declararam a guerra à Alemanha. Se antes disso se dizia, que a crise de nervos da Europa havia attingido um grau intoleravel, hoje se poder afirmar, que, depois do rapido intermezzo que foi a Polonia, a mesma tensao oppressora se apoderou dos povos. De novo a expectativa ascendeu ao ponto que não mais permite salidas. A verdadeira luta na Europa será ferida entre a Alemanha e a Inglaterra. Hoje em día não mais se poder encher do alarido de phrases o espao vital de um povo de 80 milhoes. Emfim, se a Inglaterra não quizer outra soluao, então as armas tero de fazer ouvir sua voz de bronze. Nossa epigraphe foi tirada de uma antiga canoa que termina... „isto a vida so poder dar uma vez, talvez amanha tudo ja esteja acabado.“ Nesta hora, em que se tomam decisoes graves para o destino das naoes, esta sentena ingenua se nos afigura como o reflexo da realidade dura e incoercivel.

### Aus dem Transocean-Dienst

Wie der Pariser „Matin“ mitteilt, wurde ein Regiment sogenannter leichter Infanterie aus allen dunklen Elementen gebildet, die im Konzentrationslager bei Paris untergebracht sind. Diese Formation wird voraussichtlich in die erste Linie geschickt werden. In Frankreich wurden ausserdem seit Anfang September die Gefängnisse geoffnet, um die Einreihung möglichst vieler Abgeurteilten in das Heer zu erleichtern.

Aus Stockholm kommt die Nachricht, dass Deutschland trotz der Kriegszeiten die im Frieden abgeschlossenen Abkommen erfülle, indem es eine Reihe weiterer Heinkel-Jagdflugzeuge für die schwedische Luftwaffe punktllich geliefert habe.

In der von den sowjetrussischen Truppen besetzten West-Ukraine wurden Wahlen für die Nationalversammlung angekündigt. — Zwischen der Sowjetunion und Finnland finden gegenwärtig in Moskau wichtige politische Aussprachen statt.

Der ehemalige britische Premierminister Lloyd George schrieb in einem Artikel des „New York American“, dass die Reichstagsrede des Führers sehr wohl eine Grundlage für eine Friedenskonferenz bilde. Die englische Regierung möge ihre Antwort nicht ubersturen. Die Wienerherstellung Polens könne nicht gefordert werden, ohne gleichzeitig Sowjetrussland zu provozieren.

Die französische Regierung hat alle Abgeordneten der aufgelösten kommunistischen Partei festgesetzt. Nur die Gefangennahme der Parteiführer Thorez und Ducloux ist ihr bisher nicht gelungen. Ebenso wurden von 309 französischen Gemeinderäten 307 von ihrem Posten entfernt.

Der Reichskommissar für Preisbildung hat den Besitzer des Berliner Hotels „Exelsior“ zu einer Ordnungsstrafe von 300.000 Mark verurteilt, weil dieser in erheblicher Weise gegen die Preis- und Kriegswirtschaftsvorschriften verstossen hatte.

# Noch ist Polen nicht verloren!

kt. — Die jahrhundertalte „polnische Frage“ hat wieder einmal zu zahlreichen Werturteilen Anlass gegeben, die wir zwei Monate lang stillschweigend zur Kenntnis genommen haben. Nachdem die Frage nun aber durch das Uebereinkommen zwischen Deutschland und Russland zu einer, wenigstens vorläufigen, Lösung gelangt ist und der Weg zu einer endgültigen Bereinigung der Gegensätze nach dem Grundsatz der Achtung vor gewordener Volkstum und seinen natürlichen Lebensrechten sich immer deutlicher abzeichnet, wollen wir — uns nicht an der Polemik beteiligen, aber die am häufigsten wiederholten Behauptungen kurz nachprüfen.

Wir sehen dabei von dem Streit um die Schuldfrage ab. Warum der Krieg zwischen Deutschland und Polen unvermeidlich wurde, ist von zuständiger Stelle in aller nur wünschenswerten Ausführlichkeit behandelt worden, und wer heute die verantwortlichen Männer noch nicht kennt, der muss sich der Mühe unterziehen und einige Weissbücher sowie mehrere Reden der beteiligten Staatsmänner nachlesen und ihre Angaben vergleichen.

Die Ursachen zu der blutigen Auseinandersetzung liegen viel tiefer als der Anlass, in dem wir nichts weiter als ein Ergebnis des diplomatischen Spieles der europäischen Staaten und einiger grossen Interessengruppen sehen können. Sie hängen zunächst mit der geographischen Lage Polens zusammen.

Polen — so nennen wir das geschlossene polnische Siedlungsgebiet und nicht den polnischen Staat, dessen Ausdehnung im Laufe der Geschichte vielen Veränderungen unterworfen war — ist noch mehr als Deutschland ein Land der Mitte. Seine Grenzen sind schwer bestimmbar und nur im Süden durch den Gebirgszug der Karpathen deutlich betont und geschützt, gerade dort, wo das Land eines natürlichen Schutzes am wenigsten bedarf. Im Westen verlieren sie sich im nordostdeutschen Flachland, im Osten in der Weite des russischen Raumes. Im Norden erreichen sie nur durch junge Sprachinseln in kaschubischem und deutschem Gebiet in einem schmalen Zipfel das Meer, und dazu ein Meer, dessen Ausgänge zum freien Ozean ein Gegner in Kriegszeiten leicht sperren kann. Im Westen und Osten siedeln grosse Völker, Deutsche und Russen, die fast das gesamte polnische Sprachgebiet umschliessen und ihre Belange machtvoll verteidigen können. Die übrigen Grenzen, gegenüber den Tschechen, Slowaken und Litauern, sind zwar ihrer Ausdehnung nach unbedeutend, müssen aber im stetigen Sprachenkampf verteidigt werden und spielen darum auch politisch eine Rolle.

Aus einer solchen geographischen Lage ergeben sich zwangsläufig Verwicklungen mit den Nachbarn, wenn die Grenzen des Staates über die Volkstumsgrenzen hinausreichen, wenn die fremden Völker oder Volksteile im Staatsverband in ihren Rechten beeinträchtigt werden und schliesslich, wenn das Staatsvolk politisch und wirtschaftlich unfähig ist, im eigenen Hause Ordnung zu halten.

Wie steht es um diese Bedingungen? Zunächst: Die Polen sind von jeher Eroberer und Imperialisten gewesen, um die Sache durch einen heute oft missbrauchten Ausdruck zu kennzeichnen. Jedemal, wenn sich die Gelegenheit bot, sind sie aus ihrem Siedlungsraum erobert vorgestossen. Im Mittelalter gehörte ihnen zeitweise Pommern. In Pommern aber sasssen Slawen und dann Deutsche, keine Polen. Als der deutsche Orden das heutige Ermland, Danzig und das Korridorgebiet einbüsste, dehnte Polen für Jahrhunderte seine Herrschaft über Deutsche und Kaschuben aus. Ostpreussen, das lange unter polnischer Lehnshoheit stand, war nie von Polen besiedelt, sondern von den mit den Litauern verwandten Preussen und von Deutschen. Im 17. Jahrhundert, der Zeit seiner grössten Ausdehnung, umfasste das polnische Reich ein Vielfaches des eigentlichen Polens. Die Grenze verlief nördlich der Insel Oesel zum Peipussee, südöstlich bis zum Quellgebiet der Ugra, südlich bis an den unteren Dnjepr, dann nach Westen bis südlich Krakau, von wo sie sich bis zur Ostsee ungefähr mit der Grenze von 1919 deckte. Durch die abhängigen Gebiete erreichte der Polenstaat vorübergehend das Schwarze Meer. In diesem Reich machten die „Minderheiten“, Letten, Litauer, Weissrussen, Ukrainer, Juden und Deutsche, die grosse Mehrheit aus. Die berühmten drei Teilungen „Polens“ 1772, 1793 und 1795 zwischen Russland, Preussen und Oesterreich bedeuteten dementsprechend in erster Linie die Zertrümmerung eines lebensun-

fähigen Nationalitätenstaates. Die Aufteilung des polnischen Gebietes selbst war mehr eine Begleiterscheinung und durch Umstände hervorgerufen, an die ein Pole von Ehrgefühl sich nicht gern erinnert.

Als der polnische Staat nach mehr als einem Jahrhundert wiedererstand, es war im Weltkrieg, 1916 bzw. 1918, da verdankte er seine Auferstehung allein den deutschen Waffen und nach Deutschlands Zusammenbruch der englischen und französischen Hilfe. Aber kaum war Polen frei, als es schon wieder erobert vordrang und sich rücksichtslos deutsches, russisches, litauisches Gebiet und zuletzt 1938, auch noch einen Zipfel der ehe-

te lehrt aber, dass ein Recht auf Herrschaft nur dem Volk zukommt, das entweder durch den friedlichen Einfluss einer überwiegenden Kultur zur Verschmelzung der Fremdstämmigen fähig ist oder ihnen ein Recht auf freie Entfaltung ihrer Eigenart im Rahmen des übergeordneten Staatswesens zugesteht. Im alten polnischen Reich wie in der polnischen Republik nach dem Weltkrieg traf weder das eine noch das andere zu. Die Polen waren ihren Minderheiten zum Teil kulturell unterlegen, zum anderen Teil jedenfalls nicht überlegen. Aus dem Gefühl dieser Schwäche heraus schritten sie zur gewaltsamen Polonisierung und wandten dabei die verwerflichsten Mittel an.

## Der Marsch der Deutschen in Polen

Seit Wochen bringt der deutsche Rundfunk nach jeder Nachrichtensendung den Marsch „Weichsel und Warthe“, der den Untertitel trägt „Marsch der Deutschen in Polen“. „Der Marsch der Deutschen in Polen“ geht auf die Melodie des Feuerspruches von Heinrich Gutberlet zurück, der seit einer Reihe von Jahren bei vielen Veranstaltungen des Deutschtums in Polen gesungen wurde. Dieser Feuerspruch hat folgenden Text:

„Was auch daraus werde:  
Steh' zur deutschen Erde,  
Bleibe wurzelstark!  
Kämpfe, blüte, werbe  
Für dein höchstes Erbe!  
Sicge oder sterbe,  
Deutsch sei bis ins Mark!  
Was dich auch bedrohe:  
Eine heil'ge Lohe  
Gibt dir Sonnenkraft!  
Lass dich nimmer knechten,  
Lass dich nie entrechtet!  
Gott gibt den Gerechten  
Wahre Heldenschaft!“

Der Heeresobermusikinspizient Professor Schmidt hat unter Benutzung der Melodie des Feuerspruches aus diesem Lied den Marsch „Weichsel und Warthe“ geformt, der unter seinem Untertitel „Marsch der Deutschen in Polen“ zu einem der beliebtesten „Märsche des deutschen Volkes geworden ist, genau so wie vor einem Jahr der „Egerländer Marsch“ sich in wenigen Tagen in ganz Deutschland durchsetzte und heute zu den bekanntesten deutschen Märschen gehört.

nicht ausser acht lassen, dass die Polen sich zur Staats- und Wirtschaftsführung immer unfähig erwiesen haben. Neben der Tyrannei dem Fremdvölkischen gegenüber entwickelte sich ein Liberalismus, der aller Vernunft Hohn sprach und seinen beredten Ausdruck in dem „Liberum Veto“ der alten polnischen Reichstage fand, dem Grundsatz, dass Beschlüsse nur bei Stimmeneinheit zustandekommen sollten. Die „Erkrankung an allzu grosser Freiheit“ war die Todesursache des alten Staates. Alles diente dem Eigennutz, nichts dem Gemeinnutz. Einen König, Jan Kasimir, zwang man, die Witwe seines Bruders zu heiraten, um dem Reich die Unterhaltungskosten für zwei Königinnen zu ersparen. Erst Einzelne, dann ganze Parteien verrieten das Land gegen Bezahlung, und schliesslich selbst die Könige. Aus der Zeit der Teilungen liegen aufschlussreiche Berichte fremder Diplomaten vor, die diese Zustände schildern; es lohnt sich besonders, die Darstellungen der englischen und französischen Gesandten zu lesen.

Den politischen Zuständen entsprachen die wirtschaftlichen. Seit dem 16. Jahrhundert mehren sich die Klagen über fortschreitende Unordnung. Die Schlacht, der zahlenmässig starke Landadel, führte in seinen Anfängen ein Leben auf Kosten der Bauern, später verarmte und verrohte er selbst. König Stanislaus Leszezynski, der 1766 starb, der Schwiegervater Ludwigs XV. von Frankreich, kennzeichnete sein Reich als „das einzige Land, in dem die Masse des Volkes aller Rechte der Menschheit entbehrt“. — Eine polnische Redewendung aus der Zeit der Auflösung lautet: „Polen behauptet sich durch Unordnung.“ Das deutsche Wort von der „polnischen Wirtschaft“ ist auch keine Erfindung der freien Phantasie.

Friedrich der Grosse urteilte, als er 1772 Westpreussen erwarb und in Pflege nahm, sein „Kanada“ mit „Halbwilden“, er halte Kanada für ebenso gesittet wie dieses mit keinem anderen europäischen Land zu vergleichende Polen. In den Akten jener Tage lesen wir: „Keine Ordnung, alles ausser Rand und Band. Kulm z. B. sollte 800 Häuser haben, nicht hundert stehen.“ Die Stadt Bromberg zählte 600 Einwohner. Vom Netzegebiet erfahren wir: „Das Land wüst und leer, die Viehrassen schlecht und entartet, das Ackergerät höchst unvollkommen, bis zur Pflugschar alles ohne Eisen, die Aecker ausgesogen, voll Unkraut und Gestein.“ Die Wohnhäuser waren zumeist „in den schlechtesten Umständen und mehr Viehställen ähnlich“. Die Domänenbauern lebten in Sklaverei und Leibeigenschaft, aus der Friedrich der Grosse sie sofort befreite. Polnisches Bürgertum und einen polnischen Handwerkerstand gab es nicht. Das war das Ergebnis der dreihundert Jahre polnischer Herrschaft.

Dieses Land ist, nachdem es 1772 und 1793 wieder unter deutsche Verwaltung gekommen war, in fast 150 Jahren aufgeblüht und zu einer der Kornkammern Europas geworden;

## Barata e boa luz



maligen Tschecho-Slowakei aneignete. Das Ergebnis war wiederum ein Nationalitätenstaat, der bei seiner Vernichtung fast 36 Millionen Einwohner zählte. Davon waren etwa 21 Millionen Polen und 15 Millionen Ukrainer, Weissrussen, Juden, Deutsche und sonstige Minderheiten. Auf 100 Einwohner kamen 64 Polen und 36 andere Volksangehörige. Im Grossdeutschen Reich einschliesslich des Protektorats Böhmen und Mähren kommen auf 90 Deutsche 10 Nichtdeutsche. Das sind Zahlen, die den journalistischen Gegnern des angeblichen „deutschen Imperialismus“ zu denken geben sollten. Es gab in Europa nach Versailles nur einen Staat, in dem das Staatsvolk zahlenmässig noch schwächer war, die Tschecho-Slowakei.

Soweit sich das Werden der Staaten zurückverfolgen lässt, hat es immer Völker gegeben, die andere beherrschten, und es wird auch in Zukunft nicht anders werden. Die Perser stellten eine Minderheit im Persischen Reich dar, die Römer im Römischen, die Engländer herrschen heute über ein Zehnfaches an Fremdvölkern, und von den 100 Millionen „Franzosen“ des heutigen französischen Imperiums sind knapp 40 Millionen Franzosen dem Volkstum nach, die übrigen Berber, Araber, Neger, Asiaten, Indianer und andere. Wir sind deshalb weit davon entfernt, an diese Erscheinung einen anderen als den geschichtlichen Massstab zu legen. Die Geschich-

Zahllose Dokumente aus der Zeit nach 1918 sprechen eine erschütternde Sprache. Unbeschreibliche wirtschaftliche und seelische Not der Unterdrückten waren die Folge. Die Folge war aber auch die Freude, mit der die deutschen und russischen Truppen begrüsst wurden, von mehr als 10 Millionen Menschen als Befreier von blutiger Tyrannei bejubelt. Der überraschend schnelle Zusammenbruch der polnischen Republik, deren Schicksal bereits nach acht Tagen des Kampfes besiegelt war, ist neben der Tüchtigkeit der deutschen Soldaten auch dem Verhalten der Polen gegenüber ihren nichtpolnischen Mitbürgern zuzuschreiben. Wer heute in Telegrammen und Artikelserien bis zum Ueberdruß vom „polnischen Märtyrertum“ und dem „heldenhaften Kampf gegen die deutsche Barbarei“ spricht, kann keinen Anspruch auf geschichtliche Wahrheit erheben. Ehre, wem Ehre gebührt. Auch dem polnischen Helden und Verteidiger seines Landes. Doch Ehre auch dem Soldaten, der durch entschlossenen Einsatz Millionen von grausam unterdrückten Menschen aus der Knechtschaft befreit und ihnen das Leben wieder lebenswert gemacht hat.

Hiermit sind die innerpolitischen Verhältnisse in dem alten Polenstaat wie in der Versailler Republik bereits gestreift worden. Will man aber die Auflösung des Staates im 18. Jahrhundert und den jetzigen schnellen Zusammenbruch ganz verstehen, so darf man

### RADIO TELEFUNKEN

VERTRETER IN ALLEN STAATEN BRASILIENS

**SIEMENS-SCHUCKERT S. A.**

RIO DE JANEIRO      SÃO PAULO

RUA GENERAL CAMARA, 87      RUA FLOR. DE ABREU, 43

in reichen Städten regte sich ein stolzes Bürgertum. Aber weitere 25 Jahre nach Versailles genügte es, in seiner wirtschaftlichen und kulturellen Struktur zu zerstören, Bürger gegen Bürger zu blutigem Hass zu erregen und aus ihm einen der Brandherde Europas zu machen.

Diese Feststellungen waren nötig, um ein einseitiges und falsches Bild zu beseitigen, das politischen Zwecken dient, die mit dem Wohl und Wehe Polens nichts gemein haben. Das polnische Volk hat gewiss ein gerütteltes Mass an Schuld auf sich geladen. Es hat oft den schlechtesten Elementen freie Hand gelassen, so bei der Unterdrückung der

Minderheiten. Es ist mehr als andere Völker verderblichen Illusionen nachgelaufen. Es hat nicht die Kraft zur Vertreibung einer unfähigen und gewissenlosen Führerschicht gefunden und sich damit zum Spielball fremdpolitischer Interessen gemacht.

Das polnische Volk besteht aber nun einmal, ist eine geschichtliche Tatsache. Nur lautet die Frage, um die es heute geht, nicht, ob man diesen angeblichen Vorkämpfern der Zivilisation, der Humanität und freiheitlicher politischer Einrichtungen durch ein Menschenopfer von unvorstellbaren Ausmassen die Grenzen ihres Versailler Nationalitätenstaates wiederverschaffen oder noch über Ostpreus-

sen hinweg und bis an die Oder erweitern und damit den Brandherd womöglich noch ausdehnen soll. Heute darf man nur noch fragen, wie aus dem Brandherd am schnellsten und besten wieder ein Herd friedlicher Gesittung werden kann. Wie aus dem Hass sich Verständnis und Achtung vor dem Recht des Nächsten entwickelt, aus der Unterdrückung das gleiche Lebensrecht für alle, die nun einmal gezwungen sind, in demselben Raum beieinander zu leben.

Polen hat immer versagt, wenn es Herr über sein und seiner Nachbarn Geschick war. Es hat sich und andere stets von Verwirrung zu Verwirrung hingerissen, von einer

Not in noch grössere Nöte. Das polnische Volk wird aber, wie alle Völker, zum guten Teil das sein, was seine Führung aus ihm macht. Es wird nun, auf seinen Siedlungsraum beschränkt unter besserer Führung, zeigen können, ob es aus seiner eigenen Geschichte gelernt hat, ob es aus seinem Unglück Kraft gewinnt und in Anlehnung an seinen grösseren Nachbarn zum Aufbau einer neuen und besseren Ordnung in Europa beitragen will. Zu einer Ordnung, die, auf Gerechtigkeit und gegenseitiger Achtung errichtet, einen gesunden und festen Frieden verbürgt.

Dann ist Polen nicht verloren, und Europa wird um einen Segen reicher sein.



Generalfeldmarschall Göring



Reichsinnenminister Dr. Frick



Reichsminister Dr. Lammers

„Aconteça o que acontecer: se fiel á terra alemã. — O regente de musica militar, prof. Schmidt, compoz a «Marcha dos Allemaes na Polonia» que, em poucos dias, se divulgou por toda a Alemanha.



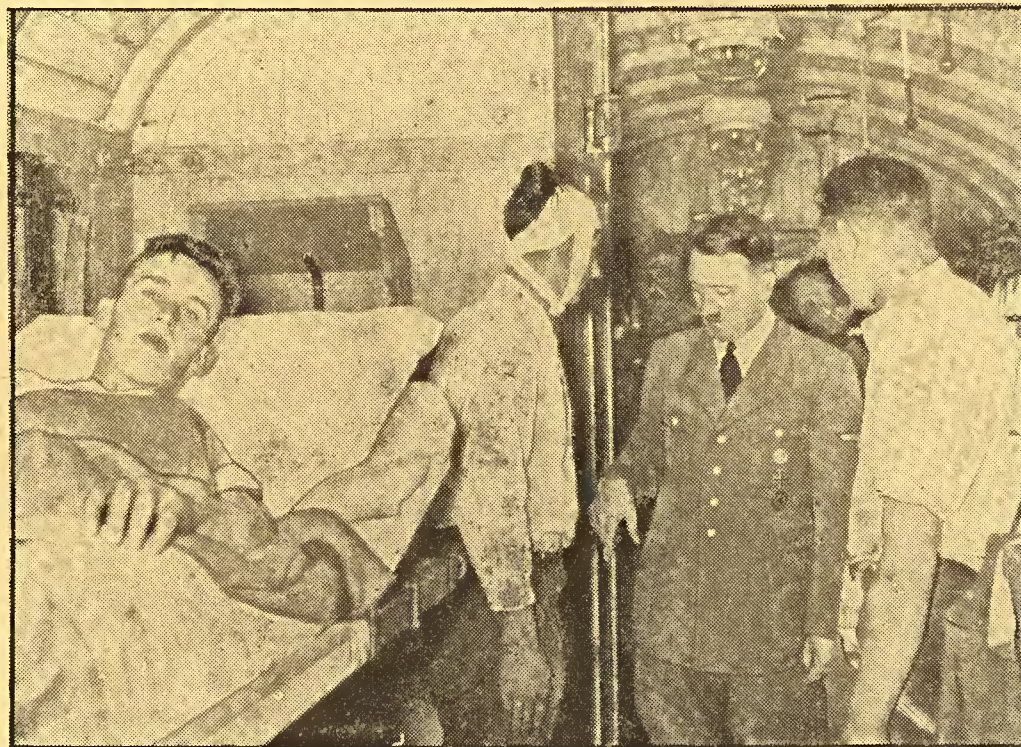
„Was auch daraus werde: Steh' zur deutschen Erde“  
Heeresobermusikinspizient Prof. Schmidt komponierte den „Marsch der Deutschen in Polen“ der in wenigen Tagen in ganz Deutschland bekannt wurde. Der Text des Marsches ist jener Feuerspruch von Heinrich Gutberlet, der bei Veranstaltungen des Deutschtums in Polen seit Jahren gesprochen wurde.

A Nossa Senhora de Tschenschow, intacta, vista por um jornalista norte-americano. — O radio polonez havia divulgado uma noticia, segundo a qual a imagem da Nossa Senhora de Tschenschow, a figura mais santa dos polonezes, havia sido destruida pelas tropas alemãs. A noticia não passa de pura iuvenconice, conforme o prova esta photographia tirada em 5 de setembro, durante a missa, em presenca do jornalista norte-americano Lochner que se ve no proscenio, á esquerda. A imagem sacra, intacta, póde ser vista entre as varetas. De pé, tres officiaes alemães.



Amerikanischer Journalist besichtigt die „Schwarze Madonna“ von Tschenschow. — Der polnische Rundfunk hatte eine Meldung verbreitet, nach der das grosse polnische Heiligtum, die „Schwarze Madonna von Tschenschow, von deutschen Truppen vernichtet sein sollte. Diese Meldung ist frei erfunden, wie dieses Bild beweist, das in Anwesenheit des amerikanischen Journalisten Lochner während der Messe aufgenommen wurde. Es zeigt den amerikanischen Journalisten (stehend links im Vordergrund) während des Gottesdienstes am 5. September. Die unversehrte Madonna ist zwischen den Stäben zu sehen. Gleich hinter dem Gitter deutsche Offiziere.

Hitler não se esquece de nenhum soldado. — Em sua viagem para a frente oriental, o Fuehrer se encontrou com um trem-lazaretto a caminho da Alemanha. Hitler se deteve deante de cada soldado, interrogando-o sobre a gravidade dos seus ferimentos e agradecendo-lhe a bravura patenteada. Essa visita do Fuehrer constituiu um acontecimento que jamais será esquecido.



Der Führer denkt an jeden deutschen Soldaten. — Auf seiner Frontreise begegnete der Führer einem Verwundetentransport, der auf dem Wege von der Ostfront nach der Heimat war. Bei jedem einzelnen Soldaten erkundigte sich der Führer nach der Schwere der Verletzungen und sprach ihm seinen Dank für die bewiesene Tapferkeit aus. Für die Soldaten war dieser Besuch des Führers ein unvergessliches Erlebnis.



Reichsminister Rudolf Hess



Reichswirtschaftsminister Funk



Generaloberst Keitel

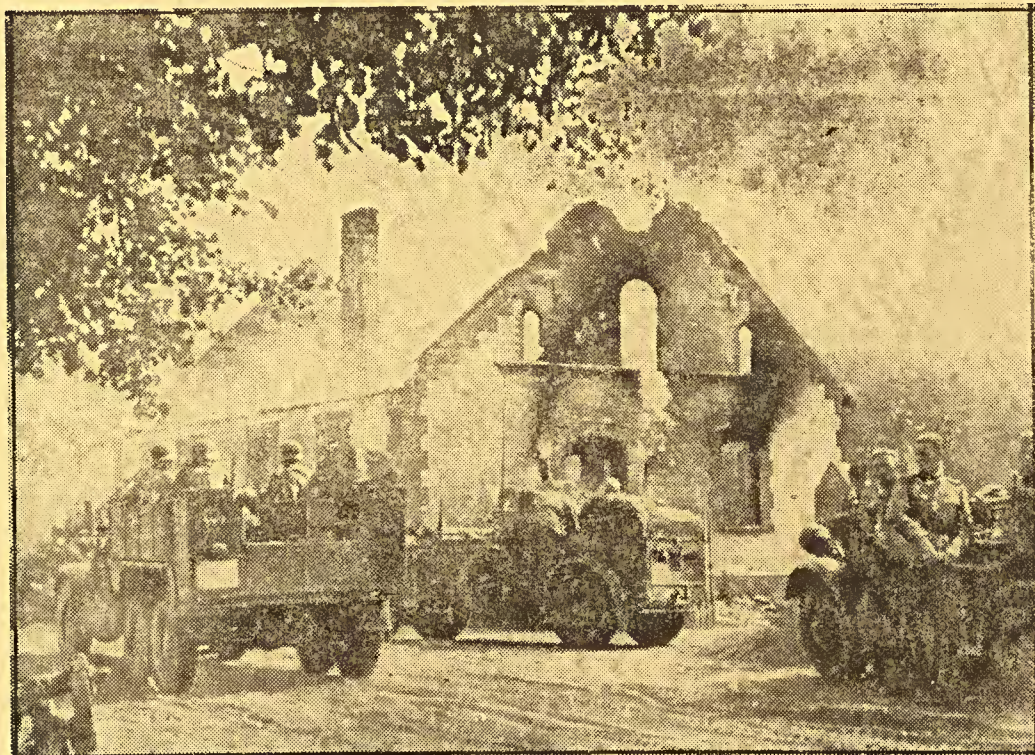
Mr. Winston Churchill. — O nome do Primeiro Lord do Almirantado britannico esteve muito em evidencia, quando das discussões em torno do caso do transatlantico «Athenia».



Mr. Churchill, der Erste Lord der britischen Admiralität, dessen Name anlässlich der Versenkung der „Athenia“ des öfteren genannt wurde.

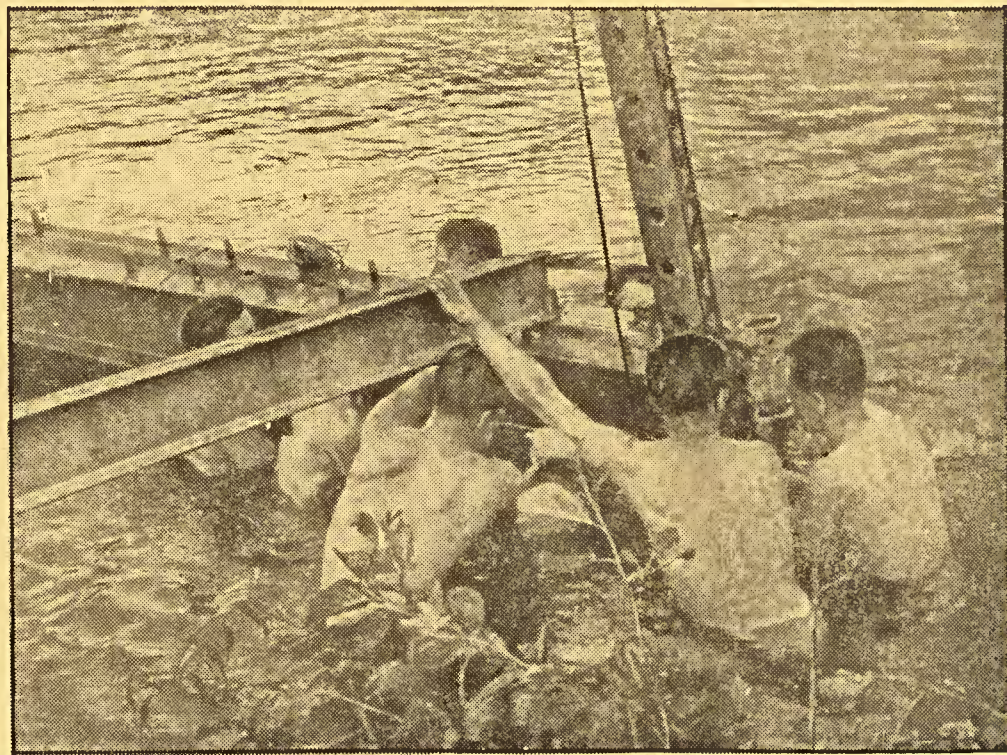
# Bilder vom deutschen Feldzug in Polen

Depredações polonezas. — Antes de sua retirada através do rio Brahe, os polonezes incendiaram todas as herdades alemãs. As tropas motorizadas alemãs não mais chegaram a tempo de salvar as edificações.



Sie liessen ihre Wut aus. — Kurz vor ihrem Rückzug über die Brahe steckten die Polen sämtliche deutschen Gehöfte in Brand. Unsere vordringenden motorisierten Truppen konnten die Gebäude nicht mehr retten.

Reparando uma ponte destruída pelos polonezes. — O cliché mostra os pioneiros trabalhando febrilmente no concerto de uma ponte dynamitada pelos polonezes, por ocasião de sua retirada.



Bis zu dem Bauch im Wasser stehend. — Eine von den Polen bei ihrem Rückzug gesprengte Brücke muss in Eile ersetzt werden. Bis zu dem Bauch im Wasser stehend, arbeiten unsere Pioniere fieberhaft.

Soldados alemães camaradas. — O soldado alemão respeita o adversário recto, mesmo que tenha sido vencido. A photographia mostra soldados teutos dividindo com soldados polonezes feridos os ultimos cigarros.



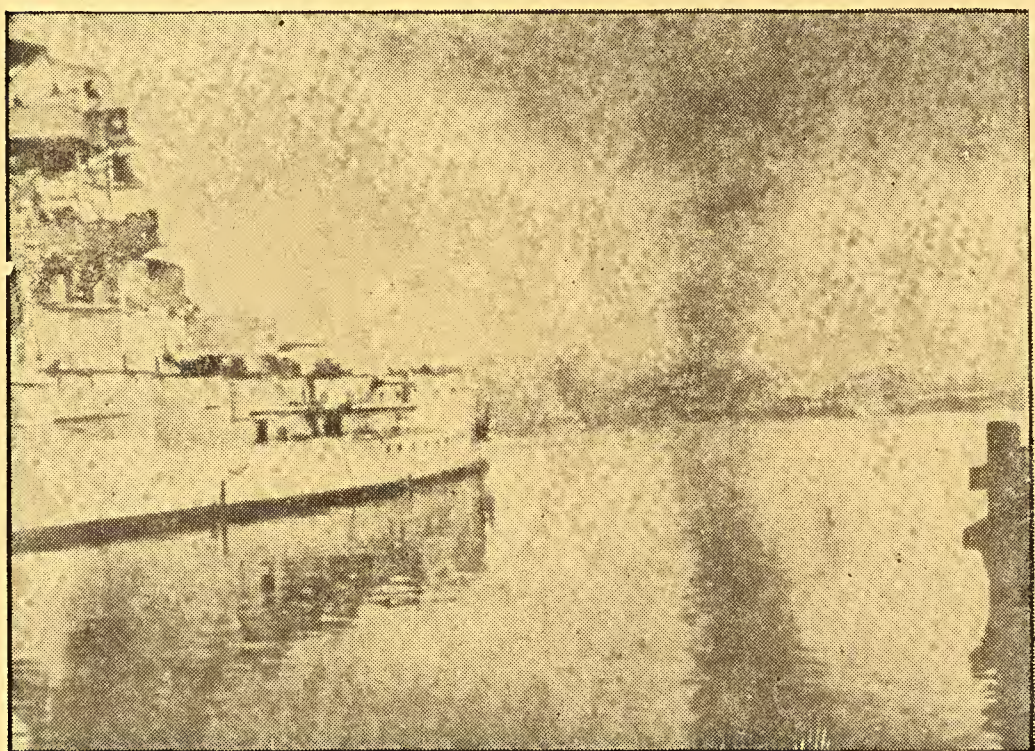
Deutsche Soldaten! — Der deutsche Soldat achtet den ehrlichen Gegner, auch wenn er unterlegen ist. Soldaten der Panzerdivision teilen mit verwundeten polnischen Soldaten die letzten Zigaretten.

Os morticínios em massa em Bromberg. — Dous alemães, de Bromberg (Polonia), barbaramente assassinados. Photographia tirada em 6 de setembro.



Die Massenmorde von Bromberg. — Zwei der auf entsetzliche Weise hingemetzelten Volksdeutschen aus Bromberg, aufgenommen am 6. September.

Bombardeamento e ocupação da Westerplatte. — Em 1o de setembro, a Westerplatte foi canhoneado com sucesso pelo vaso de guerra «Schleswig-Holstein». Ve-se, na photographia, o efeito dos tiros.



Erstes Bild von der Beschiessung und Besetzung der Westerplatte. — Am 1. September 1939 wurde die Westerplatte vom Linienschiff „Schleswig-Holstein“ erfolgreich beschossen. Unser Bild zeigt die Einschläge auf der Westerplatte. Im Vordergrund das Linienschiff.

Prisioneiros polonezes. — A primeira comida alemã, bem preparada e abundante: eis a grande surpresa para os prisioneiros, aos quaes se havia mentido, que a Alemanha não faria prisioneiros, de vez que não podia alimentar-os.



Polnische Gefangene. — Das erste deutsche Essen, in seiner Zubereitung und Reichhaltigkeit — das war die grosse Ueberraschung für die Gefangenen, denen man vorgelogen hatte, dass Deutschland keine Gefangenen mache, da es sie nicht ernähren könne.

# Für die Neuordnung Europas!

## Die Erklärung des Führers vor dem Deutschen Reichstag Der Feldzug in Polen und die deutschen Friedensvorschläge

Berlin, 6. (T.-O. - Agencia Allemā) Vor dem Reichstag hat am vergangenen Freitagmittag der Führer Adolf Hitler nach siegreicher Beendigung des Feldzuges in Polen in einem grossen Programm den Friedenswillen des neuen Deutschlands vor aller Welt dokumentiert. Zehntausende umsäumten die Anfahrtsstrassen zur Krolloper und umjubelten den Führer, als er sich von der alten Reichskanzlei zur Reichstagssitzung begab. Ueber der fahngeschmückten Reichshauptstadt wölbte sich ein strahlend blauer Herbsthimmel. Im Reichstag selbst waren die Abgeordneten bereits seit 11.30 Uhr vollzählig versammelt, viele von ihnen im feldgrauen Rock, wie sie gerade von der Front zurückgekommen waren. Eine grosse Zahl von ihnen trug das Eisener Kreuz. Ein Platz war leer und mit Lorbeer geschmückt, derjenige des Abgeordneten SA-Gruppenführers Meyer-Quade, der auf dem Feld der Ehre gefallen war.

Pünktlich auf die Minute traf der Führer im schlichten feldgrauen Rock im Sitzungssaal ein, von den Abgeordneten schweigend mit erhobenen Armen begrüsst. Nach einer kurzen Eröffnungsansprache Hermann Görings nahm sogleich der Führer das Wort zur Abgabe der Erklärung der Reichsregierung, deren Uebertragung auf einer Unzahl deutscher und ausländischer Sender erfolgte.

Nachdem der laute Beifall verauscht war, begann der Führer seine Rede unter eindrucksvollem Schweigen.

„Abgeordnete, Männer des Reichstages! In einem schicksalsschweren Augenblick haben Sie, meine Abgeordneten, sich als Vertreter des Volkes hier versammelt. Am 1. September dieses Jahres hatte ich Ihnen von den damals schweren Entschlüssen Kenntnis geben müssen, zu denen uns die unnachgiebige und herausfordernde Haltung eines Staates zwang. Seitdem sind fünf Wochen vergangen. Wenn wir uns heute von neuem zusammenfinden, so geschieht dies, um uns Rechenschaft abzugeben über das Vergangene und Klarheit zu schaffen über das, was die Gegenwart und — so weit dies möglich ist — die Zukunft erfordern.

### Der Feldzug in Polen

Seit zwei Tagen sind unsere Städte mit den Fahnen und den Symbolen des neuen Reiches geschmückt. Städte und Dörfer hallen wider von dem Geläute der Glocken, das deutsche Volk feiert einen grossen Sieg, der einzig in seiner Art dasteht in der Geschichte. Ein Staat von nicht weniger als 36 Millionen Bewohnern, ein Heer von einigen 50 Infanterie- und Kavalleriedivisionen haben sich uns entgegengestellt, ihre Ziele überstiegen alles Mass, der Glaube, unser Reich zerstören zu können, erschien ihnen als ganz natürlich — aber acht Tage, nachdem dieser Kampf begonnen war, hatte sich das Schicksal dieses Krieges auch entschieden. Wo auch immer die polnischen Truppen mit den deutschen Formationen sich begegneten, wurden jene zurückgeworfen oder vernichtet. Der kühne Plan einer strategischen Offensive Polens gegen das Reichsgebiet scheiterte in den ersten 48 Stunden des Feldzuges. Todesmutig beim Angriff und unermüdet in ihren unvergleichlichen Marschleistungen nahmen die deutschen Divisionen, die Flugwaffe und die Tanks wie auch die Flotteneinheiten die Initiative in ihre Hand. Keinen Augenblick konnten ihnen diese entzogen werden. Nach 14 Tagen war der grösste Teil des polnischen Heeres aus seinen Stellungen geworfen, gefangen oder vernichtet. In diesem Zeitraum haben die deutschen Heere Entfernungen überwunden und ein Gebiet besetzt, zu dessen Eroberung vor 25 Jahren mehr als 14 Monate notwendig waren, wenn auch einige geistreiche Strategen der gegnerischen Weltpresse es so darstellen wollten, als wenn der Rhythmus dieses Feldzuges eine schmerzliche Enttäuschung für Deutschland gewesen sei. Wir alle aber wissen, dass erst jetzt in der Kriegsgeschichte ein so gewaltiges Unternehmen hat verwirklicht werden können.

Wenn die letzten Reste der polnischen Heere sich bis zum 1. Oktober in Warschau, in Modlin und auf Hela halten konnten, so war dies nicht wegen ihres Wertes, sondern wegen unserer ersten Berechnungen und unseres Verantwortungsgefühls: ich hatte verboten, mehr Menschenleben zu opfern, als unbedingt notwendig wäre. Das heisst, das deutsche Oberkommando war frei von dem Gedanken, der im Weltkriege herrschte, gewisse Probleme im Namen des Prestiges unter allen Umständen und innerhalb einer bestimmten Zeit lösen zu müssen. Was unbedingte getan werden musste, ist auch getan worden, ohne auf die Opfer Rücksicht zu nehmen. Was aber hat vermieden werden können, ist auch vermieden worden.

### Der Kampf um Warschau

Es wäre für uns absolut kein Problem gewesen, den Widerstand Warschaus zwischen dem 10. und 12. September zu brechen, wie wir ihn vom 25. bis 27. gehrochen haben. Aber einmal und vor allem wollte ich deut-

sche Menschenleben schonen, und zweitens liess ich mich von der Erwartung bestimmen, dass vielleicht doch einmal in Polen die Vernunft und das Verantwortungsbewusstsein über einen unverantwortlichen Wahnsinn triumphieren würden. Aber gerade hier wiederholte sich, wenn auch in kleineren Ausmassen, das gleiche Schauspiel, das wir schon vorher im Grossen erlebt hatten: Der Versuch, das verantwortliche polnische Oberkommando — wenn es ein derartiges Oberkommando gab — von der Nutzlosigkeit, ja von dem Wahnsinn eines Widerstandes vor allem in einer Stadt mit Millionen Bewohnern zu überzeugen, ist gescheitert. Ein Generalissimus, der für seinen Teil in einer wenig ruhmvollen Weise die Flucht ergriff, zwang die Hauptstadt seines Landes zu einem Widerstand, der, bis zum äussersten getrieben, zur vollständigen Vernichtung hätte führen müssen. Man verstand, dass die Befestigungen Warschaus an sich allein einen deutschen Angriff nicht mit genügend Sicherheit würden Widerstand leisten können, und so wurde die ganze Stadt in eine Festung verwandelt, überall wurden Barrikaden errichtet, Batterien wurden auf den Plätzen, in den Strassen und auf Höfen aufgestellt, Maschinengewehre wurden gebaut und die ganze Bevölkerung wurde aufgefordert, sich am Kampf zu beteiligen.

Nur aus Mitleid mit den Frauen und Kindern habe ich den Machthabern in Warschau angeboten, zum mindesten die Zivilbevölkerung aus der Stadt herauszulassen, und habe einen Waffenstillstand im Kampfe vorgeschlagen, die Sicherung der notwendigen Strassen für den Abzug angeboten, aber wir warteten alle auf einen Parlamentär ebenso vergeblich, wie wir seinerzeit Ende August auf einen polnischen Delegierten gewartet hatten. Der stolze polnische Stadtkommandant hielt uns nicht einmal für würdig, uns eine Antwort zu geben. Ich liess die Frist auf jeden Fall noch einmal verlängern, ich gab den Bombenflugzeugen und der schweren Artillerie Befehl, nur rein militärische Ziele anzugreifen und wiederholte mein Angebot. Es war wieder vergebens. Hierauf bot ich an, einen ganzen Stadtteil, den Stadtteil Praga, überhaupt nicht zu beschliessen und ihn für die Zivilbevölkerung zu reservieren. Ich gab damit dieser Gelegenheit, sich dorthin zurückzuziehen; aber auch dieser Vorschlag wurde von den Polen in den Wind geschlagen. Zweimal habe ich versucht, wenigstens die internationale Kolonie aus der Stadt zu entfernen. Das ist ja nun schliesslich mit grossen Schwierigkeiten auch gelungen, und, was die russische Kolonie anlangt, erst in der letzten Minute. Ich gab darauf für den 25. September den Befehl für den Anfang des Angriffs.

Die gleiche Verteidigung, die es vorher für ihrer unwürdig hielt, auch nur die humanen Vorschläge anzuhören, die ich gemacht hatte, hat dann sicher ihre Haltung mit ausserordentlicher Schnelligkeit geändert. Am 25. begann der deutsche Angriff und am 27. kapitulierte sie mit 120.000 Mann. Sie wagte keinen kühnen Ausfall, wie es unser General Litzmann mit sehr viel geringeren Streitkräften eines Tages in Basesny versuchte, sondern sie zog es vor, die Waffen niederzulegen, und man kann sie daher auch in keiner Weise mit derjenigen des Alcázar vergleichen. Hier hatten ganze Wochen hindurch die spanischen Helden den schwersten Angriffen standgehalten und sich damit zu vollem Rechte verewigt. Hier aber liess man, ohne sich irgendein Gewissen daraus zu machen, eine grosse Stadt zerstören und kapituliert dann nach 48 Stunden des Angriffs.

Der polnische Soldat, als einzelner gesehen, hat tapfer an verschiedenen Stellen gekämpft, aber ihre Befehlshaber waren, wenn auch in ihrem Hochmut unwiderstehlich, so doch skrupellos und unfähig.

Auch vor Hela habe ich den Befehl gegeben, dass nicht ein einziger Mann ohne eingehende Vorbereitung geopfert werden soll. Auch hier erfolgte die Uebergabe in dem Augenblick, als schliesslich der deutsche Angriff als bevorstehend erkannt wurde.

### Der deutsche Soldat

Ich sage das, meine Abgeordneten, um allen Legenden vorzubeugen, die sich bilden. Denn wenn in diesem Feldzug sich eine Legende um irgendeinen bilden kann, dann kann dies nur um den deutschen Soldaten sein, der im Angriff und auf dem Marsche seiner ruhmreichen und unvergleichlichen Geschichte ein neues Kapitel hinzugefügt hat. Sie kann sich bilden um die schweren Waffen, die wetteiferten in dem nichterlahmenden Bemühen, der Infanterie zu Hilfe zu kommen und sie zu schützen. Würdig einer solchen Legende sind die Männer unserer Tanks, die mit kühner Entschlossenheit, ohne Rücksicht auf die zahlenmässige Ueberlegenheit und den Widerstand, unaufhörlich zum Angriff schritten, und zuletzt kann die Legende sich auch um jene heldenhaften Flieger bilden, die wussten, dass, wenn die feindlichen Schüsse sie nicht in der Luft töteten, sondern sie zur Landung auf feindlichem Boden zwangen, sie dort eine fürchterliche Marter erwartete. Sie machten ihre Beobachtungen

mit einer unvergleichlichen Kühnheit, griffen mit Bomben und Maschinengewehren dort an, wo der Angriff befohlen war oder wo sich ihnen ein Ziel zeigte. Und ebenso war es mit den Helden unserer Unterseeboote.

Wenn ein Staat von 36 Millionen Bewohnern und von einer solchen militärischen Stärke in vier Wochen vollkommen vernichtet wird, und wenn während dieser ganzen Zeit der Sieger nicht eine einzige Niederlage erleidet, so darf man darin nicht das Wohlwollen einer besonderen Vorsehung erblicken, sondern den Beweis für eine vorzügliche Vorbereitung für eine gute Befehlsgewalt und einen einzigartigen Heldenmut. Der deutsche Soldat trägt heute wieder den Lorbeerkrantz, den man ihm im Jahre 1918 in feiger Weise entzogen hatte. Wir alle danken auf tiefste bewegt den vielen Tapferen, Unbekannten und Namenlosen unseres grossen Volkes, die zum ersten Male aus allen Zonen Grossdeutschlands zu den Waffen geeilt sind. Das Blut, das sie gemeinsam vergossen haben, wird sie mit einem stärkeren Band vereinen, als jeder politische Aufbau. Uns alle erfüllt das Bewusstsein dieser Kraft unseres Heeres mit Ruhe, dieser Kraft, die sich erweisen hat nicht nur beim Angriff, sondern auch bei der Erhaltung des Eroberten. Die glänzende Vorbereitung der Offiziere und Soldaten, dieser Vorbereitung ist die äusserst geringe Zahl der Verluste zu verdanken, die, so schmerzlich sie an sich auch sind, insgesamt doch sehr viel geringer sind als wir befürchteten und erwarten mussten. Sicher ist, dass die Gesamtzahl dieser Verluste nicht eine Idee von der Härte der Entbehrungen und der Kämpfe gibt. Denn es hat Regimenter und Divisionen gegeben, die von zahlenmässig überlegenen polnischen Streitkräften angegriffen wurden oder die während des Angriffes auf heftigen Widerstand stiessen und grosse Verluste erlitten. Ich glaube, ich brauche nur ein Beispiel unter vielen Episoden aus der grossen Reihe von Schlachten und Kämpfen herauszugreifen, die sich einander so schnell folgten. Als zum Schutze der Armee des Generals von Reichenau, die auf die Weichsel vorrückte, auf ihrem linken Flügel gestaffelt die Divisionen der Armee des Generals Blaskowitz sich auf Warschau zu bewegten mit dem Auftrage, den Angriff der polnischen Zentralarmee auf die Flanke der Armee des Generals von Reichenau aufzufangen, da griffen in einem Augenblick, als man glauben musste, dass die polnischen Armeen sich schon auf dem Rückzuge und jenseits der Weichsel befanden, diese die Armee des Generals Blaskowitz auf dem Vormarsch an. Es war ein verzweifelter Versuch der Polen, den Ring zu durchbrechen, der sich um sie schloss. Viel polnische Divisionen und einige Kavallerieabteilungen stürzten sich auf eine einzige deutsche aktive Division, die auf eine Linie von fast 30 Kilometern auseinandergezogen werden musste. Trotz der zahlenmässigen Ueberheit des Feindes er war fünf- bis sechsmal stärker, und trotz der Ermüdung unserer eigenen Truppen, die schon seit Tagen kämpften und marschierten, fing diese Division den Angriff auf und warf ihn, teilweise in blutigem Nahkampf, zurück; sie gab keinen Fussbreit Boden preis, bis die nötigen Verstärkungen herbeigezogen waren, und während der feindliche Rundfunk schon triumphierend die Nachricht von der Durchbrechung der Einschliessung in Richtung auf Lodz berüchtete, teilte mir der Divisionskommandeur, der durch feindliche Kugeln am Arm verwundet worden war, mit, wie der Angriff verlaufen war, wie der Durchbruch verhindert wurde, wie tapfer sich seine Soldaten gehalten haben.

Hier waren die Verluste sicherlich gross. Eine deutsche Reservdivision hatte den Auftrag, zusammen mit einigen anderen Einheiten auf die Polen im nördlichen Teile des Korridors einen Druck auszuüben. Gdingen zu nehmen und in Richtung auf die Halbinsel Hela weiter vorzurücken. Dieser Reservdivision gegenüber lagen ausgewählte Einheiten polnischer Truppen, Marinetruppen, Kriegsschüler und Unteroffizierschüler, Marineartillerie und Kavallerie. Sicher und fest rückte diese deutsche Reservdivision vor und ging an die Lösung einer taktischen Aufgabe, die ihr gegenüber einem auch zahlenmässig sehr weit überlegenen Gegner gestellt war. Gleichwohl, in wenigen Tagen war der polnische Feind von Stellung auf Stellung zurückgeworfen. Es wurden 12.000 Gefangene gemacht. Gdingen befreit. Oxböft im Sturm genommen und weitere 4700 Mann auf die Halbinsel Hela abgedrängt und abgeriegelt.

Als die Gefangenen abtransportiert wurden, bot sich ein ergreifendes Bild. Die Kolonnen der Gefangenen, alles junge Menschen von 20 bis 28 Jahren, zogen an den Siegern vorbei, die zum grössten Teil Männer im reifen Alter waren, viele von ihnen mit den Auszeichnungen aus dem Weltkriege auf der Brust.

Wenn ich Ihnen jetzt die Zahl unserer Toten und Verwundeten mitteile, so bitte ich Sie sich von Ihren Tränen zu erheben. Wenn auch diese Zahl, dank der Ausbildung unserer Truppen, dank der Wirkung unserer Waffen und dank dem Kommando unserer Einheiten nur den 20. Teil von dem ausmacht,

was wir zu diesem Feldzuge haben einsetzen müssen, so wollen wir doch nicht vergessen, dass jeder einzelne von denen, die ihr Leben liessen, sich gepfirt hat für sein Volk und für unser Reich, das Grösste, was ein Mann für sein Volk tun kann.

### Die deutschen Verluste

Nach den Daten vom 30. September 1939, die seitdem keine wesentlichen Aenderungen erfahren haben, hat es im Heer, in der Marine und in der Flugwaffe einschliesslich der Offiziere 10.372 Tote, 30.322 Verwundete und 3404 Vermisste gegeben. Ein Teil dieser Vermissten, die in die Hände der Polen fielen, müssen leider ebenfalls als tot angesehen werden. Wir statten diesen Opfern des polnischen Feldzuges unseren Dank ab, den Verwundeten unser Mitgefühl und den Angehörigen unsere Teilnahme an ihrem Schmerz und sagen ihnen unsere Hilfe zu.

Mit der Einnahme der Befestigungen von Warschau und Modlin und mit der Uebergabe von Hela ist der polnische Feldzug beendet. Energisch wird die Säuberung des Landes von Marodeuren und Vagabunden, von Räuberbanden und einzelnen Terroristen durchgeführt. Das Ergebnis dieses Kampfes ist die Vernichtung sämtlicher polnischen Armeen und folglich die Auflösung dieses Staates. 694.000 Gefangene sind auf dem Wege nach Berlin. Die Beute an Kriegsmaterial ist unüberschaubar.

Seit Aushrach des Krieges befindet sich auch im Westen das deutsche Heer gut vorbereitet und in ruhiger Erwartung des Feindes. Die Kriegsmarine hat ihre Pflicht erfüllt in den Kämpfen auf der Westplatte, in Gdingen, Oxböft und Hela, sie hat die Ostsee und die deutsche Bucht gesichert und unsere Unterseeboote kämpfen, würdig der unvergesslichen Helden von ehedem.

### Die Ursachen des Zusammenbruches

Angesichts dieses einzig in der Geschichte dastehenden Zusammenbruches eines Staates erhebt sich in allem die Frage über die Ursache eines solchen Geschehens. Versailles war das Münzzeichen des polnischen Staates. Dieser Staat brachte unsägliche blutige Opfer, aber nicht für die Polen, sondern für die Deutschen und die Russen. Ein Gebilde, das schon früher im Laufe der Jahrhunderte seinen Mangel an Existenzmöglichkeit bewiesen hatte, war im Jahre 1918 von einer deutschen Regierung, die ebensowenig Existenzfähigkeit besass, künstlich wieder ins Leben gerufen und nicht weniger künstlich im Jahre 1919 geboren worden, aller Erfahrungen von fast fünfzehnhundert Jahren zum Trotz, ebenso auch ohne Rücksicht auf alle Faktoren einer auf die Jahrhunderte gestützten historischen Entwicklung, ohne die ethnographischen Bedingungen anzuerkennen und unter Missachtung aller wirtschaftlichen Bedingungen, so wurde in Versailles ein Staat aufgebaut, der früher oder später durch seine eigene Unfähigkeit die Ursache der schwersten Krise werden musste. Ein Mann, der leider heute unter unseren erbittertesten Gegnern ist, hatte dies damals klar vorausgesehen: Lloyd George. Wie viele andere hatte auch er die Aufmerksamkeit nicht nur in der Zeit der Geburt dieses Staates, sondern auch in der Epoche seiner späteren Expansion, die entgegen aller Logik und entgegen jedem Recht verwirklicht wurde, hierauf gelenkt. Damals gab er der Befürchtung Ausdruck, dass in diesem Staate eine Reihe miteinander unverträglicher Materien geschaffen würden, die früher oder später den Anlass zu den schwersten europäischen Konflikten geben müssten. Tatsache ist, dass es bis heute noch nicht möglich gewesen war, die Struktur dieses neuen Staates mit Rücksicht auf die verschiedenen Nationalitätengruppen, aus denen er sich zusammensetzte, ins Reine zu bringen. Man muss die Methoden kennen, die von den Polen bei den Volksabstimmungen angewandt wurden, um sich bewusst zu werden, wie fern diese der Wahrheit waren und wie wenig Bedeutung ihnen beizumessen war. So sind die Statistiken über die nationalen Volksgruppen in diesem Gebiet gewesen. Im Jahre 1919 beanspruchten die Polen Gebiete, in denen sie, wie sie versicherten, eine Mehrheit von 90 bis 95 Prozent hätten, zum Beispiel in Ostpreussen, während in Wirklichkeit die Volksabstimmung, die später stattfand, insgesamt nur 2 Prozent der Stimmen für Polen ergab. In dem Staat, der später definitiv auf Kosten des ehemaligen Russlands, Oesterreichs und Deutschlands geschaffen wurde, wurden die nationalen, nichtpolnischen Volksgruppen misshandelt, unterdrückt, tyrannisiert und gequält, so dass von diesem Augenblicke an jede Volksabstimmung von dem Gutdünken der Provinzialbehörden abhing und daher auch das gewünschte und geforderte falsche Ergebnis brachte. Aber das unzweifelhaft polnische Element genoss die grösste Achtung, das, was die Staatsmänner des Westens als Demokratie hezeichnen, ist hier nichts anderes als ein modriger und blutiger Abklatsch ohne wirkliche Fundamente des eigentlichen demokratischen Systems. In diesem Lande hatte tatsächlich nur eine Minderheit von Grossgrundbesitzern, Aristokraten und Nichtaristokraten und gutversorgten Intellektuellen regiert, für die das eigentliche polnische Volk im günstigsten Falle nichts anderes war als eine grosse Arbeitermasse. Hinter diesem Regime hat daher niemals mehr als 15 Prozent der Gesamtbevölkerung gestanden.

Dieser Lage entsprach das wirtschaftliche Elend und das niedrige kulturelle Niveau. Im Jahre 1919 hatte dieser Staat von Preussen und von Oesterreich Provinzen erhalten, die auf Grund jahrhundertelanger Arbeit müh-

sam auf einen hohen Entwicklungsstand gebracht worden waren und von denen einige sich in dem Zustand einer wahren Blüte befanden. Heute, nach 20 Jahren, ist es mit diesen Provinzen so weit, dass sie ganz allmählich wieder aufs neue zur Steppe werden. Die Weichsel, der Fluss, dessen Mündung in das Meer immer von so ungeheurer Bedeutung für die polnische Regierung gewesen ist, ist heute infolge vollkommener Vernachlässigung für jeden wirklichen Verkehr unbrauchbar geworden. Er ist je nach der Jahreszeit entweder ein reissender Strom oder ein mittlerer Fluss, die Städte und Dörfer sind verlassen, die Fahrstrassen mit wenigen Ausnahmen verschlammte und unpassierbar. Wer zum ersten Male dieses Land zwei oder drei Wochen lang besucht, wird auch zum ersten Male die Wahrheit des Sinnes des bekannten Wortes begreifen: Polnische Wirtschaft.

Trotz der unerträglichen Lage, die in diesem Lande herrschte, hat Deutschland versucht, mit ihm verträgliche Beziehungen herzustellen, und ich selbst habe mich bemüht, in den Jahren 1933 und 1934 eine gerechte und vernunftgemässe Regelung unter unseren nationalen Interessen sowie dem Wunsche, mit diesem Lande den Frieden aufrechtzuerhalten, zu finden. Es gab eine Zeit, als der Marschall Pilsudski noch lebte, in der es schien, als würde diese Hoffnung sich verwirklichen lassen, wenn auch nur in bescheidenem Masse. Es war eine unglaubliche Geduld notwendig und eine noch grössere Selbstbeherrschung. Für viele polnische Provinzialbehörden schien es tatsächlich, als ob das politische Abkommen zwischen Deutschland und Polen nicht weiter bedeutete als einen Freibrief für die gefahrlose Verfolgung und Vernichtung der deutschen Volksgruppe. In den wenigen Jahren, die seit 1922 verflossen sind, haben mehr als eineinhalb Millionen Deutsche ihre Geburtsstätte verlassen müssen, die von dort vertrieben wurden, ohne dass sie das Geringste hätten mit sich nehmen können, ja nicht einmal die unerlässlichsten Kleidungsstücke. Als im Jahre 1938 das Osla-Gebiet in polnische Hände fiel, fingen die Polen auch dort an, mit den gleichen Methoden gegen die dort lebenden Tschechen vorzugehen, und viele Tausende von ihnen mussten, oft innerhalb weniger Stunden, ihre Arbeitsstätten, ihre Güter, ihre Dörfer und Städte verlassen, ohne dass ihnen erlaubt gewesen wäre, auch nur ein Kofferchen oder ein kleines Paket mit Kleidern und Wäsche mitzunehmen. So verfuhr man in diesem Staate seit Jahren, und seit Jahren haben wir uns diese Situation angesehen, ohne uns einzumischen. Unser Bemühen ist immer darauf gerichtet gewesen, soweit wie möglich das Schicksal der unglücklichen Deutschen zu bessern, die dort lebten, unsere politischen Beziehungen zu Polen enger zu gestalten.

Es war aber nicht zu verkennen, dass jeder Versuch, der von seiten Deutschlands unternommen wurde, um diese Situation auf friedlichem Wege zu beseitigen, von den führenden Männern Polens nur als ein Symptom der Schwäche, ja sogar der Dummheit angesehen wurde, so dass die polnische Regierung auf tausend verschiedenen Wegen schliesslich auch anfangs, ganz allmählich Danzig zu unterjochen. Ich habe versucht, auf dem Wege geeigneter Vorschläge eine Lösung zu finden, durch die in politischer und nationaler Hinsicht Danzig gemäss dem Willen der Bevölkerung der Freien Stadt Danzig in das Reich zurückgegliedert werden sollte, ohne dass auf der anderen Seite weder die wirtschaftlichen Notwendigkeiten noch die sogenannten Rechte Polens geschädigt würden. Es ist eine Lüge, heute zu sagen, dass es sich um ultimative Forderungen gehandelt habe. Die Vorschläge zu einer Lösung, die im März des Jahres 1939 der polnischen Regierung gemacht wurden, waren nichts anderes als Anregungen und Gedanken, über die ich persönlich schon lange Zeit vorher mit dem polnischen Aussenminister Oberst Beck beraten hatte. Erst im Frühjahr 1939 wieder konnte ich der polnischen Regierung gegenüber der öffentlichen Meinung ihres Landes die Annahme dieser Vorschläge erleichtern, indem ich ihr als Äquivalent eine Teilnahme an der Sicherung der Unabhängigkeit der Slowakei zugestand, die dieses Land selbst wünsche.

Wenn die polnische Regierung damals die Diskussion derartiger Vorschläge ablehnte, so ist dies auf zwei Gründe zurückzuführen:

1. Die chauvinistischen Triebkräfte, die hinter der Regierung standen, dachten nicht im geringsten daran, die Danziger Frage zu lösen, sondern sie lebten vielmehr damals schon in der Hoffnung, die später auch schriftlich und in Reden der Öffentlichkeit gegenüber zum Ausdruck gebracht wurde, nämlich nicht nur Danzig, sondern auch das Reichsgebiet erwerben, d. h. angreifen und erobern zu können. Diese Wünsche beschränkten sich nicht beispielsweise auf Ostpreussen, sondern in einer Welle von Publikationen und in ständigen Ansprachen, Reden und Resolutionen wurde ausserdem die Einverleibung Ostpreussens, die Annektierung Pommerns und Schlesiens gefordert; zuerst wurde die Oder als die geforderte Grenze angegeben, dann die Elbe als die natürliche Trennungslinie zwischen Deutschland und Polen bezeichnet. Wenn diese Forderungen als sinnlos erscheinen, so war es wahrhaft lächerlich, von einer zivilisatorischen polnischen Mission zu sprechen und deren Erfüllung als gerechtfertigt und möglich hinzustellen dank der Macht des polnischen Heeres. Als damals der polnische Aussenminister die Einladung erhielt, über unsere Vorschläge zu verhandeln, schrieben die polnischen Militärzeitschriften bereits über die Wertlosigkeit des deutschen Soldaten, über die Unterlegenheit der deutschen Waffen, über

die offensichtliche Ueberlegenheit des polnischen Heeres, und sie sprachen schon von der Sicherheit, im Falle eines Krieges die Deutschen vor Berlin zu schlagen und das Reich zu zerstören. Der Mann, der das deutsche Heer vor Berlin zusammenschlagen wollte war nicht irgendein polnischer Analphabe, sondern der Generalissimus Rydz-Smigly, der sich augenblicklich in Rumänien aufhält.

Was Deutschland und das deutsche Heer unter Beleidigungen und Schmähungen dieser militärischen Dilettanten zu leiden hatte, das wäre von keinem anderen Staate ertragen worden, und das hätte man auch von keinem anderen Volke erwarten können. Kein General, auch kein englischer, würde sich jemals ein ähnliches Urteil über das deutsche Heer erlaubt haben, ebenso wie auch kein deutscher General sich jemals ein Urteil über die englischen, französischen oder italienischen Soldaten in einer Weise erlaubt haben würde wie wir es haben seit Jahren und besonders seit dem März 1939 von polnischer Seite lesen können.

Es war eine grosse Selbstbeherrschung notwendig, um diesen frechen und schamlosen Beleidigungen gegenüber ruhig zu bleiben. Die Verantwortung hierfür trifft die in Polen herrschende Schicht. Sie ist in erster Linie die Ursache dafür gewesen, dass die polnische Regierung nicht nur die deutschen Vorschläge selbst, sondern auch die Diskussion darüber ablehnte.

2. Der zweite Grund war in der Garantie zu suchen, die einem Staate gegeben wurde in der Absicht, durch diesen Staat die Verwirklichung der eigenen Ambitionen zu erreichen. Kaum sah sich Polen im Besitz dieser Garantie, so begann für die Minderheiten, die dort leben, ein wahres Regime des Terrors, nicht nur für die Ukrainer und die Weissrussen, deren Interessen heute Russland anvertraut sind, sondern vor allem auch der Deutschen, und es ist meine Pflicht, von dem Schicksal jener Hunderttausenden von Deutschen zu sprechen, die zum ersten Male vor vielen Jahrhunderten die Kultur in dieses Land brachten, und die man jetzt anfangs zu vertreiben, zu unterdrücken zu vergewaltigen und die seit dem März 1939 einem wahrhaft satanischen Terrorregime ausgesetzt waren. Heute ist es nicht möglich, ganz genau festzustellen, wie viele von ihnen verschleppt wurden, noch wo sie sich befinden. Orte mit Hunderten von deutschen Einwohnern wurden entvölkert, in anderen wurden die Frauen vergewaltigt und ermordet, junge Mädchen und Kinder wurden geschändet und getötet. Im Jahre 1593 schrieb der Engländer Sir George Carow in seinen diplomatischen Berichten an die britische Regierung, das Charakteristische aber Hervorstechende bei den Polen sei die Grausamkeit und die moralische Zügellosigkeit. Die Grausamkeit hat sich in den vergangenen Jahrhunderten nicht geändert. Damals wie heute wurden Zehntausende von Deutschen erstochen und bis zum Tode gemartert, genau wie man auch jetzt wieder die in den Kämpfen gefangenen deutschen Soldaten marterte und ermordete. Dieses Pflöckekind der westlichen Demokratien kann absolut nicht unter die zivilisierten Nationen gerechnet werden. Mehr als vier Jahre bin ich während des Weltkrieges an den Fronten im Westen gewesen, aber keine der beiden kämpfenden Parteien hat damals etwas ähnliches begangen, wie es jetzt in den letzten Monaten in diesem Lande vorgekommen ist und wie wir es in den letzten vier Wochen erleben mussten. Es ist einer von jenen sogenannten Staaten, denen jegliche nationale und historische Grundlage, Kultur und Moral fehlt. Ich hätte nur die Entrüstung dieser Herren sehen mögen, die heute heuchlerisch die Arme über den Kopf werfen über das deutsche oder russische Vorgehen, wenn auch nur 1 Prozent all dieser Grausamkeiten in irgendeinem Teil der Welt gegen Engländer verübt worden wäre. Einem solchen Staat und einer solchen Regierung eine Garantie zu gewähren, so wie dies getan wurde, konnte ja auch nur zum grössten Unglück führen, denn weder die polnische Regierung oder die kleine Kamarilla, die sie leitete, noch das polnische Volk an sich konnten die Verantwortung erlassen, zu welcher eine derartige Verpflichtung führte, in welcher sich niemand in ganz Europa zu ihren Gunsten stellte.

Aus all diesen überreizten Leidenschaften auf der einen Seite wie dem Gedanken an die garantierte Sicherheit Polens auf jeden Fall erwuchs das Vorgehen der polnischen Regierung in diesem Zeitabschnitt, nämlich vom April bis August dieses Jahres, und bedingte auch die Haltung gegenüber meinen friedlichen Vorschlägen. Die polnische Regierung handelte der öffentlichen Meinung gemäss, ja sie wurde von ihr angetrieben, und die öffentliche Meinung hinter sich, wurde sie auf diesen Weg gestossen. Denn diese war von der Regierung nicht besser unterrichtet worden und fühlte sich insbesondere für jede aussenpolitische Aktion hinreichend gesichert; so musste es denn zur Wiederholung furchtbarer Terrorakte gegen die nationale deutsche Gruppe kommen, und alle Vorschläge für eine Lösung mussten zurückgewiesen werden. Zuletzt schritt man gar zu Verletzungen gegen das Reichsgebiet, die immer grösseres Ausmass annahmen und andererseits auch durch die Mentalität verständlich wurden, welche die deutsche Geduld nur als Schwäche betrachtete, d. h. jedes deutsche Zugeständnis wurde nur als ein Beweis für die Möglichkeit neuer Aktionen angesehen.

Die an die polnische Regierung ergangene Warnung, Danzig nicht mehr zu belästigen, sowie andere ultimative Noten, vor allem diejenige, die Stadt auf die Dauer nicht wirtschaftlich abzulassen zu wollen, hat in der Lage keinerlei Besserung eintreten lassen, sondern ganz im Gegenteil zur Isolierung der Stadt durch die Unterbrechung aller ihrer

Verbindungen geführt. Die Aufforderung, die ständigen Erschiessungen, schlechten Behandlungen und Quälereien der Deutschen in Polen endlich einmal einzustellen und gegen diese Massnahmen zu ergreifen, führte nur zu einer Vermehrung der Grausamkeiten, zur Verstärkung der Ansprachen und Reden der polnischen Provinzgouverneure und der Militärs. Selbst die äussersten deutschen Vorschläge, noch in letzter Minute zu einer gerechten und vernünftigen Lösung zu gelangen, wurden mit der Generalmobilmachung beantwortet, man liess das deutsche Begehren ausser acht, das dessen Führung entsprach.

## Die deutsch-russische Annäherung

So ist es auch nicht ohne Sinn, wenn diese Aktion Deutschlands zu einer Interessengemeinschaft mit Russland geführt hat, welche nicht nur auf der Gleichheit der Probleme basiert, die beide Staaten zu überwinden haben, sondern auch in der Gleichheit der Auffassungen begründet liegt, die sich in beiden Staaten über die Struktur ihrer beiderseitigen Beziehungen geformt hat, wie ich es bereits in meiner Danziger Rede ausführte. Wenn auch Russland nach anderen Prinzipien organisiert ist wie wir, so gibt es indessen von dem Augenblick an, in welchem Stalin in diesen sowjetrussischen Prinzipien keinen Hinderungsgrund für die Aufrechterhaltung der Beziehungen mit den Staaten verschiedener politischer Auffassung, wie z. B. dem nationalsozialistischen Deutschland sieht, keine Ursache, diese nicht anzuknüpfen; somit kann dieses auch keinen Grund finden, seinerseits eine andere Beurteilung zu haben, als dass das sowjetische Russland eben Sowjetrussland und das nationalsozialistische Deutschland das nationalsozialistische Deutschland ist. Eins aber ist gewiss, mit dem Augenblick, in welchem beide Staaten gegenseitig ihre verschiedenartigen Regime und ihre Prinzipien respektieren, verschwindet jeder Grund zu einer feindseligen Haltung des einen gegen den anderen.

Während langer Zeitabschnitte in der Geschichte der Vergangenheit hat es sich erwiesen, dass die Völker der beiden grossen Staaten Europas in höchstem Glücke lebten, wenn sie miteinander in Freundschaft lebten, und der Weltkrieg, der Deutschland und Russland als Feinde gegenüber sah, stürzte sie ins Unglück. Es ist nur zu verständlich, dass insbesondere die Kapitalisten des Westens Europas heute ein Interesse daran haben, dass die beiden Staaten sich feindlich gegenüber stehen und sie begannen auch damit, den einen gegen den anderen auszuspielen wenn dies möglich wäre, zu diesem Zweck hatten sie Sowjetrussland in Rechnung gestellt.

Da es nun hinreichend wünschenswert erschien, mit ihm vorteilhafte Militärpakte abzuschliessen, so hielten sie es indessen doch für eine Perfidie und bezeichneten diese ehrliche Annäherung als von bedrohlichem Charakter und als einen der neuralgischen Punkte Europas. Worin hätten denn sonst diese Befürchtungen ihren Ursprung haben können, als in der Phantasie eines mittelmässigen Schülers, wenn in einem Augenblick, in dem Deutschland für die Berücksichtigung seines Lebensraumes kämpft, der fast 800.000 Quadratkilometer umfasst, einige unduldsame Journalisten jener Staaten, die über mehr als vierzig Millionen Quadratkilometer verfügen, erklären, dass Deutschland die Welt Herrschaft anstrebe. Die deutsch-russischen Verträge sollten eigentlich diesen eifrigen Anwälten der Welt beweisen, welch ungemeine Beruhigung darin liegt, denn das beweist doch in authentischer Weise, dass Deutschland garnicht daran denkt, den Ural, die Ukraine, Rumänien usw. zu verschlingen. Dies kann nur eine Missgeburt ihrer krankhaften Kriegspantasie sein, die in einer Sache allerdings stimmt: unerschütterlich ist der Entschluss Deutschlands, auch im Osten unseres Reiches Bedingungen zu einem dauerhaften Frieden zu schaffen und gerade hierin stimmen die Interessen und Wünsche Deutschlands mit jenen Sowjetrusslands vollkommen überein. Beide Staaten nehmen sich der Interessenszone beider Mächte mit dem Entschluss an, dass jeder für seinen Teil sorgt.

Von der Ruhe und Ordnung, dem Verhindern alles, was zum Schaden des anderen Teiles gereichen könnte, Ziele und Aufgaben, die der Zusammenbruch des polnischen Staates aufgestellt hat, wird die Interessensphäre Deutschlands berührt:

1. Die Errichtung einer Reichsgrenze, die sich den historischen, ethnographischen und wirtschaftlichen Bedingungen anpasst;

2. Befriedung, Ruhe und dauerhafte Ordnung;

3. Eine absolute Garantie der Sicherheit nicht nur für das Reichsgebiet, sondern auch für seine gesamte Interessenszone;

4. Eine neue Ordnung und eine neue Struktur des Wirtschaftslebens, der Verbindungen sowie der kulturellen und zivilisatorischen Entwicklung;

5. Als wichtigste Aufgabe eine neue ethnographische Ordnung, d. h. eine Veränderung des Minderheitengebiets, welche die Verbesserungen der Demarkationslinie garantiert. In diesem Sinne handelt es sich indessen nicht nur um ein auf diese Zone begrenztes Pro-

blem, sondern dies ist eine Aufgabe, die um vieles darüber hinausgreift.

## Polen wird nicht wieder erstehen

Denn im gesamten Osten, und gerade in diesen Teilen, liegt ein Grund und die Ursache für ständige Reibereien zwischen den Staaten in der Epoche der Prinzipien der Nationalitäten und des Rassengedankens. Es ist eine Utopie glauben zu wollen, man könne ohne weiteres Glieder eines kulturell hochstehenden Volkes einfach assimilieren. Unter den Aufgaben von voraussehender Art für das europäische Leben zählt daher diese: einen Bevölkerungs-Austausch vorzunehmen, um dieses Problem in Europa zu beseitigen. Deutschland und die Sowjetunion sind zu einem Einvernehmen zur beiderseitigen Hilfe in dieser Angelegenheit gelangt. Die Reichsregierung wird es niemals zugeben, dass der polnische Staat, der aus den Resten Polens hervorgehen wird, sich zu einem störenden Element für das Reich selbst verwandelt, oder dass er ein Herd von Reibereien zwischen dem Deutschen Reich und der Sowjetunion werde.

## Die letzte Revision von Versailles

Wenn nun Deutschland und Sowjetrussland diese Aufgabe übernehmen, die Sanierungsarbeit durchzuführen, so haben beide Staaten ein Recht darauf hinzuweisen, dass der Versuch, dieses Problem mit den Methoden von Versailles zu lösen, vollkommen gescheitert ist. Und er musste ja auch scheitern, weil diese Aufgaben nicht von einem Konferenz-tisch her oder mittels eines Dekrets gelöst werden konnten. Die Mehrheit der Staatsmänner, die in Versailles diese komplizierten Probleme zu beurteilen hatten, hatten auch nicht die geringste geschichtliche Vorbildung und manchmal überhaupt nicht einmal die blasseste Idee von dem Wesen der Mission, die ihnen übertragen worden war. Immerhin waren sie durchaus nicht geeignet, irgendwelche Verantwortung für die Folgen ihrer Handlung zu übernehmen. Die Tatsache, dass sie erkannten, ihr Werk könne vielleicht nicht sehr gut ausgefallen sein, hatte für die Praxis keinerlei Bedeutung. Es gab keinen Weg, zu einer wirklichen Revision des Versailler Vertrages zu kommen, wenn diese Revision darin auch wohl vorgesehen war.

Die Möglichkeit, zu solchen Revisionen zu gelangen, war gegeben, dennoch scheiterten alle Versuche an der Machtlosigkeit des Völkerbundes, der für diese Angelegenheit die zuständige Stelle hätte sein sollen. Man hatte eine innerliche Rechtfertigung haben wollen, um für sich ein besonderes Vorrecht und die Macht zu fördern, die Durchführung eines solchen Vorgehens selbst zu übernehmen. Nachdem sich Amerika zunächst geweigert hatte, den Versailler Friedensvertrag zu sanktionieren und in den Völkerbund einzutreten, und nachdem später andere Völker glaubten, sie könnten die Anwesenheit auf dem Genfer Gremium nicht mehr mit den Interessen ihrer Länder in Einklang bringen, da kam dieser Bund immer weiter herunter, bis er sich zu einem Kreise der an Versailles Interessierten umwandelte.

Es ist auf jeden Fall eine feststehende Tatsache, dass keine einzige der anfänglich für notwendig befundenen Revisionen vom Völkerbund vorgenommen wurde, denn heutzutage hat die Natur selbst die Revision aller Versailler Klauseln übernommen, die ebenfalls dieser illustren Versammlung zufielen. Das soll mit anderen Worten heissen, es war praktisch eben einfach unmöglich. Jetzt aber, wo der Völkerbund schon kein lebendiges Ding mehr ist, sondern wo er tot ist, sind die von Versailles betroffenen Völker nicht tot, sondern lebendig, und sie können ihre Lebensinteressen durchsetzen, wenn auch der Völkerbund unfähig war, sie zu sehen, zu verstehen oder sie in Rechnung zu stellen. Der Nationalsozialismus ist auch nicht etwas, was in Deutschland erwuchs in der schlechten Absicht, alle revisionistischen Tendenzen des Völkerbundes zu nichte zu machen, sondern er erwuchs, weil man 15 Jahre hindurch einer grossen Nation verweigerte, auch nur das geringste der menschlichen und nationalen primitiven Rechte zu revidieren und sich persönlich war nicht gewillt, solches zu dulden.

Soll doch ein ausländischer Staatsmann kommen und sagen, dass ich mein Wort gebrochen hätte, weil ich diese Revisionen vorgenommen habe; Nein! ich habe im Gegenteil mein für mich geheiligtes Wort dem deutschen Volk verpfändet, dass ich mit dem Versailler Vertrag Schluss machen würde und ihm sein natürliches Lebensrecht verschaffen würde, auf welches es als Nation ein Anrecht hat. In dem Masse, in welchem ich dieses bescheidene Lebensrecht sichere, wo 46 Millionen Engländer sich das Recht vorbehalten, über 40 Millionen Quadratkilometer der Erde zu herrschen, da ist es wirklich keine Ungerechtigkeit, wenn 82 Millionen Deutsche auf einem Raum von 800.000 Quadratkilometern leben und dort ihre Felder bestellen wollen.

## Die Kolonialfrage

Sie verlangen weiterhin, dass man ihnen die kolonialen Besitzungen wiedergibt, die ihnen früher gehörten und die niemanden durch Ueberfall oder Krieg geraubt worden waren, sondern ehrlich erworben, gekauft, getauscht und eingehandelt. Im übrigen habe ich immer versucht, alle Anforderungen, die ich stellte, in erster Linie die Revisionen, auf dem Wege der Verhandlungen durchzusetzen. Man hat mir dies verweigert und erwies mich, wenn ich das Recht geltend machte, darauf, bei irgend einem internationalen Konsortium vorstellig zu werden, welches aber nicht zuständig dafür war. Ich erwarte auch von Grossbritannien nicht, dass es darum bitte, man solle seine Lebensinteressen respektieren. So darf man ebenso wenig erwarten, dass das nationalsozialistische Deutschland dies tue. Ich habe mich, das muss ich hier ganz besonders feierlich erklären, auf diese Revisionen des Versailler Vertrages beschränkt, insbesondere in all jenen Teilen, wo ich nicht die natürlichsten Interessen meines Volkes bedroht sah und ich dem deutschen Volke selbst angeraten hatte, dass es sich damit abfinde und darauf verzichte, immerhin haben diese 82 Millionen Menschen zu leben, denn die Tatsache steht fest, dass der Versailler Vertrag es nicht erreicht hat, sie aus der Welt zu schaffen. Man hatte in der absurdesten Weise Staaten aufgelöst und Wirtschaftsgebiete zertrümmert, man schnitt ihnen die Verbindungslinien ab.

Und dennoch sind die Völker, d. h. die lebendige Substanz aus Fleisch und Blut, nicht untergegangen und werden auch in Zukunft nicht untergehen. Es ist unbestreitbar, dass, seitdem das deutsche Volk im Nationalsozialismus seine Wiedergeburt gefunden und empfangen hat, die Beziehungen Deutschlands sich mit den übrigen Staaten, die es umgeben, sich in grossartiger Weise geklärt haben. Die Unsicherheit, die heute auf das gemeinsame Leben der Völker drückt, geht nicht von den deutschen Forderungen aus, sondern aus den von der Presse der sogenannten Demokratien ausgestreuten Befürchtungen. Die deutschen Forderungen wurden in klarer und präziser Weise formuliert, sie wurden jedoch nicht vollzogen. Nicht dem Verständnis des Völkerbundes, sondern dem Dynamismus der natürlichen Entwicklung und endlich meiner Ausssnpolitik ist es zu danken, die auf nichts anderes hinausging, um dem deutschen Volk das Leben zu sichern, mit der Ungerechtigkeit Schluss zu machen und die Sinnlosigkeit eines Vertrages zu beseitigen, der Deutschland nicht nur wirtschaftlich zerstört hatte. Denn sonst wären die Siegernationen selbst dem Verderben preisgegeben worden.

Im übrigen richtete sich alle und jede Wiederaufbauarbeit des Reiches nach innen; in keinem anderen Lande der Welt war daher das Friedenssehen so gross wie im deutschen Volk. Es ist ein Glück, nicht ein Unglück für die Menschheit, dass es mir gelungen ist, mit den unmöglichen Absurditäten des Versailler Vertrages aufzuräumen, ohne dass dies für die ausländischen Staatsmänner eine innerpolitische Belastung bedeutet hätte. Es ist ja verständlich, wenn dies für einzelne der Interessierten schmerzhaft ist. Indessen um so höher muss man das Verdienst einschätzen, dass die neue Ordnung in allen Fällen mit Ausnahme des letzten durchgeführt werden konnte, ohne dass ein Tropfen Blut geflossen wäre. Auch die letzte Revision des Versailler Vertrages hätte durch friedliche Mittel erreicht werden können, wenn die von mir angeführten Verhältnisse nicht in entgegengesetztem Sinne gewirkt hätten. Die Schuld hieran tragen in erster Linie diejenigen, die mit den vorherigen friedlichen Revisionen nicht zufrieden waren, sondern es bedauerten, dass ein neues Mitteleuropa mit friedlichen Mitteln hat errichtet werden können, ein Mitteleuropa, das nach und nach seinen Einwohnern Brot und Arbeit geben konnte.

## Die Beziehungen zu den Nachbarn

Ich sagte schon, dass eines der von der Reichsregierung verfolgten Ziele die Klärung in den Beziehungen zu unseren Nachbarn bestehe. Es sei mir hier gestattet, mich auf Tatsachen zu beziehen, die niemals aus der Welt geschafft werden können, was auch die Lügner der internationalen Presse schreiben mögen. Deutschland hat mit den baltischen Staaten Friedens- und Nichtangriffsverträge abgeschlossen. Seine Interessen dort sind ausschliesslich wirtschaftlicher Natur. Deutschland hatte früher keinen einzigen Konflikt der Interessen noch irgendwelche schwächende mit den nordischen Staaten; es hat sie heute noch viel weniger. Deutschland bot Schweden und Norwegen Nichtangriffspakte an, die von den beiden Ländern abgelehnt wurden, weil sich keines von ihnen bedroht fühlte.

Deutschland hat Dänemark gegenüber keinerlei Folgen aus der Abtrennung deutschen Gebietes durch den Versailler Vertrag gezogen, sondern ganz im Gegenteil, es hat mit Dänemark loyale freundschaftliche Beziehungen hergestellt. Wir haben ihm keinerlei Revisionsforderungen gestellt, sondern schlossen mit Dänemark einen Nichtangriffspakt ab. Die

Beziehungen zu diesem Staate wurden hiermit in einer unveränderlichen Zusammenarbeit der Treue und der Freundschaft geschlossen.

Das neue Reich will auch mit Holland die traditionelle Freundschaft pflegen. Es gibt keine Differenz zwischen beiden Staaten, noch wurde eine neue geschaffen.

Sobald ich die Staatsgeschäfte übernommen hatte, machte ich einen Versuch, den deutsch-belgischen Beziehungen den Sinn der Freundschaft zu geben und verzichtete auf alle Revision und jeden Wunsch nach einer solchen. Das Reich stellte keinerlei Forderung, die in Belgien als eine Drohung hätte angesehen werden können.

Die gleiche Haltung nahm Deutschland der Schweiz gegenüber an. Die Reichsregierung hat auch niemals die geringste Gelegenheit gegeben, dass man an ihrem Wunsche hätte zweifeln können, den Beziehungen zwischen beiden Ländern loyalen Sinn zu geben. Im übrigen hat die deutsche Regierung niemals auch nur die geringste Klage wegen der Beziehungen zwischen beiden Ländern geführt.

Ich habe sofort nach dem Anschluss Südslawien wissen lassen, dass die Grenzen mit diesem Staat vom Augenblick an für Deutschland unantastbar seien und dass wir nur in Frieden und Freundschaft mit ihm leben wollten.

Mit Ungarn eint uns seit Jahren ein Band traditioneller enger und herzlicher Freundschaft. Auch hier sind die Grenzen unveränderlich.

Die Slowakei hat sich von selbst an Deutschland mit dem Wunsche gewandt, den Schutz des Reiches bei seiner Geburt als Staat zu erhalten. Ihre Unabhängigkeit ist vom Reich anerkannt, das sie nicht verletzen wird.

Doch hat Deutschland nicht nur mit diesen Staaten seine Beziehungen geklärt und geordnet, über welchen teilweise der Versailler Vertrag noch lastete, sondern auch mit den Grossmächten.

Im Einvernehmen mit dem Duce habe ich eine Veränderung in den Beziehungen zwischen dem Reich und Italien vorgenommen. Die Grenzen zwischen beiden Staaten wurden feierlichst als unveränderlich anerkannt. Es wurde jegliche Möglichkeit zu einem Konflikt territorialen Charakters ausgeschaltet. Die sich eines Tages im Weltkriege als Gegner gegenüberstanden, sind unterdessen zu herzlichen Freunden geworden. Es blieb aber nicht nur bei einer Normalisierung der Beziehungen, sondern führte mit der Zeit auch zum Abschluss eines engen Paktes, der, ideologisch und politisch fest begründet, sich als eines der stärksten Elemente der europäischen Zusammenarbeit erwiesener hat.

## Die Beziehungen zu Frankreich

Ich habe vor allem auch versucht, die Beziehungen zu Frankreich zu bereinigen und ihnen eine für beide Nationen erträgliche Form zu geben. Ich habe seinerzeit in höchster Klarheit die deutschen Forderungen präzisiert und bin niemals von meinen Erklärungen abgewichen. Die Rückgabe des Saargebietes war die einzige Forderung, die ich als eine Vorbedingung hierfür ansah, und die für ein deutsch-französisches Uebereinkommen unerlässlich war. Da nun Frankreich dieses Problem loyal gelöst hatte, verschwand jegliche deutsche Forderung an Frankreich. Heute sind keine derartigen Forderungen mehr vorhanden und werden auch niemals wieder hervorkommen, d. h., ich habe darauf verzichtet, das Problem Elsass-Lothringen zur Frage zu stellen. Nicht etwa, weil ich gezwungen wäre ein solches zu tun, sondern weil dies kein Problem ist, das sich zwischen Deutschland und Frankreich einstellen darf. Ich habe den Beschluss von 1919 angenommen und lehne es jetzt ab, um eine Frage in den Krieg zu treten, die mit den deutschen Lebensinteressen keine Beziehung hat, die jedoch eine zweite Generation in einen unheilvollen Krieg stürzen kann. Frankreich weiss dies; und es ist unmöglich, dass sich ein französischer Staatsmann erhebt, der erklären könnte, dass ich jemals an Frankreich eine Forderung gestellt hätte, die sich mit seiner Ehre und seinen Interessen nicht vereinbaren liesse. Anstatt einer Forderung habe ich an Frankreich stets den Wunsch gerichtet, für immer die alte Feindschaft zu begraben, wobei beide Nationen doch auf ihre grosse historische Vergangenheit zurückblicken können, die zu einem Wege führen könnte, auf welchem sie sich begegnen. Ich habe alles nur mögliche getan, um aus dem deutschen Volk den Gedanken an die unvermeidliche Erbfeindschaft auszurotten, indem ich ihm an seiner Stelle die Achtung vor den grossen Taten des französischen Volkes und seiner Geschichte einimpfte. Gerade so wie der deutsche Soldat den höchsten Respekt bewahrt vor den Heldentaten des französischen Heeres.

## Die Beziehungen zu England

Meine Bemühungen zu einem deutsch-englischen Uebereinkommen, ja selbst einer deutsch-englischen Freundschaft zu gelangen, sind auch nicht geringer gewesen. Unglücklicherweise aber musste ich mich viel zu häufig gegen die britischen Interventionen in

deutsche Interessen wehren, selbst dort, wo England durch sie nicht im mindesten berührt wurde. Ich habe es offen gestanden als ein Ziel meines Lebens angesehen, beide Völker nicht nur intellektuell sondern auch gefühlsmässig einander zu nähern. Das deutsche Volk ist mir auch willig auf diesem Wege gefolgt. Wenn nun diese meine Mühe scheiterte, so war dies darum, weil es einige britische Staatsmänner und Journalisten gab, die gegen mich eine wahrhaft tragische Feindschaft hegten. Diese Staatsmänner und Journalisten entblödeten sich nicht zu sagen, ihr einziges Ziel sei — aus für uns ganz unerklärlichen Gründen — den Kampf gegen Deutschland von neuem zu beginnen bei der ersten besten Gelegenheit. Je weniger Gründe diese Leute hatten, ihre Absichten durchzuführen, umso mehr suchten sie nach hohlen Phrasen und suchten nach einer Fiktion für den Grund ihres Verhaltens. Ich wünsche indessen noch heute, dass in Europa und der Welt wahrhafter Frieden herrsche, den es nur geben kann, wenn Deutschland und England zu einem Einvernehmen gelangen. Diese Ueberzeugung hat mich oftmals den Weg zu einer Verständigung beschreiten lassen. Wenn ich schliesslich doch nicht zu dem gewünschten Ergebnis kam, nun, so kann ich mir sagen, dass es nicht meine Schuld gewesen ist.

## Die Beziehungen zu Sowjetrussland

Endlich habe ich auch versucht, die Beziehungen des Reiches mit Sowjetrussland zu normalisieren und auf eine freundschaftliche Basis zu stellen. Dies konnte umso eher erreicht werden, als Stalin genau so dachte. Auch mit diesem Staat ist jetzt ein freundschaftliches dauerhaftes Verhältnis hergestellt, dessen Folgen für beide Völker höchst vorteilhaft sein werden.

Zusammengefasst gesehen, hat die von mir vorgenommene Revision des Versailler Vertrages demnach also kein Chaos in Europa geschaffen, sondern im Gegenteil, sie hat die Vorbedingung für klare, stabile und vor allem erträgliche Beziehungen geschaffen. Nur derjenige, der diese Ordnung der europäischen Beziehungen hasst und der die Umordnung wünscht, kann als Feind dieser Taten angesehen werden. Nun wohl, wenn man glaubt, durch heuchlerische Gebärden die Methoden zurückweisen zu müssen, durch welche der mitteleuropäische Raum erstanden und eine erträgliche Ordnung hergestellt ist, so ist das einzige, was ich zuletzt noch sagen kann, das entscheidende sind ja gar nicht so sehr die Methoden als das vorteilhafte Resultat.

Bevor ich an die Macht kam, lag nicht nur Deutschland, sondern ganz Europa im tiefsten Elend der hoffnungslosen Arbeitslosigkeit. Die Produktion schritt rückwärts und hiermit verringerte sich notgedrungen auch der Konsum des Menschen. Das Lebensniveau fiel und die Folgen davon waren Not und Elend. Kein einziger der ausländischen Staatsmänner, die heute kritisieren, kann abstreiten, dass nicht allein auf dem alten Reichsgebiet, sondern auch in allen später mit ihm vereinten Gebieten dieses Phänomen der Dekadenz verschwunden ist, und sicherlich unter Bedingungen, die dies ausserordentlich erschwerten. Hiermit aber ist erwiesen, dass der mitteleuropäische Raum keine Lebensfähigkeit hat als nur im Verein, und dass ich darin kein Verbrechen gegen Millionen von Menschen erblicken kann, dass ich es hätte zum Verschwinden gebracht. Diese Verbrechen, mein verpfändetes Wort, eingelöst zu haben, ist kein Verbrechen, sondern meine Ehre, mein Stolz und eine Tat von historischer Bedeutung, denn weder das deutsche Volk noch ich haben geschworen, den Vertrag von Versailles einzuhalten. Ich habe nur das Wohlergehen meines Volkes geschworen, dessen Vertreter ich bin und das Wohlergehen derjenigen, die das Schicksal in unseren Lebensraum stellte, so dass sie unlöslich mit unserem eigenen Wohlergehen verbunden sind. Meine einzige Sorge ist, ihnen allen die Existenz zu sichern und damit das Leben. Der Versuch, dieses mein Vorgehen zu kritisieren, zu verurteilen oder abzulehnen von dem Katheder der internationalen Gesetze aus, ist ein Anachronismus gegen mich persönlich, der mich aber nicht im geringsten rührt. Das deutsche Volk hat mich berufen, es hat mir sein Vertrauen geschenkt, und alle ähnlichen Versuche einer fremden Kritik oder Einmischung werden nichts weiter erreichen, als seine Haltung mir gegenüber zu bestärken.

Ich habe übrigens vor jeder Revision stets vorher meine Vorschläge gemacht. Ich versuchte, auf dem Wege von Verhandlungen das unbedingt notwendige zu erreichen und zu sichern. In einer Reihe von Fällen ist mir dies auch gelungen, in anderen leider nicht. Wenn man meine Verhandlungsbereitschaft nun etwa als Schwäche auslegte, und in vielen Fällen auch die geringsten meiner Forderungen und die bescheidensten meiner Vorschläge immer wieder abwies, dann darf dies eigentlich niemanden mehr schmerzen als mich. Es gibt indessen im Leben der Völker Notwendigkeiten, die, wenn sie nicht auf friedlichem Wege erfüllt werden können, eben mit Gewalt erzwungen werden müssen. Dies kann sehr bedauerlich sein. Doch haben

sie für das Leben des einzelnen wie der Gesamtheit soviel Wert, dass die höheren und gemeinsamen Interessen aller nicht verhandelt werden können, auch nicht durch den bösen Willen einiger Einzelnen.

Ich hatte Polen bereits die bescheidensten Vorschläge unterbreitet, die man sich denken kann. Diese Vorschläge wurden nicht nur abgewiesen, sondern sie führten zur Generalmobilmachung eines Staates, der in keiner Weise gegründet war, dass man genau merken konnte, dass es gerade die Bescheidenheit meiner Vorschläge war, die ihn die Bestätigung meiner Schwäche hatte glauben lassen und endlich wohl auch meiner Furcht. Eigentlich sollte diese Erfahrung manch einen einschüchtern, noch vernünftige und bescheidene Vorschläge zu machen.

Dieser Tage las ich auch in gewissen Blättern, dass jeder Versuch einer friedlichen Regelung der Beziehungen zwischen Deutschland einerseits und England und Frankreich andererseits zwecklos wäre und dass ein Vorschlag in diesem Sinne nur ein einziger Beweis dafür ist, dass ich den Zusammenbruch Deutschlands vor mir sähe und dass ich dies deshalb aus Feigheit und schlechtem Gewissen heftens täte. Wenn ich nun trotzdem meine Gedanken über dieses Problem äussere, dann laufe ich Gefahr, in den Augen dieser Leute als ein Feigling oder ein Verzweifelter zu erscheinen. Ich kann dieser Gefahr trotzen. Denn das Urteil der Geschichte über mich wird, Gott sei gedankt, nicht von diesen Schreibern geschrieben werden, die bedauernd wert sind. Noch ist das Werk meines Lebens nicht vollendet und es ist mir auch vollkommen gleichgültig, was ich in den Augen dieser Leute wert bin. Mein Prestige ist hinreichend gross genug, dass ich mir so etwas erlauben darf.

Wenn die Ideen auftauchen, dass mich in Wirklichkeit nur die Furcht vor der Verzweiflung treibt, dann wird jedenfalls der Gang der späteren Ereignisse das Gegenteil beweisen. Das wenigste was ich heute tun kann, ist bedauern, dass die Leute nicht genug Krieg sehen können. Sie sind ja unglücklicherweise auch nicht dort, wo es wirklich Krieg gibt und sind auch ebensowenig gewesen, wo geschossen wurde. Ich verstehe ja vollkommen, dass es Interessierte gibt, die in einem Kriege mehr verdienen als im Frieden. Ich verstehe auch, dass es für eine gewisse Sorte von internationalen Journalisten viel interessanter ist über einen Krieg zu schreiben als über die Geschehnisse anderer kultureller Schöpfungen eines Friedens, den sie nicht messen und nicht erfassen können. Es ist mir vollkommen klar, ich kann ja auch absolut nicht den Takt der Völker spüren, deren Interessen, wie sie sagen, sich gerade wie die Luftschlösser der menschlichen Gesellschaft darstellen, die den höchsten Erfolg ihres Lebens darin erblicken, einen Brand hervorzurufen, und ich glaube, ich muss meine Stimme auch aus einem anderen Grunde erheben.

Wenn ich heute gewisse Organe der internationalen Presse lese, oder ich höre die Reden einiger begeisterter Lobredner des Krieges, so glaube ich, im Namen derjenigen sprechen und antworten zu können, die lebende Substanz hergeben sollen, mit welcher der Geist jener Männer operiert, die die Ziele des Krieges aufzeigen; jene Lebenssubstanz, der auch ich angehört habe als unbekannter Soldat, durch vier Jahre des Weltkrieges hindurch.

Es ist von wunderbarer Wirkung, wenn ein Staatsmann und Journalist auftaucht der im Namen der Demokratie irgend so etwas ankündigt: die Zerstörung des Regimes eines anderen Landes ist eine Notwendigkeit. Doch in der Praxis haben diese prahlerischen Worte ein ganz anderes Gesicht. Heute schreiben die Zeitungen Artikel, dass man mit der begeisterten Zustimmung eines ausgezeichneten Publikums rechnen könne. Doch die Durchführung der darin enthaltenen Forderungen ist weniger verführerisch.

Ich will hier nicht über die Intelligenz oder die Fähigkeit dieser Leute urteilen; sollen sie schreiben was sie wollen. Das berührt das wahre Wesen einer solchen Streitfrage ja doch nicht. Vor dem Polenfeldzug schrieben diese Federführer, dass die deutsche Infanterie vielleicht garnicht einmal so schlecht sei, aber die Panzerabteilungen und die motorisierten Truppen im allgemeinen wären minderwertig und würden beim ersten Einsatz scheitern. Heute indessen, nach der Vernichtung Polens, schreiben dieselben Leute mit einer unerhörten Frechheit, dass das polnische Heer nur durch den Einsatz der deutschen Panzerabteilungen und der motorisierten Truppen des Reiches geschlagen wurde. Dahingegen ist die deutsche Infanterie in einer wahrhaft wunderlichen Form schlecht geworden und hat bei jedem Zusammenstoss mit den Polen den kürzeren gezogen.

Eine von diesen Schreiberseelen sagt doch wirklich wörtlich: Hier sieht man mit gutem Grund ein günstiges Symptom für den Krieg im Westen, und der französische Soldat wird gut tun, hiervon Kenntnis zu nehmen. Auch ich glaube das, wenn er erst einmal die Wahrheit kennen gelernt hat; dann wird er sich wahrscheinlich dessen erinnern und jenen Militärschriftstellern sagen, welche Erfahrungen er gemacht hat. Diese zu überzeugen wird jedoch unmöglich sein, weil diese Leute nicht auf den Schlachtfeldern die Fähigkeiten oder

die Unterlegenheit der deutschen Infanterie erproben, sondern sie begnügen sich damit, in ihren Redaktionsstuben ein intensives Feuer von sechs Wochen, was sage ich: 14 Tagen zu beschreiben. Ja, ein intensives Feuer von nur 14 Tagen, und die Herren Kriegspropagandisten würden sehr schnell zu einer anderen Auffassung kommen. Diese Herren sprechen immer von dem notwendigen welt-politischen Geschehen, aber sie kennen nicht die militärische Entwicklung der Dinge.

Ich kenne sie, aber umso weniger fühle ich mich hier dazu verpflichtet, darüber zu sprechen selbst auf die Gefahr hin, dass die Agitatoren in dieser meiner Rede wieder einmal nur den Ausdruck meiner Furcht und ein Symptom dafür sehen, das es ihnen gestattet, sich ein Urteil über den Grad meiner Verzweiflung zu bilden.

### Das Polen von Versailles kehrt nicht wieder

Und darum: soll es einen Krieg im Westen geben? Für die Wiederherstellung Polens? Das Polen des Versailler Vertrages wird niemals wieder auferstehen. Dafür garantieren die Generalstäbe. Die endgültige Neubildung dieses Gebietes und die Frage der Aufrichtung eines polnischen Staates sind Probleme, die nicht durch einen Krieg im Westen entschieden werden können, sondern ausschließlich von Russland von der einen und von Deutschland auf der anderen Seite. Die Ausschliessung dieser beiden Mächte von den fraglichen Gebieten würde nicht einen neuen Staat bilden können, sondern nur ein vollkommenes Chaos herbeiführen. Die Probleme, die es hier zu lösen gibt, werden weder am Konferenztisch noch in den Redaktionsstuben gelöst, sondern durch eine Arbeit von Jahrzehnten, denn es genügt nicht, dass einige Staatsmänner, die ohne jegliches Interesse für das Schicksal der Betroffenen sind, sich versammeln und Entschliessungen fassen, sondern es ist notwendig, dass mit der Wiederherstellung eines wirklich dauerhaften Zustandes jemand betraut wird, der an und für sich selbst an dem Leben dieser Gebiete interessiert ist.

Die Fähigkeit der westlichen Demokratien zur Herstellung eines solchen geordneten Zustandes hat sich, zum mindesten in der letzten Zeit, nicht erwiesen. Das Beispiel Palästinas zeigt, dass es besser wäre, sich mit den Fragen zu befassen, die gestellt sind, um sie vernunftgemäss zu lösen, anstatt sich mit Problemen zu befassen, die im Lebensraum und in der Interessenssphäre anderer Völker liegen, die sie sicherlich besser zu lösen imstande sind.

Auf jeden Fall hat Deutschland nicht nur in seinem Protektorat Böhmen und Mähren die Ruhe und Ordnung wieder hergestellt, sondern es hat vor allem die Grundlagen für ein neues wirtschaftliches Blühen und ein immer engeres Verständnis unter den Nationen geschaffen. England würde dahingegen reichlich noch zu tun haben, bis es in seinem Protektorat von Palästina gleiche Ergebnisse aufweisen könnte.

Andererseits weiss man nur zu gut, dass es eine Unsinnigkeit sein würde, das Leben von Millionen menschlicher Wesen und von Hunderttausenden von Millionen an Werten zu zerstören, um einen Staat wieder aufzubauen, der schon, als er gebildet wurde, für alle diejenigen, die nicht Polen waren, eine Fehlgeburt war. Was ist die Ursache? Hat Deutschland an England irgendeine Forderung gestellt, die das britische Imperium auch nur im allergeringsten in seiner Existenz bedroht hätte? Nein, im Gegenteil: weder an Frankreich noch an England hat Deutschland ähnliche Forderungen gestellt. Aber wenn dieser Krieg tatsächlich geführt wird, um Deutschland eine neue Regierung zu geben, d. h. um das gegenwärtige Reich wiederum zu zerstören und dann ein neues Versailles zu schaffen, dann werden die Millionen von Menschen unnütz geopfert werden, denn weder wird das neue Reich zerstört werden, noch wird ein neues Versailles kommen. Aber selbst wenn dies gelingen sollte, nach einem Kriege von drei, vier oder acht Jahren, dann würde dieses neue Versailles für die folgende Zeitepoche die Quelle neuer Konflikte werden. Und auf jeden Fall könnte eine grundlegende Regelung der Probleme ohne Rücksicht auf die Lebensinteressen der stärksten Völker auch innerhalb von fünf oder zehn Jahren nicht anders enden, wie heute jener Versuch von vor zwanzig Jahren geendet hat.

Nicht dieser Krieg im Westen, und noch viel weniger die Regelung dieses oder jenes Problems steht heute zur Diskussion, auch nicht die schlechte Finanzlage einiger Rüstungsindustrieller und Zeitungsbesitzer oder anderer durch den Krieg Begünstigter, sondern vielmehr zwei Fragen: die durch den Zusammenbruch Polens aufgeworfenen Probleme und das Problem, die internationalen Befürchtungen zu zerstreuen, die politisch und wirtschaftlich das Leben der Völker erschweren.

### Das neue Polen

Nun gut. Welches sind die Ziele der Reichsregierung bezüglich der Organisation der Lebensbedingungen in dem Gebiet westlich der deutsch-russischen Demarkationslinie, das als deutsche Einflusszone betrachtet wird? Die Schaffung einer Reichsgrenze, die — wie

schon gesagt — den historischen und wirtschaftlichen Bedingungen entspricht, die Organisation des ganzen Lebensraumes nach Nationalitäten, d. h. die Lösung der Minderheitenprobleme, die nicht nur auf diesem Gebiet lasten, sondern auch auf fast allen des südlichen und südöstlichen Europa, und gleichzeitig der Versuch, das jüdische Problem zu regeln und zu lösen. Sodann die Reorganisation des Wirtschaftslebens und des Verkehrs zum Nutzen aller Bewohner dieses Gebietes, die Garantie der Sicherheit für das gesamte Gebiet und die Konsolidierung eines

bestehend angesehen wird, bzw. dass die deutsche Reichsregierung und mit ihr das ganze deutsche Volk keine Ursache und keinen Anlass für irgendeine weitere Revision erblicken, ausser der Forderung nach einem dem Reich gebührenden entsprechenden kolonialen Besitz, in erster Linie also auf Rückgabe der deutschen Kolonien. Diese Forderung nach Kolonien ist keine ultimative, keine Forderung, hinter der Gewalt steht, sondern eine Forderung der politischen Gerechtigkeit und der wirtschaftlichen und allgemeinen Vernunft.

zulegen, dass der Krieg des furchtbaren Charakters des Kampfes gegen Frauen und Kinder, überhaupt gegen Nichtkriegsteilnehmer, entkleidet wird.

Nur unter solchen Voraussetzungen wird, besonders in unserem dicht besiedelten Kontinent, der Frieden einkehren können, der dann, befreit von Misstrauen und Angst, die Voraussetzung für eine wirkliche Blüte, auch des wirtschaftlichen Lebens, geben kann.

### Das grosse Ziel

Um dieses grosse Ziel zu erreichen, werden doch einmal die grossen Nationen dieses Kontinents zusammentreten müssen, um in einer umfassenden Regelung ein Statut auszuarbeiten, anzunehmen und zu garantieren, das ihnen allen das Gefühl der Sicherheit gibt. Es ist aber unmöglich, dass eine solche Konferenz tätig ist unter dem Dröhnen der Kanonen oder auch nur unter dem Druck mobilisierter Armeen. Wenn aber früher oder später diese Probleme noch gelöst werden müssen, dann wäre es vernünftiger, an die Lösung heranzugehen, die erst noch Millionen Menschen verbluten und Milliardenwerte zerstört sind.

### Der Krieg der Zukunft

Die Aufrechterhaltung des jetzigen Zustandes im Westen ist undenkbar. Jeder Tag würde bald steigende Opfer fordern. Einmal wird Frankreich dann vielleicht erst mal Saarbrücken beschossen und demoliert, deutsche Artillerie wird ihrerseits als Rache Mühlhausen zertrümmern, Frankreich wird dann selbst wieder als Rache Karlsruhe unter Feuer nehmen, Deutschland wieder Strassburg, dann wird französische Artillerie nach Freiburg schiessen, deutsche nach Kolmar oder Schlestadt. Man wird dann weiterreichende Geschütze aufstellen, nach beiden Seiten wird die Zerstörung immer weiter um sich greifen. Was endlich von den Ferngeschützen nicht mehr zu erreichen ist, werden Flieger vernichten. Und dieser Kampf der Vernichtung wird sich nicht nur auf das Festland beschränken, er wird weit hinausgreifen über See. Es gibt heute keine Insel mehr! Und das europäische Volksvermögen wird in Granaten zerbersten, die Volkskraft wird auf den Schlachtfeldern verbluten. Eines Tages aber wird zwischen Deutschland und Frankreich doch wieder eine Grenze sein. Nur werden sich an ihr statt der blühenden Städte Ruinenfelder und endlose Friedhöfe ausdehnen.

### Bereit zum Frieden, entschlossen zum Letzten

Es mögen nun diese meine Auffassungen die Herren Churchill und Genossen ruhig als Schwäche und Feigheit auslegen. Ich gebe diese Erklärung nur ab, weil ich selbstverständlich auch meinem Volke dieses Leid ersparen will. Sollte aber die Auffassung des Herrn Churchill und seines Anhangs erfolgreich bleiben, dann wird eben diese meine Erklärung auch meine letzte gewesen sein. Wir werden dann kämpfen! Weder Waffengewalt noch Zeit werden Deutschland bezwingen. Die Hoffnung auf die Zersetzung unseres Volkes ist kindlich. Herr Churchill mag der Ueberzeugung sein, dass Grossbritannien siegen wird, ich aber zweifle keine Sekunde, dass Deutschland siegt. Das Schicksal wird entscheiden, wer recht hat. Mögen diejenigen Völker und ihre Führer nun das Wort ergreifen, die der gleichen Auffassung sind, und mögen diejenigen meine Hand zurückstossen, die im Krieg eine bessere Lösung sehen zu müssen glauben.

Ich als Führer des deutschen Volkes und Kanzler des Deutschen Reiches kann in diesem Augenblick nur dem Herrgott danken, dass er uns im ersten schweren Kampf um unser Recht so wunderbar gesegnet hat, und ihn bitten, dass er uns und alle anderen den richtigen Weg finden lässt, auf dass nicht nur dem deutschen Volk, sondern ganz Europa ein neues Glück des Friedens zuteil wird!"

Nachdem der Führer seine Rede beendet hatte, schloss der Präsident des Reichstages, Hermann Göring, die Sitzung mit den folgenden Worten:

„Mein Führer! Sie haben die Haltung der Reichsregierung gegenüber dem Problem des Kampfes, vor allem aber gegenüber dem Problem des Friedens dargelegt. Diese Haltung ist gekennzeichnet durch den Geist des Staatsmannes, ebenso wie die Taten der letzten ruhmreichen Wochen, die die ganze Kraft und den Opfermut und die Selbstlosigkeit des Soldaten gezeigt haben, und wenn der Gegner glaubt, eine Kluft zwischen unserem verehrten Führer, zwischen diesem von dem deutschen Volke bewunderten Staatsmann und dem deutschen Volke selbst durch die Propaganda mit Flugzetteln und lächerlichen Aufschneidungen schaffen zu können, dann zeigt er, dass er das deutsche Volk nicht kennt oder zum mindesten es nicht kennen will. Wo zu allen Zeiten und von welchem Volke ist jemals ein Oberhaupt so geliebt worden, wo hat jemals ein Volk seinem Führer so blind vertraut, wie dies heute in Deutschland ist!

Heute, mein Führer, steht Ihr Volk geschlossener hinter Ihnen als je. Was Sie auch von diesem Volke fordern mögen, es wird Ihnen treu und in blindem Vertrauen alles hingeben. Die Einheit Deutschlands steht heute da wie ein stählerner Block, in Feuer gehärtet, in Erwartung des weiteren Geschehens. Das Volk wird hingehen und hinarmschieren, wohin Sie, mein Führer, es leiten, sei es zu dem ersehnten Frieden, sei es auch zu dem entschlossensten Widerstand. Niemals wird das deutsche Volk Ihren Willen mit mehr Freude, Ueberzeugung und Entschlossenheit ausführen:

„Führer befiehl! Wir folgen!"

polnischen Staates, der durch seine Struktur und seine Regierung die Garantie dafür bietet, dass er nicht zu einem neuen Gefahrenherd gegen das Deutsche Reich wird, und auch nicht zu einem Intrigenzentrum gegen Deutschland und Russland. Es muss weiter versucht werden, sofort die Wirkungen des Krieges verschwinden zu lassen oder doch zum mindesten abzuschwächen, d. h. durch eine wirksame Hilfe die grossen Schmerzen zu lindern, die wir heute sehen. Das kann — wie schon gesagt — am Konferenztisch geschehen, wenn Europa ein Interesse an der Ruhe und dem Frieden hat. Die europäischen Staaten können dann nur Deutschland und Russland dankbar sein, dass sie aus diesem Herd der Unruhe eine Zone friedlicher Entwicklung machen und dass diese Länder ausserdem auch noch die Garantie dafür übernehmen und gemeinsame Opfer bringen. Seitens des Deutschen Reiches darf man das nicht als Imperialismus auslegen. Ein hundertjähriger Besitz rechtfertigt diese deutsche Aufbauarbeit und die politische Einordnung dieses Gebietes sowie seine wirtschaftliche Ausheutung. All das kommt allerletzten Endes nur wieder ganz Europa zugute.

### Die europäische Sicherheit

Die zweite Aufgabe, und in meinen Augen die wichtigste, ist die Wiederherstellung nicht nur der Ueberzeugung, sondern auch des Gefühls von einer europäischen Sicherheit. Dazu ist es notwendig, dass

1. unbedingte Klarheit über die Ziele der Aussenpolitik der europäischen Staaten eintritt. Insoweit es sich um Deutschland handelt, ist die Reichsregierung bereit, restlose und volle Klarheit über ihre aussenpolitischen Absichten zu geben. Sie stellt dabei an die Spitze dieser Erklärung die Feststellung, dass der Versailler Vertrag von ihr als nicht mehr

2. Die Forderung nach einem wirklichen Aufblühen der internationalen Wirtschaft in Verbindung mit der Steigerung des Handels und Verkehrs, setzt die Inordnungbringung der Binnenwirtschaft bzw. der Produktionen innerhalb der einzelnen Staaten voraus. Zur Erleichterung des Austausches der Produktionen aber muss man zur Neuordnung der Märkte kommen und zu einer endgültigen Regelung der Währungen.

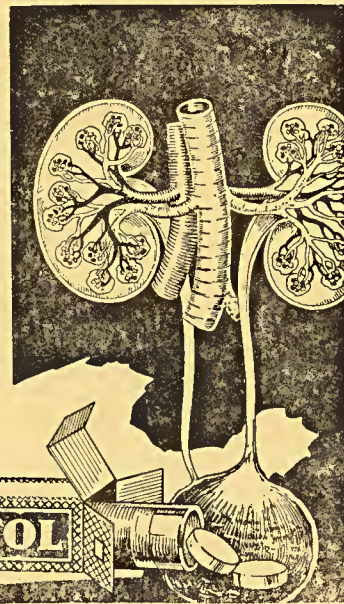
3. Die wichtigste Voraussetzung dafür ist die Herstellung eines unbedingt garantierten Friedens, des Gefühls der Sicherheit der einzelnen Völker. Diese Sicherheit wird nicht nur ermöglicht durch eine endgültige Sanktionierung des europäischen Status, sondern vor allem durch die Zurückführung der Rüstungen auf ein vernünftiges und auch wirtschaftlich tragbares Mass. Zu diesem notwendigen Gefühl der Sicherheit gehört vor allem die Klärung der Anwendbarkeit und des Verwendungsbereiches gewisser moderner Waffen, die in ihrer Wirkung geeignet sind, jederzeit in das Herz jedes einzelnen Volkes vorzustossen und die damit ein dauerndes Gefühl der Unsicherheit zurücklassen werden.

Ich habe schon in früheren Reichstagsreden in dieser Richtung Vorschläge gemacht. Sie sind damals der Ablehnung verfallen. Ich glaube aber, dass das Gefühl der nationalen Sicherheit in Europa erst einkehren wird, wenn auf diesem Gebiet durch klare, internationale, gültige Verpflichtungen eine umfassende Fixierung des Begriffes erlaubter und unerlaubter Waffenanwendung stattfindet, so wie es die Genfer Konvention einst fertighrachte, wenigstens bei den zivilisierten Staaten die Tötung Verwundeter, die Misshandlung Gefangener, den Kampf gegen Nichtkriegsteilnehmer usw., zu verbieten, so muss es gelingen, den Einsatz der Luftwaffe, die Anwendung von Gas usw. des U-Bootes, aber auch die Begriffe der Konterbande so fest-



Die Wasserleitung ist verstopft!

Wie unangenehm. Sofortige Reparatur ist notwendig. Wenn nun Ihre Harnwege auch nicht mehr richtig arbeiten, müssen Sie, um unangenehme Folgen zu verhindern, zu den HELMITOL-Tabletten greifen, die für eine allgemeine innere Reinigung sorgen. Ihre Gesundheit und ihr Wohlbefinden ist dann bald wieder hergestellt. Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen. Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.



Wer sein Geld stets in der Tasche trägt, gibt es aus.

Legen Sie jeden Monat nur einen kleinen Betrag auf

**Sparkonto**

an, so erleichtern Sie sich das Sparen, und das zurückgelegte erhöht sich um Zins- und Zinseszinsgewinn.

**Banco Germanico**

da America do Sul  
São Paulo

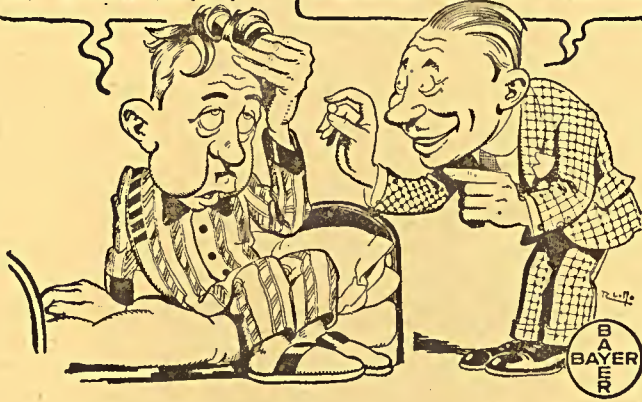
R. Alvares Penteado 121 (Ecke Rua Quitanda)  
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega 5  
Santos, Rua 15 de Novembro 114

**„Zum Hirschen“ Hotel und Restaurant**  
Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561  
São Paulo Inh.: Emil Russiz

**Alfaiataria Henrique**  
Av. S. João 345 — Tel. 4-3196 — App. 2  
Deutsche Schneiderei

Für fachmännische Ia. Ausführung garantiert der technische Leiter Henrique Dietrich.

OH.. WIE IST MEIN KOPF SO SCHWER!  
NIMM' CAFIASPIRINA UND KEIN "KATER" PLAGT DICH MEHR



Bestehen Sie auf Cafiaspirina Tabletten in der schützenden Cellophan Packung.

• Welch' guter Ratschlag! Cafiaspirina ist ein wahrer Retter fuer alle diejenigen, die die Nacht durchgefiebert und ueber den Durst getrunken haben; denn es bringt Erleichterung und Frische, und gibt Ihnen Ihr Wohlbefinden zurueck. Cafiaspirina ist ein Bayer Praeparat . . . und jeder weiss es: "Wenn es Bayer ist, so ist es gut!"

• Beugen Sie vor: Haben Sie stets Cafiaspirina zur Hand!

**CAFIASPIRINA**  
gegen Schmerzen

SOCIEDADE TECHNICA  
**BREMENSIS**

LTD.A.

STAMMHAUS:

São Paulo - Rua Florencio de Abreu N° 139

Maschinen u. Werkzeuge

fuer Metall-, Blech- und Holzbearbeitung, Elektr. Schweissmaschinen, Pumpen "Weise" Feuerloescher "Minimax", Schlieselheben "MSO", "Alpine" Stoeble, Elektrowerkzeuge "Fein", Landwirtschaftliche Maschinen.

Graphische Maschinen u. Materialien

Jeder Art. Maschinen fuer Paperverarbeitung und Kartonagenindustrie, Druckerel-Materialien, "Intertype" Setzmaschinen, Vertrieb der Erzeugnisse der Schriftglesserei "Funtymod", Moderne Reparaturwerkstaetten, Messerschleiferei, Weizenglesserei.

Elektro Materialien

Groesstes Lager aller Installationsartikel, Draehete, Kuehl, Motoren, Dynamos, Schaltapparate, Elektrische Haushaltsartikel, Beluchtungsgeraete, Lampen, Staubsauger und Bohrmaschinen "Progress".

Feld- u. Eisenbahnmateriale

Alleinverkauf der Erzeugnisse der Orenstein & Koppel A. G. Dieselmotorkomplett, Strassenwalzen, Egger, Grosseer Stock von Feldbahnmateriale und Schienen, Diesel-Fahrgestelle fuer Lastwagen und Omnibusse "Bussing-NAG".

Cliché Fabrik

Autotypen, Strichzeichnungen, Mehrfarbenclichés in hoehster Vollendung, Entwuerfe, Zeichnungen, Retuschen, Photolithos, Groesste Anstalt Suedamerikas.

Abteilung Auto-Union

DKW — WANDERER — HORCH

Automobile

DKW Motorraeder

Ausstellungsraeume und Reparaturwerkstaette  
São Paulo - rua Ypiranga, 114-118

Filialhaeuser:

RIO DE JANEIRO - CURITYBA - RECIFE

**Versicherungen**  
**G. OPITZ**

Caixa  
94

Telefon  
2-9367

## Die Feuerprobe

Novelle von Werner Bergengruen / Verlag Philipp Reclam jun. Leipzig

I.

In jenen zwistigen Zeiten wurde bestimmt, dass sich jede Nacht zwei Ratsherren im Rathause aufhalten sollten, um Botschaften in Empfang zu nehmen und noetigenfalls eilige Entscheidungen von begrenzter Wichtigkeit zu treffen. Die Anordnung bedang es, dass jeder Ratsherr etwa alle acht Tage eine Nacht ausser Hause zu verbringen hatte; vielleicht ist dies der Stadt zugute gekommen, den Haeslichkeiten der Ratsherren brachte es Nachteil und der Sicherheit jedes Masses und jeder Sitte ebenfalls. Im Hause des Henning von Warendorp, eines hejahrnten Witwers, feierte die Dienerschaft ein Fest, bei welchem die kostbarsten Stuoeke des Hausrats beschuadigt wurden. Lubert Misenborchs Magd trieb sich nachts in der Vorstadt umher und ertraenkte spaeter ihr Kind in der Duna unter dem Eise. Gottfried von Radenows junger Sohn, welcher die Petrischule besuchte, ging zu den Frauenzimmern im Ellenbrook; des Morgens trug man ihn mit einer Schuadelwunde nach Hause. Tidemann Gripen endlich wurde auf der Strasse von einem Vetter heiseitegenommen: Es seien da aerguerliche Geruechte, er koenne sie nicht pruefen, aber er sei wohl verpflichtet, seinen Verwandten auf sie hinzuweisen.

Tidemann Gripen ging nach Hause, um seine Frau zur Rede zu stellen. Als er sich von dem Vetter trennte, aergerte er sich noch ueber eine foerichte Klatscherei; als er vor seiner Haustuer stand, glaubte er seine Schande und Barbaras Schuld erwiesen.

Die Frau stand in der Kueche und beaufsichtigte das Reinigen und Hobeln des Kohls, der fuer den Winter gesaeuert werden sollte. Sie blickte betroffen auf, als der Mann hereinkam: sie war es nicht gewohnt, ihn in der Kueche zu sehen. Auch die Leute hoben in Verwunderung die Augen und hielten in ihrem Gesang inne.

Gripen nahm Barbara bei der Hand und fuehrte sie schweigend in die grosse Stube. Er liess ihre Hand los, fast war es ein Wegschleudern.

„Ist Schwenkhusen hier gewesen?“ fragte er.

Die Frau sah erschrocken in sein boeses Gesicht.

„Schwenkhusen? Wann? Heute?“ fragte sie zurueck.

Gripen bekam einen schnaubenden Atem. „Du weisst haargenau, wonach ich frage“, sagte er drohend. „Ich will wissen, ob Schwenkhusen in meinem Bett gelegen ist, waehrend ich auf dem Rathause war.“

Die Frau warf die Lippen auf, die Lippen zitterten.

„Wer hat das behauptet?“ schrie sie. „Es kommt nicht darauf an, wer es behauptet hat, sondern ob es geschehen ist. Antworte: ja oder nein?“

„Nein“, sagte die Frau zornig, wandte sich ab und ging mit zuckenden Schultern aus dem Zimmer.

Der Ratsherr begab sich zu Schwenkhusen. Schwenkhusen war ein junger, leidenschaftlicher Mensch, der fuer leichtsinnig galt und beliebt war. Er gehoerte zur Kompanie der Schwarzen Haepfer, lebte reich und gaestlich und wohnte als ein Unverheirateter mit seiner Mutter zusammen.

Gripen fand die Mutter in Traurigkeit. Es hatte an diesem Morgen ein Kriegauszug stattgefunden; wie man in Riga sagte, eine Stossreise, naemlich gegen den Bischof von Dorpat, der fuer die Vitalienbrueder, die auf sein Geheiss im noerdlichen Livland gelandet waren. Die Gesellschaft der Schwarzen Haepfer hatte vierzehn Reiter mit ihren Knechten zu dem Aufgebot stellen muessen; unter ihnen war Schwenkhusen.

Gripen wuenschte der Mutter eine gluoeckliche Heimkehr ihres Sohnes und ging.

Von diesem Tage an sass die Eheleute bei ihren Mahlzeiten schweigend; auch schliessen sie nicht mehr beieinander. Der Ratsherr hielt sich wenig zu Hause auf. In dieser Zeit nahm er die Gewohnheit an, den Kopf ruckhaft herumzuwerfen, als suche er einen Nachredner- und heimlichen Lacher zu ertappen. Seine harte Schweigsamkeit wurde bemerkt, ohne zu ueberraschen, jeder kannte das Geruecht. Und in diesen verrueckenden Zeiten hatte alles Geruecht ueber die Seelen der Menschen seine Gewalt.

Die Frau dachte nicht daran, sich zu verbergen. Sie ging zur Kueche, zu Einkaufe und Besuchen mit ihrem aufgerichteten und schoenen Gang. Daraus schlossen die einen auf eine verstockte Dreistigkeit, der auch Schuld zuzutrauen waere; die anderen auf Sicherheit eines ungefaehrden Gewissens; die dritten, indem sie Schuld oder Unschuld beiseite liessen, fanden nur die stolze Willensaertheit bestaetigt, die jedermann an ihr kannte.

Gripen war wieder zur Nacht auf dem Rathause. Ein Bote wurde hereingefuehrt. Er brachte die Meldung von einem kriegerischen Missgeschick.

Gripen fragte nach diesem und jenem. Endlich fragte er nach Schwenkhusen.

„Schwenkhusen ist tot“, wurde ihm geantwortet.

Als es Tag war, trauerten viele um ihre Angehoerigen, andere um Pferde und Ruestungsstuoeke, mit denen sie ihre Knechte und Stellvertreter hatten ausstatten muessen. Schwenkhusens Mutter wurde von manchen aufgesucht und getroestet.

Gripen kam erst um Mittagszeit vom Rathause in seine Wohnung. Waehrend des Essens begann er: „Weisst du es schon?“

„Was?“ fragte Barbara, die an diesem Tage noch nicht aus dem Hause gekommen war. Gripen fiel es ein, dass er ihre Stim-

me zum ersten Male seit Tagen hoerte.

„Schwenkhusen ist gefallen“, sagte er und beobachtete ihr Gesicht.

Sie wurde fuer einen Augenblick weiss und fragte: „Eine Schlacht ist verloren?“

„Schwenkhusen ist tot“, antwortete der Mann.

„Doch nicht er allein!“ rief sie heftig und riss an ihrer Bernsteinkette.

Er nannte Zahlen und Namen.

Sie schwiegen. Die Magd brachte neue Schuesseln.

„Es hat vielleicht nicht einmal seine Mutter so gierig auf seine Rueckkehr gewartet wie ich“, begann Gripen wieder. „Vielleicht nicht einmal du.“

Sie sprach nicht, sie sah ihm nur steinern ins Gesicht mit ihren grossen, schoengeschuittenen Augen. Eine Weile ertrug jeder den Blick des aendern.

„Was soll das?“ fragte sie.

Gripen beugte sich ueber den Tisch vor und schrie: „Jetzt muss es auf andere Weise an den Tag gebracht werden!“

Sie schwieg.

„Rede doch! Wie willst du dich reinigen?“

„Ich?“ fragte sie erstaunt.

„Es ist dir bekannt, was ich dir vorwerfe. Aber es ist dir vielleicht unbekannt geblieben, dass die Stadt davon redet.“

„Darum moechte ich mich nicht kuummern muessen“, erwiderte die Frau. „Als ich heiratete, da habe ich geglaubt, mein Mann werde mich gegen Nachrede in Schutz nehmen.“

„Gut“, sagte er. „Es mag unrecht gewesen sein, dass ich das Geruede erwaehnt habe, obwohl mein Stand es mir verbietet, dem gemeinen Manne ein Aergernis oder auch nur das Beispiel einer haeslichen Unklarheit zu geben. Aber es ist um meinetwillen. Wir haben vier Jahre miteinander gelebt, und wir sollen es weiter tun, bis einer stirbt. Aber in dieser Art kann ich mit dir nicht weiterleben.“

„Das mache mit dir aus“, antwortete Barbara. „Es ist deine Schuld und trifft dich selbst, wenn du von deiner Frau gering denkst. Was verlangst du von mir?“

Gripen stand auf und ging um den Tisch herum. Hart hinter dem Stuhl der Frau blieb er stehen. Sie wandte unbeilid den Kopf und betrachtete Tidemann ueber die Schulter hinweg.

„Trage das Eisen!“ fluesterte er.

Sie machte mit dem Oberkoerper eine Bewegung nach rueckwaerts gegen die Stuhllehne. Gleichzeitig drehte sie den Kopf wieder nach vorne, dem Tische zu, so dass Gripen ihr Gesicht nicht sehen konnte. Im Nacken spuerete sie die keuchenden Stoesse seines Atems.

„Kenne ich die Stadtrechte besser als du?“ fragte sie.

Die Buerger von Riga, vornehme und geringe, hatten das Privileg, dass sie zu keiner Probe wie auch zu keinem gerichtlichen Zweikampf gezwungen werden konnten.

„Das Gesetz kann dich nicht noetigen, ich weiss das. Darum will ich, dass du es aus-

freien Stuoecken tust. Weigerst du dich, so wirst du mir als ueberfuehrt gelten, und ich werde die Klage auf Ehebruch erheben. Ob die Klage recht bekommt, nachdem Schwenkhusen tot ist, das kann ich nicht wissen; aber ihre Erhebung allein wird der Stadt meine Meinung anzeigen und dich verdammen als eine Ehebruechige.“

„Oder dich als einen Wahnsinnigen.“

„Du fuechtest das Eisen. Waerdest du schuldlos, so brauchtest du es nicht zu scheuen.“

„Wo das Gesetz die Probe verlangt, da mag sie zu leisten sein. Sie ihr ungewungen unterziehen, waere ein Herausfordern Gottes. Es ist Gottes Vorrecht, die Menschen zu versuchen. Aber dem Menschen ist es nicht erlaubt, ihm mit Gleichem zu begegnen.“

„Weigere dich nicht, Barbara. Ich werde dir ein Leben machen, das dir nicht gefallen wird.“

„Und du glaubst, wenn ich die Probe bestanden haette, ich werde nachher mit dir leben koennen wie frueher?“

„Kannst du es denn jetzt?“ fragte er leise und blieb ohne Erwidern.

Gripen stuetzte sich auf die Lehne ihres Stuhles. „Antworte mir noch nicht“, sagte er vorgeneigt. „Ich werde dich morgen wieder fragen.“

Sie stand auf. Das rasche Zurueckschieben ihres Stuhles drangte den Mann fast gewaltsam zur Seite. Sie ging hinaus, ohne ihn anzusehen, den Kopf im Nacken.

Am naechsten Morgen wiederholte er seine Frage. Sie erwiderte kurz, mit Gruenden, deren Gueltigkeit nicht anzufechten war. Schuld wolle bewiesen werden, nicht Unschuld. Das hlosse Dasein des Privilegs, das ja unmoeglich zur Deckung Schuldiger geschaffen sein koenne, bezeuge die Abergewitzigkeit seines Verlangens. Ob nicht er selbst ein gluoedendes Eisen in der Hand halten wolle, um seine Unschuld an der Tuetung Abels durch Kain, am Ueberkochen der Morgensuppe oder am letzten Nachtfrost darzutun? Er fuehle sich schuldlos, was also habe er zu fuechten?

„Ich bin nicht verklagt, Barbara“, antwortete er. „Du bist es. Was du sagst, ist richtig. Aber glaube nicht, dass es darum Gewicht habe. Und das glaubst du ja auch nicht.“

Hiermit hatte Gripen recht, mehr als er wusste. Nein, die Gruende, welche die Frau vorbrachte, hatten kein Gewicht fuer sie selbst. Sprach sie sie aus, so ekelte es sie bereits vor dieser unanfechtbaren Richtigkeit. Schwenkhusen war tot, dies allein hatte Gewicht, aber zu diesem einen durfte sie sich nicht bekennen.

Der Mann fragte von neuem, sie wies ihm ab, doch verzichtete sie auf abermaliges Vorbringen von Gruenden. Er liess ihr Zeit, dann fragte er wieder; sie gab keine Antwort. Durch Stunden hockte sie am Kamin, ohne Licht, im Daemmer erst, darauf im Dunkel, beachtete das Gesinde nicht, das mit Fragen kam, beachtete den heimkehrenden Mann nicht, der keine Frage mehr aussprach. Sie suchte sich Schwenkhusen vorzustellen, als koennte sie ihn befragen, aber Schwenkhusen war nicht

**VIGOR-MILCH**  
Die beste Milch in São Paulo

S. A.  
**Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"**

Rua Joaquim Carlos 178  
Tel. 1 9-2161, 9-2162, 9-2163

**CASA TURF**

Rua Direita 119

Das deutsche Haus für feine Herren-Artikel

JENKE & SCHAEFFTER

**Dres. Lehfeld und Coelho**  
**Dr. Walter Hoop**  
Rechtsanwalt

São Paulo, Rua Libero Badaró Nr. 443,  
Telef.: 2-0804 - 2. Stock, Zim. 11 - 16 - Postfach 444

Vor **Annahme falschen Geldes**  
schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr

Eröffnen Sie ein Konto beim

**Banco Allemão Transatlantico**

RUA 15 NOVEMBRO 268  
und zahlen Sie Ihre Rechnungen **per Scheck!**

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

**Dr. G.H. Nick**  
Facharzt  
für innere Krankheiten.

Sprechstunden täglich v. 14-17 Uhr  
Rua Libero Badaró 73, Tel. 2-3371  
Privatwohnung: Telefon 8-2263

**Dr. Erich Müller-Carioba**  
Frauenheilkunde und Geburtshilfe  
Röntgenstrahlen - Diathermie  
Ultraviolettrahlen

Konz.: R. Aurora 1018 von 2-4,30  
Uhr. Tel. 4-6898. Wohnung: Rua  
Groenlandia Nr. 72. Tel. 8-1481

**Deutsche Apotheke**  
In Jardim America

Anfertigung ärztlicher Re-  
zepte, pharmazeutische  
Spezialitäten - Schnelle  
Lieferung ins Haus.

RUA AUGUSTA 2843  
Tel. 8-2182

**Deutsche Apotheke**  
**Ludwig Schwedes**

Rua Libero Badaró 45-A  
São Paulo / Tel. 2-4468

**Jorge Danmann**  
Deutsche Damen- u. Herren-  
schneiderei. Große Auswahl  
in nat. u. ausländ. Stoffen.  
R. Piranga 193, Tel. 4-2320

**Josef Hüls**  
Erfahrene Schneiderei. -  
Mäßige Preise. - Rua Dom  
José de Barros 266, fobr.,  
São Paulo, Telefon 4-4725

**João Knapp**  
Klempnerei, Installation.  
Regist. Rep. de Aguas und  
Esg. - Rua Monf. Basfa-  
laqua 6. Telefon 7-2211.

Deutsche Schuhmacherei  
Rua Sta. Efigenia 225  
Ausführung aller ins Fach  
schlagenden Arbeiten  
**Hermann Radelsberger**  
(früher Heinrich Lutz)

**Deutsche!** Wartet nicht bis zum letzten Mo-  
ment, um euren Aufenthalt im  
Land nach dem neuesten Dekret zu legalisieren und  
die vorgeschriebene Registrierung vorzunehmen.  
Dies besorgt billig und absolut zuverlässig:  
**"A Informadora"** Predio Pirapitinguy, R. João Eric-  
cola 10, 9. St., Sala 932/33.  
Dort werden ebenfalls Aus- und Rückreise-Visums  
besorgt.

**KRANK?**  
Dann lassen Sie sich  
**homöopathisch**  
behandeln. - In dem  
**Dispensario Homöopathico São Paulo**  
**Praça João Mendes 8, sobr.**

stehen Ihnen von 9-18,30 Uhr die besten homöopa-  
thischen Aerzte São Paulos  
**unentgeltlich**  
zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte  
Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann.  
Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf  
eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.  
(Neben der homöopathischen Apotheke  
Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

**Dr. Mario de Fiori**  
Spezialarzt für allgemeine Chirurgie  
Sprechst.: 2-5 Uhr nachm., Sonntags: 2-3.  
Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0038

**Bevorzugen**  
Sie bitte  
bei Ihren  
Einkäufen  
unsere  
**Inferenten!**

**Hugo Lichtenthaler**  
Rua Aurora Nr. 135

**Alttestes deutsches Möbelhaus**  
Grosse Auswahl in kompl.  
Zimmern u. Einzelmöbeln.  
Auch TAUSCH und KAUF  
von gebrauchten Möbelstücken

**Familienpension**  
**CURSCHMANN**  
Rua Florencio de Abreu  
133, Sobr. (bei Bahnhof)  
Telephon: 4-4094

**CONDOR FLUGDIENST**

PASSAGIERE  
POST  
FRACHT

Telegr. AERONAUTA

Succursal Telef. 2-7919  
S. PAULO: r. Alvores Penteado, 8

Agentur Telef. 5001  
SANTOS: r. 15 de Novembro, 19

**Farben - Lacke - Pinsel**  
und alle übrigen Bedarfsartikel  
für Hausanstrich und Dekoration

**Emilio Müller, R. José Bonifacio 114**

**Deutsche Automobile**

**Willi Hofang,**  
São Paulo

Caixa postal 3168 - Teleph.: 4-2451 ou 4-3825

**Alöfler** Registrierung aller Ausländer -  
Pässe - Identitätskarten - Aus-  
und Rückreise-Visums - Überfegungen werden schnell  
und billig besorgt  
**Rua Formosa 433, fobr. (bei der Post)**

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente  
und Zubehör, feinmechanische Werkstätten

**OTTO BENDER**  
Rua Sta. Efigenia 80 - Telefon 4-4705  
Zeichenmaterial A. Nestler, Lehr und Gebr. Hall,  
Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten  
Vermessungsinstrumenten.

**Deutsche Färberei und chemische Waschanstalt**  
**„Saxonia“**

Annahmestellen: Rua Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396  
und Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

da, es war niemand auf der Welt als sie selber. Sie suchte sich vorzustellen, wie ihr Mann die Klage erhob; der Versuch führte zu nichts anderem, als dass sie merkte: Ehre und Schande bei den Menschen waren, am Grade ihrer Verzweiflung gemessen, gleichgültig. Sie suchte sich vorzustellen, wie es bei der Feuerprobe zugehen mochte. Aber ihre Gedanken kamen nicht weiter als bis zu Schwenkhusens Tod.

Gripen trat ins dunkle Zimmer.  
„Ist jemand hier?“ fragte er hart.  
„Ich.“  
„Du hast Zeit gehabt, dich zu bedenken“, sagte er. „Ich frage dich morgen früh ein letztes Mal. Danach soll, auf diese oder jene Weise, von der Sache nicht mehr die Rede sein.“

Ihre Augen waren an das Dunkel gewohnt, darum sah sie den Umriss seiner Gestalt. Er ist wie jenes Eisen, dachte sie, und ich habe dieses Eisen getragen. Es ist kalt wie Stein seiner inneren Natur nach und glühend wie Feuer, wenn es eine Erhitzung von aussen erfahren hat. Die Glut hebt des Eisens kalte Natur nicht auf, aber die Glut kann auch durch des Eisens kalte Natur nicht vernichtet werden.

Gripen rief die Magd und befahl, ihm Decken und Kissen für die Nacht aufs Rathaus zu bringen. Er ging ohne Abschied.

Barbara legte sich nicht schlafen. Als es dämmerte, stand sie aus dem Lehnstuhl auf und betrachtete die letzte rötliche Glut im Kamin. Fast war sie versucht, mit der Hand hineinzufahren.

Die Diensthofen schliefen noch, es war totenstill im Hause. Sie ging in die Küche und wusch sich das Gesicht. „Dass Schwenkhusen nun sein Lehen gekommen ist“, sagte sie sich, „dies darf mich zu nichts bestimmen. Es wäre Torheit, wollte ich hierin ein Zeichen für mich sehen, denn es sind ja mit ihm noch viele andere getötet worden, die mit der Sache nichts zu schaffen haben.“

Zugleich aber fühlte sie die Klarheit und Stärke ihrer Natur erschüttert. Zu nichts anderem reichten diese Klarheit und Stärke hin als zu der Erkenntnis, dass es nun nichts gab, was für sie noch einen Wert haben konnte. Sie dachte an ihren winzigen Sohn,

der unter einer riesigen steinernen Wappenplatte in der Petrikirche lag. Eine Woche nach der Taufe war er erkrankt, zehn Tage danach gestorben. Schwenkhusen hatte namens der Schwarzhäupter ein Taufgeschenk übergeben und dazu den herkömmlichen Wunsch gesprochen: „Wir wünschen dem Kinde, es möge einmal Ratsherr zu Riga werden oder doch wenigstens König von Dänemark.“

Barbara unterbrach ihren Auf- und Niedergang und sagte laut: „Ich gebe mich in die Hände Gottes, die Schwenkhusen zum Tode gebracht haben.“

Als Gripen heimkam, war Barbara nicht mehr im Hause. Die Altmagd richtete aus, was ihr aufgetragen war: Die Frau sei bereit, des Herrn Wunsch zu erfüllen, er möge

empfang die Lossprechung und verrichtete in Ernst und Gläubigkeit die auferlegte Busse.

Von da an verliess sie ihre Zelle nicht mehr, sprach auch mit niemandem ein Wort, um den erlangten Gnadenstand nicht zu gefährden, selbst nicht durch lässliche Sünde. In der Frühe des Sonntagmorgens genoss sie das Sakrament.

Zum Hochamt fand sie sich in St. Peter ein. Die Kirche war gefüllt als sonst. Als sie durch das Schiff dem Ratsgestühl zuzug, lief es wie ein Wellenschlag durch die Menge. Viele stiessten sich an, flüsterien, reckten die Häuse. Barbara wurde es nicht gewahr, so gänzlich in sich selber hatte sie sich gewandt mit allen Kräften ihrer stolzen und leidenschaftlichen Seele. Sie ging langsam, ungesenkten Kopfes, ganz in Weiss geklei-

in seinem Ornat der Mesner, und neben ihm standen in ihren Sonntagsröcken ein Amtschmiedemeister und des Mesners halbwichsiger Sohn, der bei einem Sattler in der Lehre war. Dieser mit einer Zange in der Hand. Die drei suchten mit raschem Köpfeheben der Frau ins Gesicht zu sehen, doch brachen sich die Blicke am dichten Weiss des Schleiers. Hinter dem Gripens war der bestellte Priester eingetreten, ein bejahrter und gesammelter Mensch. Leute drängten nach, der Mesner sprang hinzu. Er liess ein paar Vornehme ein, die der Ratsherr, ihres Widerstrebens ungeachtet, um Zeugenschaft gebeten hatte, und verriegelte die Tür.

Der Priester winkte dem Mesnerssohn mit einem Heben des Kinnes. Der junge Mensch reichte ihm das Eisen, ein rechteckiges Stück von der Grösse einer Kinderhand. Der Priester betrachtete es genau, hielt es dem Amtschmiedemeister hin und fragte, ob er es bei seinem Eide für rechtes Eisen erkenne, unzugereicht und für die Probe tauglich. Der Schmied bejahte. Nun zeigte der Priester es dem Ratsherrn und den Zeugen. Sie nickten stumm.

Der Priester besprengte das Eisenstück mit Weihwasser und sagte: „Ich segne dich im Namen des Vaters und des Sohnes und des Heiligen Geistes, so bist du erhoben über alle anderen Stücke deiner Art.“ Er legte es auf die Holzkohlen; es zischte.

Der Priester besprengte das Eisenstück mit fänger und Vollender aller Gerechtigkeit, wir bitten dich, diesem Eisen deine Gnade zu geben, dass wir an ihm die Gerechtigkeit erkennen.“

Mit leiserer Stimme hat er Barbara um ihre Hand. Sie trat auf ihn zu, beide standen sie einander gegenüber in der Mitte des Kreises. Die Hände der Frau waren bisher in der weissen Gewandung verborgen gewesen. Nun reckte sie die rechte aus dem weiten, am Gelenk abwärtsfallenden Aermel, dass sie bis zur Mitte des Unterarmes sichtbar wurde. Die Hand war schön, regelmässig und kraftvoll, einziges Stück ihres Körpers, das enthiess zur Schau stand. Um das Gelenk lag ein schlichter goldener Reif, Erbstück von Mutters Seite; die Fingerringe,

**Confeitaria**  **Viennense**

Alttestes und vornehmstes Haus

Nachm. und abends gutes Konzert

Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETINGA 239 - S. Paulo

sie Zeit und Ort wissen lassen; bis dahin werde sie sich im Jungfernkloster zu St. Marien und Jakob aufhalten.

II.  
Die Tage im Jungfernkloster verbrachte Barbara in Abgeschiedenheit, sogar ohne Umgang mit den Nonnen, unter denen sie doch Verwandte und Kindheitsgefährtinnen hatte. Einmal erhielt sie eine Botschaft ihres Mannes und antwortete mit einer Erklärung ihres Einverständnisses. Als ihr bald danach sein Besuch gemeldet wurde, lehnte sie es ab, ihn zu empfangen. Dies war an einem Sonntagabend, dem gewöhnlichen Beichttage der Klosterfrauen. Die Frau erforschte ihr Gewissen nach den Vorschriften der Kirche, erweckte Reu und Leid und wartete geduldig, bis die Reihe an sie kam. Sie beichtete,

det, Haar und Gesicht unter weissem Schleierwerk. Bald nach ihr betrat Tidemann das Gestühl. Sie grüsst einander nicht.

Das Hochamt war beendet, die Kirche leerte sich nicht, das Gedränge wuchs. In den Gassen um St. Peter standen die Leute gepresst, Stadtbürger, Dienstvolk, undeutsche Bauern aus der Umgegend, Ordensherren vom Schloss, Stiftsvasallen vom Lande. Was in der Sakristei geschehen sollte, erschien ungehenerlich um seiner Seltenheit willen, noch mehr aber, weil es aus freien Stücken unternommen wurde; am erregtesten wunderten sich die vom Lande, Bauern und Edelleute, denen jenes Privileg der Stäbter mangelte.

Als das Ehepaar die Sakristei betrat, war das Kohlenhecken bereits hergerichtet, mit glühenden Würfelstücken gefüllt. Dabei stand

# Ein Mann namens Stropp

Die Geschichte einer gekränkten Ehre / Von Herbert Vogt

Mit einer mürrischen Gebärde schob der Postassistent Siegfried Stropp das Schalterfenster zu. Er griff in die wohlorganisierten Fächer in der Höhe seines linken Knies und hängte dann das kleine, graue Pappschild „Geschlossen“ an den Nagel, den das Dienstreglement dafür vorsah. Ein miserabler Vormittag wieder! Dauernd diese Rechenreien! Drei Briefmarken zu zwölf, sieben zu fünf, dreizehn zu vier, zwei Stadtpostkarten, ein Päckchen von 2000 Gramm nach der Schweiz ... Man möchte der reinste Adam Riese sein.

Wütend biss Siegfried Stropp in seine Leberwurstschnitte und funkelte nach dem Nachbarchalter hinüber, vor dem sich eine endlose Schlange Kunden räkelte. Und dann noch diese privaten Ausfragereien! Viermal hatten Bekannte wissen wollen, ob er tatsächlich Gehaltserhöhung bekommen habe. Erstens wäre das doch niemand etwas angegangen. Und zweitens hasste Stropp private Gespräche am Postschalter. Dienst war hier für ihn Dienst.

Plötzlich aber fiel ihm ein, dass ihn auch die Kollegen schon nach der Gehaltserhöhung gefragt hatten. Dieser Eisermann zum Beispiel, der doch genau wissen musste, dass Stropp erst in ein paar Monaten in die nächste Gehaltsstufe rückte, hatte dazu noch unverschämte gegrint. Stropp witterte etwas und hatte keine rechte Freude an der Lektüre des „Gneishausener Intelligenzblattes“, in das seine Leberwurstschnitte eingeschlagen war.

Er war gerade bis an die Rubrik „Der Witz des Tages“ gekommen, als er stutzte. Da stand ja sein Name in der Zeitung! Mit steigender Wut las er folgenden Witz: „Popp trifft Stropp. Sagt Popp: Warum so miesepetrig? Meint Stropp: Gehaltserhöhung bekommen. Sagt Popp: Ist doch ein Grund zum Freuen! Meint Stropp: Mensch, wenn ich meiner Alten sage, ich habe Gehaltserhöhung gekriegt, muss ich alles abgeben. Sage ich aber, ich habe keine bekommen, spricht sie bestimmt: Na ja, mit so einem Idioten, wie du bist, können sie das auch nur machen!“

Stropp war nun alles klar. Daher die Fragen, daher das dämliche Grinsen. Der kalte Zorn packte ihn. Sein Name war geschän-

det, nicht einmal, nicht zweimal, nein, dreitausendvierhundertsebenundvierzigmal, denn genau so hoch belief sich die Auflage des „Gneishausener Intelligenzblattes“, dieses „Mistblattes“, wie Stropp in seiner Wut zwischen Leberwurst und Roggenbrot durch die Zähne knirschte.

Er konnte kaum die Tischzeit erwarten. Mit laugen Schritten eilte er zur Redaktion des „Intelligenzblattes“. Keinem Menschen mochte Stropp ins Gesicht schauen, denn überall las er die unverhüllte Schadenfreude über das Pantoffelheldentum, das ihm dieses „Mistblatt“ angedichtet hatte. Stropp erwiderte keinen Gruss, und jedes Lächeln hätte er mit einer mittelschweren Körperverletzung quittieren wollen. Endlich stand er vor Herrn Zunder, dem Chef- und sonstigen Redakteur des Blattes, der ihm höflich einen Stuhl anbot. Da seine Arbeit nun doch einmal unterbrochen war, steckte sich Herr Zunder mit der Umständlichkeit langjähriger Übung eine schwarze Zigarre zwischen die Zähne und paffte mächtige Wolken. Dahei schaute er arhwehseind auf Stropp und wieder zum Fenster hinaus, das eine wirklich läusche Aussicht bot.

Es mag sein, dass Stropp tatsächlich unzusammenhängend gesprochen und in der Hauptsache üble Drohungen und derbe Flüche ausgestossen hatte, vielleicht aber war es auch nur ein gemeiner Geschäftstrick des gewiefen: Herrn Zunder, dass er nun sein Gegenüber scheinbar ganz harmlos nach dem Namen fragte und was er eigentlich wollte. Stropp konnte es nur im zweiten Sinne auffassen. Von nun an schlug er zur Bekräftigung seiner ohnehin deutlichen Worte in kurzen Abständen mit der Faust auf den Tisch. Herr Zunder sah sich das eine Weile an, machte einen Zug an der schwarzen Zigarre und schob dann heimlich an die Stelle, die Stropp mit seiner Faust misshandelte, eine scharfkantige Bleizeile, an der sich Stropp prompt und nicht schlecht blutig schlug. Währenddessen Stropp die Hand in den Mund steckte, um durch Auslutschen der Wunde eine Blutvergiftung zu verhüten und so zum Schweigen verurteilt war, erklärte ihm Zunder seelenruhig, dass die ganze Geschichte ein blöder Zufall ohne böse Ab-

sicht sei. Er habe Stropp bis heute nicht gekannt, auch seinen Namen noch nie gehört, und bei den vielen Namen, die für die Witze gebraucht würden, könne es schon mal vorkommen, dass jemand tatsächlich so heisst wie eine Witzfigur. Eine Berichtigung, wie sie Herr Stropp wünsche, käme jedenfalls nicht in Frage.

Stropp hatte indessen das Blut, aber nicht seinen Zorn gestillt und schritt jetzt zum tätlichen Angriff. Herrn Zunder wären geistige Waffen lieber gewesen. Aber er beherrschte auch Jiu-Jitsu, und so fühlte sich Stropp von einer unwiderstehlichen Gewalt zusammengebeugt und auf die Treppe geworfen. Diese Treppe besass das nötige Gefälle, um ihn gehörig rodeln zu lassen, und war zur Erhöhung des Genusses aus Eisen. Oben hatte sich die Tür wieder geschlossen. Stropp war mit einer grauen Wolke von der schwarzen Zigarre allein.

Stropp ging auf Nebenwegen nach Hause. Er meldete sich krank und wälzte Selbstmordgedanken. Dann liess er sich einen grossen weissen Bogen holen und schrieb sein Versetzungsgesuch.

Der Personalreferent der Reichspostdirektion sah zwar nicht ganz durch, als er Strops Gesuch gelesen hatte. Er konnte ja nicht wissen, welches Ausmass die „Sache Stropp“ in Gneishausen angenommen hatte. Es gab keinen Menschen, der die Geschichte nicht kannte und weitererzählte. Stropp war über Nacht berühmt geworden. Er konnte sich vor Spötereien nicht retten, und der Postdirektor musste ihn vom Schalterdienst ablösen.

Da die Personalakten „Stropp“ nur Gutes bezugten, zögerte der Personalreferent nicht, den Antragsteller nach dem Marktflecken Rosen zu versetzen, wo die Posthalterstelle vakant war. Hierher hatten weder Fama noch „Intelligenzblatt“ die böse Geschichte getragen. Ja, es war sogar eine Gehaltserhöhung mit der Versetzung verbunden, und zu der neuen Dienstwohnung gehörte ein grosser, gepflegter Garten mit vielen Sträuchern und Bäumen. Das hatte sich der gequälte Stropp schon lange gewünscht. Und als er beim ersten selbstgekelterten Johannisbeerwein sass, fiel ihm der Mann ein, dem er alles eigentlich zu verdanken hatte, und er beschloss, sich dankbar zu erweisen. Er verpackte sorgfältig zwei Flaschen seines Gewächses und schrieb eine gelbe Paketpostkarte. „Herrn Redakteur Zunder, Gneishausen in Schlesien“ stand schön kalligraphisch darauf.

Das war der erste Fall von Dankbarkeit, den Herr Zunder in seinem Beruf erlebte. Er war damals 49 Jahre und drei Monate alt und hatte sein fünfundzwanzigjähriges Berufsjubiläum schon hinter sich.



## DAS ABSTREICHEN EINES ZUNDHOLZES KLINGT WIE EINE EXPLOSION!

Durch Grosstadtlaerm und Arbeit überreizt streiken unsere Nerven oft. Adalina ist dann das sofort wirksame und dabei vollkommen unschädliche Beruhigungsmittel.

In Tuben mit 10 Tabletten zu 0,5 gr.

Neue Packung mit 6 Tabletten zu 0,25 gr.

**ADALINA**  
BAYER

die Gripen ihr geschenkt, hatte sie nicht angelegt.

Der Priester ergriff behutsam die Hand, wandte sie und prüfte die Innenfläche. Er wusch die Hand in geweihtem Wasser und trocknete sie mit einem neuen, den Anwesenden zuvor zur Prüfung hingehaltenen Leinentuch.

„Ich habe weder Salbe noch Pulver an ihr finden können“, sagte er. „Wer sehen will, der sehe zu. Wer Einwand erheben will, der rede jetzt und schweige nachher.“

Niemand rührte sich. Langsam liess Barbara die Hand sinken. Nun beharrte sie wieder in ihrer Haltung, weiss, aufgerichtet und ohne eine Regung.

Der Schmied beobachtete das Kohlenbecken. Er räusperte sich, dann sagte er halblaut: „Was das Eisen angeht, deswegen brauche man nicht länger zu warten.“

Der Priester hatte eine Scheu, seine Stimme zu brauchen. Er machte Barbara ein Zeichen und ebenso dem Mesnerssohn.

Barbara streckte die geöffnete Hand aus. Ihr Ellenbogen ruhte auf dem Hüftknochen. Hand und Unterarm standen in einer Linie rechtwinklig vom Körper ab. Dann krümmten sich ein klein wenig ihre Finger, wie die eines Kindes, die sich um eine mit Sehnsucht erbetelte Gabe schliessen möchten.

Gripen verzerrte den Mund und stöhnte. Dies war der erste Laut, der von ihm vernommen wurde. Der Mesnerssohn nahm mit der Zange das rote Eisen aus dem Kohlenbecken und reichte die Zange dem Priester; dieser holte tief Atem und streckte die rechte Hand mit der Zange aus. Der Mesner zog eine Sanduhr aus der Tasche und hielt sie in die Höhe. Der Zangenkopf mit dem Eisen befand sich über dem Handteller der Frau, um Fingersbreite von ihm entfernt.

Der Priester griff mit der Linken nach dem linken Zangenarm und riss ihn plötzlich zur Seite. Der Mesner drehte in der hocherhobenen Hand das Stundenglas um, der Sand begann zu rieseln, allen sichtbar, niemand schaute hin; das Eisenstück lag auf Barbaras Handfläche, der goldene Armreif erglomm rötlich im Widerschein.

Die Hand rührte sich nicht, der Arm rührte sich nicht, die ganze Gestalt blieb unbewegt. Gripen verlor die Kraft, das Bild dieser Unbewegtheit zu ertragen. Seine Augen suchten Rettung im Anblick des rinnenden weissen Sandes. Aber der Sand rann langsam, was da die enge Strasse zwischen dem oberen und dem unteren Glasbehälter zu durchlaufen hatte, war nicht die geringe Sandmenge, die der gläserne Raum fasste. Das waren Zentner von Sand, Wagenladungen

von Sand, es war aller Sand der Ostseeküste von Danzig bis Periau, dieser Sand rieselte Ewigkeiten hindurch.

Des Priesters Blicke hasteten von Sand zu Eisen, von Eisen zu Sand. Die geöffnete Zange schwebte hart über dem langsam ergrauenden Metall. Im Augenblick, da mit dem letzten fallenden Körnchen der Sandfluss erstarre, fasste die Zange zu. Das Eisen klirrte auf den Backsteinfliesen, Barbaras leere Hand verharrte in ihrer Haltung, als sei es eine Schneeflocke gewesen, was oben sie verlassen hatte.

Aus jedem Auge im Sakristraum sprang ein Blick, alle Blicke trafen auf den gleichen Ort; hier dauerten sie eine Weile aus, lösten sich ab, begegneten einander mit Scheu und senkten sich, als sei ihnen eine Blendung widerfahren. Der Ort war die ausgestreckte weisse Hand vor dem Goldreif und dem seidigen Schein des Aermles. Es war nichts an ihr zu sehen als ein paar schwärzliche Flecke von Kohlenruss. Der Priester fuhr mit dem Tuch achtsam über sie hin, da waren sie fort.

Als der erste regte sich Henning von Warendorp, der alte Ratsherr, der sich unter den gebetenen Zeugen befand. Er neigte sich tief und küsste die offene Hand, ohne dass er gewagt hätte, sie mit der seinen zu berühren. Dann sandte er einen zornigen Blick in Gripens Gesicht, stiess den Riegel zurück und ging ohne Abschied. Ihm folgten die übrigen Zeugen.

Während der ganzen Zeit hatten die in der Sakristei wie ein entferntes Wipfelrauschen die Stimmen der Menschenmenge in der Kirche vernommen. Jetzt, da die Tür offen stand, bis der letzte Zeuge gegangen war, schollen Ausrufe, Fragen, wildes Geschrei in den Raum. Das Brausen der Stimmen schwoll, pflanzte sich aus der Kirche weiter in die Gassen und füllte die Sakristei, auch als die Schliessung der Tür schon wieder geschehen war.

Barbara liess die ungeschändete Hand sinken und wandte sich, als wolle auch sie gehen. Der Priester und der Schmied, der Mesner und sein Sohn wagten es nicht, in Gripens Gesicht zu blicken, das sich gegen seine Brust geneigt hatte. Plötzlich schrie Gripen auf, stürzte der Frau zu Füßen und küsste ihre Schuhe. Die Männer wandten sich ab, nur des Mesners Sohn starrte offenen Mundes auf die Eheleute. Der Ratsherr presste die Augen in den weissen Saum ihres Kleides, der Mesnerssohn meinte aus seinem verwürgten Gestammel ein Flehen um Verzeihung zu hören.

Barbara beugte sich zu Tidemann, legte beide Hände an seinen Kopf und zog ihn

in die Höhe. „Gott verzeiht uns allen, wie sündig wir sind“, sagte sie. „Verzeihe auch du mir, was ich dir getan haben mag.“

Gemeinsam verliessen sie Sakristei und Kirche. Barbara hatte den Schleier zurückgeschlagen. Vor dem Portal standen Stadtknechte und stiessen die Andrängenden mit den Schäften ihrer Spiesse zurück. Es half wenig die Gripens kamen nur zollweise von der Stelle. Weiber und Bauern lagen auf den Knien und rissen einander schreiend beiseite, um Barbaras Kleidersaum zu küssen. Fäuste und Schimpfworte drängten sich dem Ratsherrn entgegen; wären die Knechte nicht gewesen, man hätte ihn zu Boden gestürzt. In der Sündergasse, unweit des Gripenschen Hauses, wurde ein Stein nach ihm geworfen; Barbara schnellte sich vor, der Stein traf ihr Kinn, ein schmaler Blutsteig zog sich auf das weisse Kleid.

Im Hausflur begann der Ratsherr: „Es soll alles nach deinem Willen geschehen. Verlange es, so übergebe ich dir mein Haus samt allem, was ich dir bei der Eheberedung zum Witum verschrieben habe. Verlange es, so gehört dir mein Landbesitz. Verlange es, so will ich die Stadt verlassen und mit einem weissen Stabe betteln gehen. Ich weiss wohl, dass du hiernach nicht mehr mit mir wirst leben können.“

„Ich will es versuchen, Tidemann“, antwortete die Frau.

### III.

Tidemann Gripen hatte für ewige Zeiten zwei Messen in St. Peter gestiftet, die am Jahrestage der Probe gelesen werden sollten: eine zum Gedächtnis der Begebenheit, eine für die Seele des getöteten Schwenkhusen. Das Eisen, so war in der Verschreibung bestimmt, sollte während dieser Messen auf den Altarstufen zur Schau liegen.

Es war in der Stadt die Meinung gewesen, Ratsherr Gripen werde sich nach Tunlichkeit zurückgezogen in seinem Hause halten. Allein diese Erwartung behielt nicht recht. Vielmehr war es, als habe er sich verdammt, jedem Blick des Zornes oder Abscheus, jedem geflissentlichen Ausweichen eines Begegners, jeder der Beschimpfungen, die ihm aus Häusern und Torwegen nachgerufen wurden, sich geduldig auszusetzen. Er zeigte sich der Welt bei jedem Anlass, der seine Gegenwart notwendig machte oder auch nur rechtfertigte.

Barbara indessen hielt sich vor den Menschen verborgen. Einige Frauen aus ratsherrlichen Geschlechtern waren gekommen, um sie zu besuchen, doch hatte Barbara sich mit Höflichkeit entschuldigen lassen. An Feiertagen ging sie nicht zum Hochamt in die Petrikirche, wie es die patrizischen Frauen

taten, indem sie sich vor ihren Mägden das Gebetbuch und einen in Tücher gefüllten Wärmstein für die Füsse nachtragen liessen; sondern sie begab sich im Morgengrauen verhüllt, unhegeleitet und unbeachtet, in eine jener ärmlichen kleinen Kirchen und Kapellen, die von geringen Stadtleuten oder vom Lande eingekommenen Bauern besucht wurden: dumpfe Räumlichkeiten, in denen die Bettelmönche in lettischer Sprache predigten und aus denen man in den Kleidern schlechten Geruch, Läuse und Flöhe nach Hause trug. Auf einem dieser Morgengänge begegnete sie Schwenkhusens Mutter. Barbara wollte zur Seite biegen, allein die alte Frau überquerte die Strasse, umarmte sie mit kummervoller Herzlichkeit und wiederholte: „Kummers Kind! Gutes Kind!“ Barbara liess sich stumm die Umarmung geschehen.

Dass sie allem Geselligsein fernbleiben mochte, dies begriffen die Leute wohl; ihr Mitleid, ihre Zuneigung wandelten sich in Ehrerbietung, aber auch in Scheu, als vor einem Menschen, der unter Gottes Gericht gestanden hatte. Es dünkte sie nicht möglich, mit einem solchen Menschen von Dienstboten, Marktpreisen, Lachsfang und Geflügelmast zu sprechen; nicht möglich, ihn um seine Meinung von einem neuen Stickmuster zu befragen; nicht möglich, ihn zum Bewundern eines soeben aufgestellten, aus dem Reich gekommenen Altargemäldes einzuladen, von dem sich die letzte burgundische Damenmode ahlesen liess; wie dies alles ja auch Barbara nicht mehr möglich dünkte.

Das Gesinde berichtete von ihrem strengen Grübelertum, ihrem verschwiegenen Ernst, ihrer abwehrenden, ja fast hochmütigen Miene. Auch das liess man gelten.

Am Abend nach dem Dreikönigstag begegnete Gripen an der Schaalpforte dem alten Henning von Warendorp. Gripen war es gewohnt, dass die Leute, und Ratsherr Warendorp insbesondere, mit ihm nicht viel redeten, es sei denn aus geschäftlichen oder städtischen Ursachen. Darum grüsste er den Alten, ohne seinen Gang zu unterbrechen. Allein Warendorp trat auf ihn zu und sagte: „Es geht dich an vor anderen. Darum sage ich es dir, wenn du es noch nicht wissen solltest. Schwenkhusen ist gestern zurückgekehrt.“

(Fortsetzung folgt.)

„Sublime“

die beste Tafelbutter

Theodor Bergander

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

# England zur See

Kurz vor der Vertagung des englischen Parlaments gab der Marinestaatssekretär Shakespeare im Unterhause bekannt, dass neben den laufenden und bewilligten Neubauten der Schiffe erster Ordnung noch 180 kleinere Einheiten sowie ein Schwimmdock von 5000 t Grösse in Auftrag gegeben oder gekauft werden würden. Es handelt sich dabei in der Hauptsache um Fahrzeuge, die in der U-Boot-Abwehr Verwendung finden sollen. 87 Hochseefischdampfer sind bereits angekauft und werden zurzeit für ihren besonderen Zweck umgebaut, 20 weitere werden neu gebaut. Ferner ist der Bau von 56 U-Boot-Jägern und Patrouillenbooten vorgesehen sowie einer Reihe von Minenräumbooten und Sperrschiffen. Diese Ausdehnung des Bauprogramms auf die lediglich zur U-Boot-Bekämpfung bestimmten Einheiten steht nicht recht im Einklang mit einer Erklärung vor etwa drei Monaten, in der derselbe Vertreter der Admiralität dem Unterhause klarzumachen versuchte, dass das U-Boot praktisch keine Gefahr mehr für die englische Schifffahrt bedeute.

Wenn man sich daran erinnert, dass der Chef der Grand Fleet, Lord Jellicoe, in seinem bekannten Buch: „Der U-Boot-Krieg — Englands schwerste Stunde“ die Zahl der allein für die Abwehr der U-Boot-Gefahr eingesetzten Schiffe und Fahrzeuge auf 2688 angibt, darunter 277 Zerstörer, 849 Fischdampfer und 867 Drifter, so erscheint die an sich beachtliche Zahl von 180 Fahrzeugen, für deren Bau oder Ankauf 11 Millionen Pfund veranschlagt sind, nicht gerade hoch. Der augenblickliche Stand der englischen Neubauten, soweit dabei die Schiffe 1. Ordnung in Frage kommen, geht aus folgender Aufstellung hervor.

Mitte Juli 1939 waren im Bau oder bewilligt: 9 Schlachtschiffe von zusammen 335.000 Tonnen, 6 Flugzeugträger von zusammen 138.000 Tonnen, 23 Kreuzer von zusammen 158.000 Tonnen, 32 Zerstörer von zusammen 57.780 Tonnen, 15 Unterseeboote von zusammen 15.990 Tonnen; also im ganzen 85 Kriegsschiffe 1. Ordnung mit 705.270 Tonnen.

Von den 9 Schlachtschiffen werden mit grosser Wahrscheinlichkeit frontbereit sein; zwei im Herbst 1940, zwei Anfang 1941, eins im Frühjahr 1941, zwei Ende 1942, zwei bereits

bewilligte, aber noch nicht auf Stapel gelegte 40.000-Tonner im Herbst 1944. Von den 6 Flugzeugträgern werden einer Herbst 1940, drei Anfang 1941, einer Anfang 1943 und einer Herbst 1943 fertig sein. Von den 23 Kreuzern kommen Ende 1939 oder Anfang 1940 fünf in Dienst, im Sommer 1940 sieben, im Laufe des Jahres 1941 ebenfalls sieben und im Frühjahr 1942 vier. Bei den Zerstörern werden noch im Laufe dieses Jahres acht fertig, 1940 sechs, im Frühjahr 1941 zehn und Mitte 1941 die letzten acht. Von den 15 in Bau gegebenen Unterseebooten, die je rund 1000 t über Wasser verdrängen, werden noch in diesem Jahre vier, im Jahre 1940 sieben und Ende 1941 drei fertig sein.

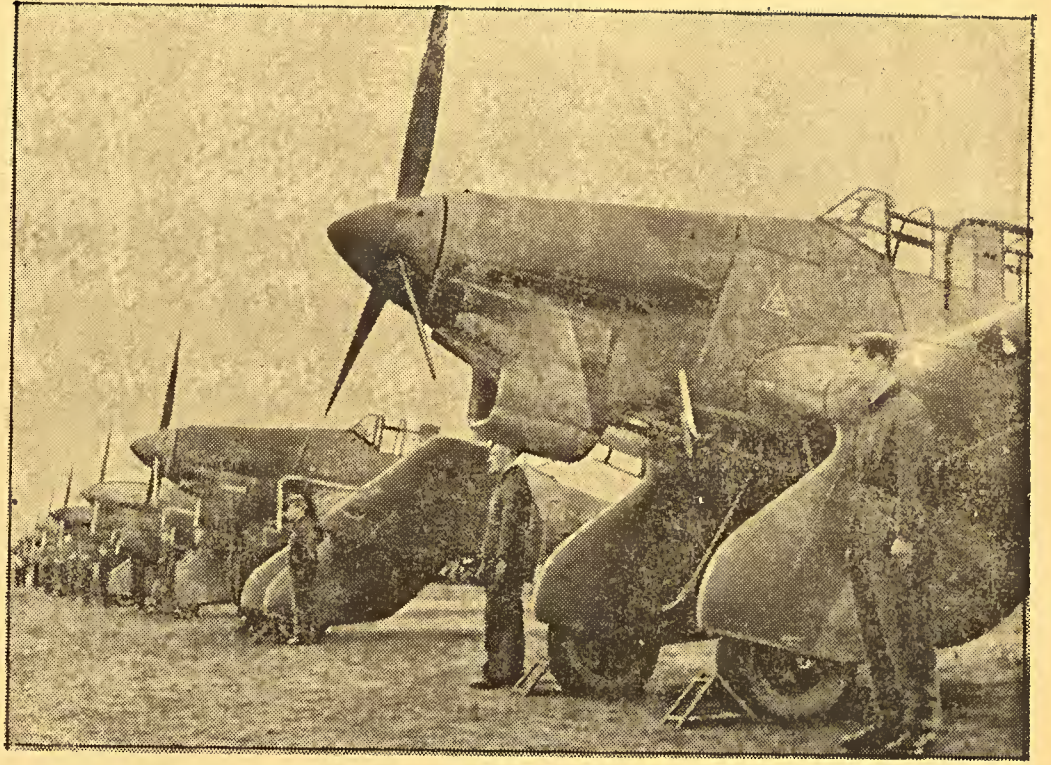
Die verhältnismässig geringe Zahl von Zerstörern, die von einem englischen Marinepublizisten treffend mit „Mädchen für alles“ bezeichnet wurden, hat bereits scharfe Kritik in der Öffentlichkeit hervorgerufen. Im Kriegsfall würde England bestenfalls im ganzen über 175 Zerstörer verfügen, während, wie oben gesagt, im Weltkriege allein für die U-Boots-Bekämpfung 277 neu eingesetzt werden mussten.

Ende Juli d. J. hat ferner das von Portsmouth nach Alexandrien geschleppte Schwimmdock seinen Bestimmungsort erreicht. Mit 3 holländischen Schleppern dauerte die Reise, die ohne Zwischenfälle verlief, rund 7 Wochen. Die Abmessungen des Docks sind so, dass in ihm die Schlachtschiffe und auch die grossen Flugzeugträger docken können.

Die Aufrüstung zur See, die England in Angriff genommen hat, ist an sich eine gewaltige, jedenfalls grösser als bisher in der ganzen englischen Geschichte. Es wäre jedoch falsch, diese Aufrüstung für sich allein zu betrachten und sie als reines Plus in die militärpolitische Rechnung einzusetzen. Denn ebenso wie England rüsten die übrigen Staaten, entsprechend ihrer finanziellen und technischen Leistungsfähigkeit auf.

In welchem Masse England nach dem Kriege abgerüstet hat, geht ohne weiteres daraus hervor, dass es nach Durchführung des oben geschilderten Bauprogramms über 24 Grosskampfschiffe verfügen wird, während allein an der Seeschlacht vor dem Skagerrak 37 englische Grosskampfschiffe beteiligt waren.

Konteradmiral a. D. Brüninghaus



Deutsche Sturzbombenkampfstaffel zum Einsatz angetreten

## Wie unser Kriegskorrespondent meldet...

### Anekdoten um Kriegsberichterstatter

Im August 1915 wurde der Leiter des „Popolo d'Italia“, Benito Mussolini, zum 11. Bersaglieri-Regiment einberufen. Als er in die Grabenstellung am Monte Nero einrückte, erkannten ihn die Offiziere und grüssten herzlich. Der Oberst, der den Publizisten hochschätzte, bot ihm an, in der Kanzlei zu bleiben und die Regimentsgeschichte zu schreiben. Mussolini lehnte ab: „Ich ziehe es vor, bei den Kameraden im Graben zu bleiben.“ Sechzehn Monate lang schrieb er von der Front Kriegsberichte und Leitartikel für seine Zeitung. Dann wurde er durch 40 Splitter einer im Rohr krepiereten Mine schwer verwundet. Sieben Monate später verliess er auf Krücken das Lazarett und begab sich ungesäumt zu seiner Zeitung.

Ein Deutschamerikaner, der als Korrespondent einer amerikanischen Zeitung an der Westfront weilte, erlebte 1918 den deutschen Rückzug. Mit einigen Kollegen wurde er im November zum Hauptquartier der französischen Truppen gerufen, wo ihnen ein General triumphierend mitteilte, dass die Deutschen in die Flucht geschlagen seien und Deutschland für immer „gebändigt“ werden würde. Der Pressevertreter nahm die Rede des Generals mit Beifall auf. Der Deutschamerikaner aber, den in dieser Stunde wohl die Erkenntnis durchzuckte, auf der falschen Seite gestanden zu haben, fand den Mut zu der Entgegnung: „Sie können einen Hund bändigen, Herr General, niemals aber ein so grosses tapferes Volk wie das deutsche!“ Wegen dieser „hochverräterischen“ Aeusserung wurde er verhaftet, dem Prozess machte aber der inzwischen geschlossene Frieden ein Ende.

Hugo Zöller nahm als deutscher Korrespondent an den Kämpfen um Tel el Kebir im September 1882 teil. Die Engländer mussten

vor überlegenen ägyptischen Kräften weichen. Als erste jagten die englischen Kriegsberichterstatter vorbei.

„Die Schlacht ist doch noch nicht zu Ende!“ rief Zöller verwundert.

„Wir haben den wichtigeren Kampf zu führen,“ erklärten sie, „wer zuerst sein Telegramm aufgibt. Darum sehen wir uns stets nur den Beginn, aber nie das Ende eines Treffens an.“

Zöller blieb auf seinem Posten. Englische Infanterie zog im Eilmarsch rückwärts, Kavallerieabteilungen folgten, Offiziere, zuletzt indische Ulanen.

Ein Offizier rief Zöller an: „Wollen Sie nicht zurück?“

„Warum denn?“ fragte Zöller.

„Hinter uns kommt niemand mehr, nur der Gegner!“

„Aber auf wen schießt man denn?“

„Auf Sie und mich, Sir!“

Da erst folgte Zöller. Er hatte das Gefecht bis zur letzten Phase verfolgt und verliess als Letzter das Schlachtfeld.

Während des Weltkrieges waren beim grossen Hauptquartier zehn Kriegsberichterstatter zugelassen, die in Begleitung von Generalstäblern Autofahrten an die Front unternahmen. Allmählich zeigte sich aber, dass die Autos der Zeitungsleute das feindliche Feuer auf sich zogen und dadurch auch die Truppen in der Umgebung gefährdeten. Als die Berichterstatter beim Vormarsch auf Dixmuiden wieder vorwärts fuhren, verbot ihnen ein Brigadegeneral die Weiterfahrt: „Ich habe nichts dagegen, dass Sie sich mitten auf den Marktplatz von Dixmuiden stellen und von Granaten zerissen lassen. Aber ich dulde nicht, dass einer meiner Soldaten dabei zu Schaden kommt.“ Seitdem gingen die Korrespondenten einzeln mit den Truppen an die Front.

## Wachtmeister Janßen

Besonders die „Herren Einjährigen“ seligen Andenkens hatten es ihm angetan. Dies hatte seinen Grund besonders darin, weil der Gestrenge mit der hochdeutschen Sprache auf gespanntem Fusse lebte und bei jeder Gelegenheit wegen eines Schnitzers gehörig gefoppt wurde. Von den „Einjährigen“ natürlich. Und ausserdienstlich, wohlverstanden!

Innerlich erboste er sich über das „Takeltüg“, wie er diese kurzfristigen Soldaten bei sich und auch manchmal im Dienst nannte, aber im allgemeinen kam er wohl mit ihnen aus. „Sowie aber gegen „Dienstreglement“ oder Gesetz verstossen wurde, erstand in dem Wachtmeister Janssen ein zürnender und strafender Gott, der keine Gnade kannte.

Eines Morgens erging sich der Wachtmeister während einer dienstfreien Stunde in der Hauptstrasse der Kleinstadt auf dem breiten Gehsteig. Es war wenig Verkehr auf dem Katzenkopfpflaster der Fahrbahn. Trotzdem bemerkte der Gestrenge ein halbes Dutzend Soldaten, die einen zweirädrigen Handwagen allen polizeilichen Verordnungen entgegen auf dem Gehsteig schoben. Als sie näher kamen, trat der Wachtmeister mit vor Zorn zitternden Schnurrbartspitzen in einen Hausflur, um hinterher, gleich einem Racheengel, auf die überraschten Uebeltäter zuzutreten. „Na-

türlich! Einjährige! Könnst ich mich auch gar nicht anners denken! Fahr'n Sie mich mal sofort vons Trittoar runter!“

Einen Augenblick verblüfftes Schweigen. Dann knallten die Absätze. Aber die Augen der Einjährigen funkelten sich blitzschnell einige Zeichen zu.

„Zu Befehl, Herr Wachtmeister!“ brüllte der Chorus einstimmig.

Was dann folgte, schien die Welt aus den Angeln zu heben. Sechs Paar kräftige Männerarme packten den entgeisterten Wachtmeister und setzten ihn auf den Wagen, fuhren mit ihm vom Gehsteig herunter und im Laufschrift über die Katzenköpfe hinweg, bis er sich mit Stentorstimme Geltung und Respekt verschaffte.

Mit steinernem, unheilverkündendem Gesicht stieg er vom Wagen, trat auf den vermeintlichen Rädelsführer zu und sprach bedeutungsschwer:

„Wissen Sie, was Sie getan haben, Einjähriger?“

Der klappte prompt die Hacken zusammen. „Jawohl, Herr Wachtmeister! Befehl lautete: „Fahren Sie mich sofort vom Trottoir!“ Befehl ausgeführt!“

Seitdem soll Wachtmeister Janssen beharrlich hochdeutsch gepaukt haben.

FUNDADA EM 1885  
**Casa Alemã**

**Qualitäts-Artikel**

**für Herren**

zu äusserst

**günstigen**

**Preisen**



Herrenhemden aus „Popelin“ mit festem Kragen und Erfahrungskragen, weiss mit kleinen farbigen Streifen Preis **30\$000**

Herrenhemden aus „Popelin“ in den Farben grau, blau, beige mit weissen Streifen. Jedes Hemd mit festem Kragen und Beitrag Preis **35\$000**

Herrenhemden aus „Oxford Jmit.“ in den Farben grün, blau, rosa mit leichten Dessins in etwas stärkerem Ton. Jedes Hemd mit festem Kragen und Beitrag Preis **38\$000**

Herrenhemden aus „Oxford“ mit farbigen Grund und originellen Streifen-Dessins. Jedes Hemd mit festem Kragen und einem Erfahrungskragen Preis **55\$000**

Herrenhemden aus „Batist Rayé“, weiss mit farbigen Streifen. Jedes Hemd mit aufgenähtem Kragen und Erfahrungskragen Preis **22\$000**

Herrenhemden aus „Trikoline“ in den Farben blau, beige, grau, rosa. Jedes Hemd mit festem Kragen und einem Beitrag Preis **45\$000**

**Wiener Krawatten**

in Dessins der letzten Mode — sehr feine Ware

**Rs. 42\$000**

SCHÄDLICH, OBERT & CO.

RUA DIREITA 162-190

# Die Deutsche Frau



## Der Einsatz der deutschen Frau

In den schicksalsschweren Stunden, an denen die Geschichte unseres Volkes so reich ist, haben seine Frauen sich stets ohne zu Zögern mit Leib und Seele in den Dienst des Vaterlandes gestellt. Sie haben ihre Verpflichtung jederzeit erkannt! Führte sie diese auch oftmals weit ab von dem eigentlichen Aufgabengebiet fraulicher Arbeit, so haben sie trotzdem mit beispielloser Energie die unwahrscheinlichsten Probleme zu lösen versucht. Wer wird die deutschen Frauen des Weltkrieges vergessen, die sich vor härtester Männerarbeit nicht scheuten, um auch dem letzten wehrfähigen Manne den Frontdienst zu ermöglichen!

Zwischen jenen Jahren des Weltkrieges und heute besteht jedoch ein wesentlicher Unterschied — und unsere Angreifer täten gut daran, diese Tatsache in ihre Berechnung mit einzubeziehen. Verströmte im Jahre 1914 bis 1915 der Einsatzwille der Heimat in tausend eigenwillig gezogenen Kanälen, so dass seine Kraft und materiellen Reserven verschleudert wurden, so gibt es heute nichts derartiges mehr. Deutschland hat gelernt! Durch tausend bittere Erfahrungen aus seinem blinden Vertrauen in den guten Willen gewisser Mächte geweckt, hat es Kenntnisse gesammelt, die es lehrten, das Weltgeschehen in einer völlig anderen und sehr nüchternen Weise zu betrachten.

Deutschland ist wach! Hellwach!  
Heute kennt nicht nur jeder Mann, sondern auch jede Frau und jedes Kind seinen ihm zugeordneten Pflichtenkreis, der vollverantwortlich von ihm zu betreten ist. Deutschland stellt jetzt ein Uhrwerk dar, in dem hunderttausend Räder und Rädchen reibungslos ineinandergreifen, um in klarer Stetigkeit wieder einmal einer gigantischen Aufgabe Herr zu werden. Wichtig dabei ist folgendes:

Neunzig Millionen Menschen verrichten den Dienst am Vaterlande vollbewusst ihrer Verantwortlichkeit in einem verständnisvollen und deshalb seelisch tief verankerten, wissenden Vertrauen zur Führung. Diese Führung hat es verstanden, in der minimalen Zeit von sechs Jahren ein Volk geschlossen zu Mitgestaltern am Reich unzugänglich. Diese Mitgestalter, ganz gleich ob sie Arbeiter der Faust und der Stirn, Frauen oder Kinder sind, sehen ihr eigenstes Eigentum, das sie oft durch zusätzliche Arbeit und mit saurem Schweiß aufgebaut haben von der völligen Vernichtung bedroht und sind bis zum Letzten entschlossen, sich diesen Besitz nie wieder entreissen zu lassen. Durch eingehendste und zielbewusste geistige Schulung seitens der Führung ist zwischen ihr und der einheitlichen Gefolgschaft des ganzen Volkes ein Zu-

## Aneuf des Volkes

Treibt es dich zu hohen Zielen,  
Dich, du einer unter vielen, —  
Ist dein Wollen rein und tief:  
Wisse, dass dein Volk dich rief.  
Wo du stehst an deinem Werke,  
Ist dein Arm des Volkes Stärke.  
Alles hohe, reine Streben  
Kommt aus unsres Blutes Leben.  
Alles une-füllte Wollen  
Wird in unsern Adern rollen,  
Fortvererbt und ungestillt,  
Bis es endlich sich erfüllt.  
Ruhlos wird im Herzen brennen,  
Was wir nicht erreichen können.  
Mehr und mehr den Raum bezwingen,  
Höher die Gedanken schwingen,  
Tiefer wurzeln in der Erde:  
Dass das alles Wahrheit werde,  
Werden Kinder uns geboren.  
Keine Sehnsucht geht verloren!  
Unsrer Wünsche, unser Willen  
Wird in ihnen sich erfüllen,  
Wird in ihnen weiterleben  
Und in ihnen sich erheben!  
Wie das Schicksal euch ergreift,  
Ob euch die Erfüllung reift,  
Ob ihr dienend weitergeht  
Hohen Wunsch, der in euch lebt,  
Wirkt ihr doch mit eurer Kraft  
An des Volkes Wanderschaft.  
Wir sind alle, all die vielen  
Unterwegs zu hohen Zielen  
Und kein Opfer unsres Lebens  
Ist zu hoch — und keins vergebens!

Wolfgang Zenker.

sammenspiel entstanden, das durch praktischen Einsatz und immer wieder gesteigerte Anforderungen, gemeinsame Hintenanstellung der eigenen Wünsche und die gemeinsame Zielerreichung allgemeiner sozialer Verbesserungen zu einer Waffe erhärtet worden, die jeden Zersetzungsversuch des Feindes von vornherein abschlägt.

Der Führer hat seinem Volke niemals Versprechungen gemacht. Er hat immer nur gefordert! Er hat in einer harten Schule die Gemeinschaft des Volkes gelehrt mit ihm für die Durchführung gemeinsam erkannter lebensnotwendiger Grundlagen der Nation zu kämpfen.

Der deutsche Mensch des Jahres 1939 ist kampferprobt und was wichtiger ist — kampfgewohnt! Die Höchstforderung an den Einsatzwillen des Einzelnen, auch in dieser schicksalsschweren Stunde, ist ihm an und für sich nichts Unbekanntes. Hieraus erklärt sich auch die dem Ausland befremdend erscheinende Ruhe, mit der unser Volk sich in diesen Tagen ohne Aufhebens hinter den Führer stellt, tausende aus helfend den Arbeitsplatz wechseln oder zum Ehrendienst an der Nation antreten.

Ueber eines täusche die Welt sich nicht! Die Willens- und Opferkraft der Millionen aber wird um das Tausendfache gesteigert durch das Bewusstsein jedes Einzelnen, von friedlichster Aufbauarbeit hinweggerissen worden zu sein durch den Hass derer, die unser Schaffen mit wütendem Neid verfolgen, weil sie durch ihr eigenes Verhalten bedingt nicht an unseren Erfolgen teilzunehmen vermögen.

Der Führer hat in seiner Reichstagsrede vom 1. September der Erwartung Ausdruck gegeben, dass alle deutschen Frauen sich in bedingungsloser Disziplin in die unerschütterliche grosse Front einreihen. Dieser Ruf wird in den Herzen aller deutsch bewussten Frauen weiterschwingen wie der machtvolle Ton einer erzenen Glocke und stärkend, mahnend

## Die Kette der helfenden Hände...

Als ich Fabrikarbeiterin war

Die Verfasserin ist die Frau eines Generals der alten deutschen Wehrmacht

In unzähligen grossen Fabriken aller Art rattern Tag für Tag viele Maschinen. In endlosen Reihen stehen oder sitzen Frauen an diesen Maschinen oder an Tischen in den Maschinenräumen und arbeiten, arbeiten, arbeiten. Sie arbeiten von 6—2 oder von 2—10. Das alles wissen wir und haben es gelesen, aber richtig klar wird es uns doch erst wenn wir einmal dazwischen gesessen haben und für Tage oder Wochen eine dieser zahllosen Fabrikarbeiterinnen selbst waren. Es ist eigenartig, wie schnell man eingespannt ist in diesen Rhythmus der Arbeit!

Es ist um diese schlichteste Arbeit der Hände so gar keine Pose, nur absolute Selbstverständlichkeit ist da.

Hier liegt dein Material, nun rühre deine Hände und leiste in deinen acht Stunden Arbeitszeit dein Mass an Arbeit! Obwohl es sicher meistens, wenigstens für die Arbeiterinnen ohne Spezialkenntnisse, rein mechanisches Tun ist, so lässt es doch sehr wenig Zeit zum Nachdenken. Aufgepasst muss bei jedem Handgriff dennoch werden! Sonst laufen Fehler unter.

Acht Stunden sind eine lange, lange Zeit,



Hier wird eifrig gekocht! Mütter bei einem Kochkurs in einer deutschen Mütterschule.

Das Höchste aber,  
was mir Gott auf dieser  
Welt gegeben hat,  
ist mein Volk!  
In ihm ruht mein Glaube,  
ihm diene ich  
mit meinem Willen,  
und ihm  
gebe ich mein Leben.

Adolf Hitler

und aufrüttelnd den Rhythmus des Einsatzes bestimmen.

Noch niemals in der Geschichte hat auf die deutsche Frau ein derart ungeheures Wirkungsfeld direkter und indirekter Ergänzungsarbeit gewartet wie diesmal, und sie wird nun durch ihre Pflichttreue und ihren Einsatzwillen den Beweis erbringen müssen, ob das Reich Adolf Hitlers ihr zu Recht die ehrenvolle Stellung im Rahmen ihres Volkes einräumte oder nicht.

Niemand, der die Frau in ihrer friedlichen Arbeitsstätte schaffen sah, kann auch nur den kleinsten Zweifel hegen, dass sie in den Stunden bittersten Ernstes weniger stark und weniger tapfer auf ihrem Posten stehen wird, wie der Mann.

Angefangen mit der Schwesternarbeit des roten Kreuzes an der Front oder dahinein in den Lazaretten, über alle Stufen des Hilfsdienstes beim Luftschutz, in den Fabriken und Werken, beim Landdienst, dem Reichsarbeitsdienst für die weibliche Jugend, dem Hilfswerk Mutter und Kind bis zur Fürsorgerin der NSV. und der besonders verantwortungsvollen Arbeit der Werkfrauengruppen und sozialen Betriebsarbeiterinnen, endend bei der verständnisvollen Verwalterin des Volksvermögens, der Hausfrau, die in engster Fühlungnahme mit der Wirtschaft und dem Reichsnährstand den Haushalt führen muss — ist praktisch der deutschen Frau alle diejenige Arbeit zu treuen Händen übergeben worden, die den Grundstein zur regelmässigen Abwicklung des täglichen völkischen Lebens bildet.

Die deutsche Frau des dritten Reiches weiss die Tragweite dieser Schlüsselstellung zu ermessen. Sie weiss, dass sie den Kameraden an der Front alle Sorgen um die Seinen abzunehmen hat, damit er unbeschwert seiner heiligsten Verpflichtung nachzugehen vermag. Sie weiss, dass sie zur Garantin einer inneren Haltung eingesetzt wurde, die für alle Zeiten ein zweites 1918 ausschliesst.

Der Glaube der deutschen Frau an den Führer und ihre Liebe zu Volk und Reich ist unerschütterlich.

Für sie gibt es nur eine Parole:  
„Führer befiehl! Wir folgen!“

S. L.

um an einer Stelle zu sitzen und immer dasselbe zu tun. Am ersten Tag denkt man vielleicht, dass es doch sehr schwer fällt, auszuhalten bei dem Lärm, der den ganzen Saal durchbraust und immer dasselbe zu tun. Man sieht einmal auf und sieht sich um! Neben mir, gegenüber, hinter mir, überall über die eintönige Arbeit gebückte Gesichter! Keiner denkt wohl daran, dass sie aufhören möchten. Wahrscheinlich denken die meisten, dass es gut sei zu wissen, Arbeit ist da, und man hat zu schaffen und bekommt seinen Lohn. Und man selbst denkt schon am zweiten Tag weniger daran, dass acht Stunden sehr lang sind. Man denkt daran, ob wohl die Arbeitskameradin, für die man hier sitzt und arbeitet, auch ihre zusätzlichen Ferien recht geniessen kann. Man malt sich aus, wie sie in der Morgenfrühe sich auf die andere Seite legt und ein Stündchen weiter schlafen kann. Dann nimmt sie am frühen Nachmittag vielleicht ihre Kinder, legt das Kleinste in den Wagen und fährt ganz behaglich auf einen der vielen schönen Grünplätze, an denen Berlin so reich ist, und sieht in den blauen Sommerhimmel hinauf und ruht sich aus! Da mitten in diese friedlichen Gedanken tönt das Signal zur Pause.

Alles zieht geschwind die Handschuhe aus, die bei der Arbeit getragen werden müssen und begibt sich schnell in eine Ecke des grossen Saales! Da hängen hübsche grüne Blattpflanzen in Ampeln herunter, auf den Tischen stehen viele Kaffeekannen aller Art. Jede nimmt die ihre an sich, wickelt ihr mitgenommenes Brot aus und stärkt sich. Am ersten Tag wusste ich mit all diesen Gebräuchen noch nicht recht Bescheid. Schon sagte meine Nachbarin, ob ich nicht von ihr etwas Kaffee abhaben wollte, eine andere schob hilfsbereit eine Tasse heran. Eine Viertelstunde nur dauert die Pause, aber zu einem bisschen Erzählen reicht doch ausser zum Essen. „Ich habe diese Woche zum erstenmal mehr Lohn gehabt,“ heisst es da. „Ja, du kannst es brauchen bei deinen vier Kindern und dem kranken Mann.“ „Wie geht es ihm denn?“ „Ist immer dasselbe.“ „Du solltest mal bei Dr. M. gehen, der ist so geschickt.“ Mit einmal liegt ein grosser Strauss Schwertlilien auf dem Tisch. „Hab' ich dir aus meinem Garten mitgebracht, wo du doch morgen 70. Geburtstag von deiner Mutter feierst.“ „Die will ich aber schnell in die Waschschaale tun, dass sie bis Abend gut frisch bleiben.“ „Aufstehen!“ ruft es. Die Pause ist um, alles sitzt wieder an den Tischen, zieht die Handschuhe an und arbeitet wieder weiter. Warmer Sommerwind streicht durch die weit geöffneten Fenster über all die über die Arbeit gebückten Köpfe. Die Maschinen rattern, hin und wieder ein grösserer Lärm, da wird mit Getöse neues Material eingeschüttet. — Längst ist man selbst auch ein kleines Rad geworden in dem grossen Getriebe und müht sich, gut und ohne Fehler sein Pensum Arbeit zu bewältigen.

22 Uhr ist es. Alles eilt zur Kontrolluhr, um seine Karte zu stempeln, dann geht es in die grosse Garderobe, Schürzen ab, Hände gewaschen, Haare glatt gestrichen. In langen Menschenreihen strömen alle aus den Toren der Fabrik. Dort warten Angehörige auf manchen Arbeiter, manche Arbeiterin. Viele steigen aufs Rad, andere hasten zur nächsten S-Bahnhaltestelle. Der Zug ist im Umsehen übertoll von müden Menschen, die ihre Tagesarbeit hinter sich haben.

Und am nächsten Morgen oder Mittag strömen sie alle wieder zur Fabrik. Mittags tönt ihnen Radiomusik entgegen vom schönen Erholungsplatz, der vor der Kantine im Freien liegt, auf dem man unter bunten Schirmen sitzen kann, und wenn man früh genug kam, auch ein bisschen zuhören kann. Ueber der Kantine ist ein freundlicher Kameradschaftsraum, da habe ich nach meiner Vertretungszeit als Fabrikarbeiterin mal einen Vortrag gehalten für einige Arbeitskameradinnen. Wie waren sie aufgeschlossen, was haben sie alles wissen wollen. Viele sagten hinterher, ich sollte wiederkommen und mehr erzählen. Sicher will ich das. Aber ich will auch bald wiederkommen, um in Reih und Glied mitzuarbeiten unter diesen tapferen, tüchtigen Frauen, damit immer mal wieder eine von ihnen Extrauraub haben kann und dann mal ein paar Tage mit ihrem Dasein anfangen kann, was sie will. Die herzliche, freundliche Art, die sie eigentlich alle mir gegenüber an den Tag legten, macht dies kleine bisschen Mithelfen leicht. Ich kann mir unter dem Begriff Fabrikarbeiterin jetzt etwas viel Klareres vorstellen, seit ich selbst eine von ihnen gewesen bin. Ich habe viele von ihnen bewundert und manche lieb gewonnen. Ihre Arbeit ist nicht leicht, und es ist schwer, stets dasselbe zu tun, aber es ist viel, viel schwerer, arbeiten zu wollen und keine Arbeit zu finden. Seien wir froh und dankbar, dass in unserem geliebten deutschen Vaterland Millionen von Arbeitslosen wieder Arbeit und Brot fanden!

L. v. Kciser

Wenn zwei dasselbe tun ...

so ist das noch lange nicht dasselbe. Beide photographieren zwar, der eine aber hat es mit der Stativkamera viel schwerer als derjenige mit der IKONTA 6 mal 9 von Zeiss Ikon. Die IKONTA 6 mal 9 hat Gehäuseauslösung, optischen Springsucher, Zweipunkt-Einstellung, Zeiss Tessar 1:3,8 und Compur-Rapid bis zur 1/400 Sekunde, sowie eingebauten Selbstauslöser.

Aufschlussreiche Prospekte und fachmännische Beratung in allen guten Fachhandlungen.



**DIE NÄHMASCHINE FÜR JEDEN HAUSHALT**

Agenten an allen Plätzen

**THEODOR WILLE & CIA. LTDA.**  
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

**Therezopolis - Barzea**

Verkaufe ein schön gelegenes Grundstück; hat 144 Meter Front. Informationen in der Parochia Santo Antonio bei Herrn Antonio Galvão in Therezopolis-Barzea

Reparaturen sämtlicher Uhren garantiert



Josef Herold  
Uhrmacher  
Rua da Alfandega, 130

Preiswert **Kölnisch Wasser** Erfrischend  
das beliebte Qualitätsprodukt der  
**Deutschen Apotheke - Rio de Janeiro**  
Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

**Deutsches Heim, Rio de Janeiro**

Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock  
Tel. 42-3601

Mittag- und Abendlich auch nach der Karte  
Stets frischer Schoppen - Reichhaltige Getränke

**Rio-Besucher**

befucht

**DANUBIO AZUL**

Avenida Mem de Sá 34  
Telefon 22-1354  
Prima Küche  
Täglich Konzert  
Im ersten Stock Tanz

**BAR UND RESTAURANT**

**Fischerklause**

Rua Theophilo Ottoni 126  
RIO / Tel. 43-5178  
Deutsche Küche  
Brahma-Chopp  
Inhaber: Fritz Schade

Unsere **Vertretung**

in **Rio de Janeiro**

befindet sich  
Rua dos Andradas 84  
2. Stock, App. 23  
Telefon 23-4977  
Franz Kumlau

**Ärzte-Tafel von Rio de Janeiro**

**Dr. W. Huber**

Spezialarzt - Chirurgie und Frauenleiden.  
Sprechstunden täglich von 3-6 Uhr.

Alvaro Alvim Nr. 24/8, Cinelândia  
Telephon 22-2657.

**Haut- und Geschlechtskrankheiten**

**Dr. Paul Cardozo-Legène**

in Deutschland ausgebildeter und approbierter Arzt

Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock  
Telephon 22-0912  
Sprechstunden: 9-12 und 3-6  
Samstag: 9-11 und 12-3 Uhr

**Dr. Fridel-Tschöppe**

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto Nr. 5  
von 2-5 Uhr. Tel. 22-0713. - Wohnung:  
Tel. 22-9930

**Dr. Archimedes Pecanha**

Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão no H. S. F. de Assis

Otites, Nasen- und Halsleiden

Consultorio:  
Rua Quitanda 5 - Tel. 22-5550

**Säuglings- und Kinderarzt Dr.**

**Lages Netto**

Privat-Dozent  
früherer Assistent der Universitäts-Kinderklinik der Charité, Berlin

Sprechstunde:  
Travessa Duvidor 36  
4. St. - Tel. 43-4138  
Täglich v. 2-4,30 Uhr

Wohnung:  
Deutsches Krankenhaus  
Telephon 28-7060

**Dr. L. Guimarães Dahlheim**  
praktischer Arzt

Sprechstunden 3-6 Uhr,  
Samstag 2-4 Uhr

Rua Araujo de Porto  
Alegre 70 - Tel. 42-7540

**Übersetzungen**  
**Dr. Bruno Zander**

Bereidiger Übersetzer  
Rua 13 de Maio 37, 1. St.  
Tel. 42-4668 - Rio.

**BAR UND RESTAURANT**  
**CIDADE HEIDELBERG**  
GUTE BRASILIAN. UND DEUTSCHE KÜCHE

Sonntags geschlossen  
Feiertags geöffnet bis 3 Uhr nachmittag  
Rua Miguel Couto 65 (früher Ourives), RIO  
Tel. 23-0658

**Deutsches Haus**

Sonn- und Feiertags:  
Spezialplatte  
Kontom: A. Fröfe  
Schönster Aufenthalt  
Praia Jearahy 251  
Niteroij

**Konzert-Abend des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen, Rio de Janeiro**

Am Sonntagabend (8. Oktober) hatte der Bund der schaffenden Reichsdeutschen zu einem Konzertabend im Deutschen Heim, Rio de Janeiro, geladen.

Schon der Anfang war vielversprechend. Nach dem Eröffnungsmarsch und der Ouvertüre zur Oper „Martha“ musste das Orchester eine Zugabe auf stürmischen Wunsch geben. Und in diesem Stile verlief der ganze Abend. So erntete auch der Männerchor des G. V. „Lyra“ begeisterten Beifall, besonders nach dem Vortrage der „Bauernhochzeit“, die auf stürmisches Verlangen dreimal wiederholt werden musste. Gleichfalls fanden die Vorträge der Solisten, Verständnis und Beifall.

ring bereits mit dem Männer-Chor des G. V. „Lyra“, wie schon oben erwähnt. Der Abend war ein ganz ausgezeichneter Erfolg sowohl für die Veranstalter, wie auch für die Teilnehmer. Jeder ist sehr zufrieden nach Hause gegangen und wir sind davon überzeugt, dass die nächste Veranstaltung dieser Art unter Stabführung des Herrn Hering noch viel mehr Besucher anlocken wird.

Von der deutschen Botschaft waren unter anderen der Prinz und die Prinzessin Stephan zu Schaumburg-Lippe sowie Gesandtschaftsrat v. Cossel nebst Frau Gemahlin und Herr Gödde erschienen. Wir begrüßen hier ganz besonders Herrn v. Cossel, der

zum erstenmal nach seiner Rückkehr aus Deutschland, der bekanntlich mit dem D. „Augustus“, am 25. September d. J. zurückkehrte, wieder an einer Veranstaltung der hiesigen deutschen Kolonie teilnehmen konnte.

Da ein Eintritt nicht erhoben wurde, dagegen Spenden für das Hilfswerk für die notleidenden Deutschen erbeten waren, fand in der Pause zwischen dem ersten und zweiten Teil des Abends eine Büchsammlung statt, die die „Prominenten“ der deutschen Kolonie Rio in die Hand genommen hatten. Das Sammelergebnis war ein voller Erfolg und ein schönes Zeugnis der Opferbereitschaft der Deutschen Rio, zugleich auch die beste Anerkennung für die Darbietungen.

F. K., Rio.

2\$200; Carne verde, em domicilio, de primeira, 2\$500; de segunda, 1\$900, menos 100 nos acoques. Para o leite foi mantido o preço de \$900 o litro, em domicilio; pão de primeira, 1\$600 o kilo; „gafanhoto“, 60 grammas e de 120 grammas, \$200.

Der italienische Schnelldampfer „Augustus“ hat am 10. Oktober Santos verlassen, nachdem er dort 4000 Sack Kaffee, die für Italien bestimmt sind, geladen hatte.

Zum diplomatischen Vertreter Brasiliens in London wurde Herr José Joaquim e Silva Muniz de Aragão ernannt. Der frühere Botschafter, Herr Regis de Oliveira, ist wegen Erreichung der Altersgrenze in den Ruhestand versetzt worden.

Nach amtlichen Schätzungen gibt es in Brasilien rund 9,300,000 Kinder im Alter von 7 bis 14 Jahren, von denen nur rund 3 Millionen Schulunterricht genießen. Zwei Drit-

**Wochenschau hierzulande**

Der neue Deutsche Botschafter, Herr Dr. Kurt Prüfer, wurde vom Bundespräsidenten, Herrn Getulio Vargas, zur Uebergabe seiner Beglaubigungsschreiben in Sonderaudienz empfangen. In Begleitung des Botschafters befanden sich die folgenden Mitglieder der Deutschen Botschaft: Botschaftsrat Werner von Levtzow, die Legationsräte Prinz Stephan zu Schaumburg-Lippe, H. Schlimpert, Hans Henning von Cossel, Rudolf Rabes und Viktor Blaschke. Auf brasilianischer Seite war der Aussenminister, Herr Dr. Oswaldo Aranha, durch den Botschafter Herrn Mauricio Nabuco vertreten. Vor dem Cattete-Palast hatte das Gardebataillon Aufstellung genommen, dessen Kapelle die deutsche Hymne sowie die brasilianische Nationalhymne spielte.

In kürzester Frist soll der regelmäßige Luftverkehr zwischen Italien und Südamerika aufgenommen werden. Mit einem Kapital von 40 Millionen Lire ist die italienische Transkontinental-Luftfahrtgesellschaft gegründet worden, die ihre Flüge zunächst bis Rio de Janeiro durchführen wird.

Auf den Werften des Marinearsenals auf der Ilha das Cobras in Rio werden gegenwärtig drei Zerstörer gebaut. Es handelt sich um den ersten Kriegsschiffbau grösseren Umfangs auf nationalen Werften.

„Sheridan“ und „Highland Chieftain“ nach Europa ausgelaufen. Das letztere ist mit vier Geschützen, darunter einem Luftabwehrgeschütz bewaffnet.

Alle Postsendungen nach Deutschland müssen mit dem Namen des betreffenden Dampfers versehen sein und ausserdem den Vermerk „Via Italia“ tragen.

Die vom Landwirtschaftsministerium mit der Ausarbeitung von Höchstpreisen für Lebensmittel beauftragte Kommission gibt nachstehende Preisfestsetzung bekannt: O assucar de pacote, 1\$200 o kilo; assucar commum, 1\$100; arroz, „agulha especial“ 1\$600; azeite portuguez: no varejo, 11\$000, no atacado, 9\$500; francez, 14\$000 e 12\$500, respectivamente; a banha, 4\$400. isto é, a refinada, em lata de 20 kilos, sendo o preço da lata de dois kilos de 8\$500; batata, (cinco qualidades), sendo o maximo. 1\$100, e o minimo de \$600. Foi limitado o preço de 4\$000, para a carne secca „especial“, sendo a inferior 3\$500; farinha, \$800 a superior, e a fina, \$600; feijão preto, especial, 1\$600; manteiga salgada de primeira, 10\$500, havendo outras duas qualidades inferiores de 8\$500 e 6\$500. Massas: amarela, 2\$000; branca, 1\$700; toucinho, com sal, 3\$600; ovos, preço maximo,

**PETER JURISCH**  
RECHTSANWALT  
RIO DE JANEIRO - CAIXA POSTAL 136  
EDIFÍCIO ODEON, SALA 1208

tel dieser Jugend wächst also ohne Schulunterricht auf. Anlässlich des 15. November, der in diesem Jahr als 50. Jahrestag der Erklärung der Republik besonders festlich begangen wird, ist der Bevölkerung Gelegenheit gegeben, durch freiwillige Spenden Mittel für die Errichtung neuer Schulen zu beschaffen.

Die brasilianische Kohlenproduktion betrug im Jahre 1938 885.000 Tonnen. Zur Deckung des Kohlenbedarfs in der brasilianischen Wirtschaft mussten 1.576.000 Tonnen aus England und Deutschland eingeführt werden. Da die Einfuhr aus diesen beiden Ländern infolge der kriegerischen Spannungen in Europa nicht in dem genannten Umfang möglich ist, muss ein grosser Teil des Imports aus Nordamerika gedeckt werden, wie andererseits von zuständiger Stelle auf eine unbedingte bodenständige Kohlenförderung grösser Wert gelegt wird.

**SCHUPP**  
DAS DEUTSCHE FACHGESCHAFT  
FÜR EDELSTEINE  
SCHMUCK  
GESCHENKARTIKEL  
RUA MIGUEL COUTO, 42-44,  
FRÜHER: RUA dos OURIVES. RIO DE JANEIRO

Bei dieser Gelegenheit möchten wir erwähnen, dass wir bereits in unserer Ausgabe vom 7. Juli d. J. darauf hinwiesen, dass ein junges Talent, Herr Hering, welches zu vielen Hoffnungen berechtigt, den Dirigentenstab der „Lyra“ übernommen hat. Es freut uns besonders, dass unsere damals ausgesprochenen Hoffnungen sich voll und ganz erfüllt haben, ja noch weit übertroffen worden sind. Dieses wirkte sich ganz besonders bei dem Orchester aus, welches Herr Hering, erst vor einigen Wochen übernommen hat und in dem heute schon ein Schmiss und Rhythmus steckt, der unwillkürlich die ganze Zuhörerschaft mitreisst. Dieselben Erfolge erzielte Herr He-



# Der Führer zur Eröffnung des deutschen Winterhilfswerkes 1939/40

„Sie werden uns weder militärisch besiegen noch wirtschaftlich vernichten noch seelisch zermürben“

BERLIN, 10. (T.-O. — Agencia Allemã) — Nach dem von Reichsminister Dr. Goebbels anlässlich der Eröffnung des deutschen Winterhilfswerkes 1939—40 am Dienstagmittag im Berliner Sportpalast abgegebenen Rechenschaftsbericht ergriff, von der Versammlung stürmisch begrüßt, der Führer das Wort zu etwa folgenden Ausführungen:

„Deutsche Volksgenossen und -Genossinnen! Das Winterhilfswerk gehört zu jenen nationalsozialistischen Einrichtungen, die heute schon als etwas fast Selbstverständliches angesehen werden. Man hat sich schon daran gewöhnt, dass von dieser Hilfsfähigkeit viele Sorgen der öffentlichen Wohlfahrtspflege übernommen werden, dass viele Einrichtungen des Staates, der Länder und der Gemeinden dadurch entlastet werden. Und auch der Volksgenosse selbst hat sich schon allmählich mehr oder weniger willig daran gewöhnt, für dieses Werk seinen Beitrag zu leisten. Die grosse Masse unseres Volkes trägt freudig das ihre dazu bei, und wenn ein kleiner Teil vorhanden ist, der dies nicht tut, dann ist er doch verschwindend gering. Der Gedanke dieser Einrichtung war, zur völkischen Selbsthilfe aufzurufen. Es wären uns auch andere Wege offen gewesen. Statt einen Appell an die Opferfreudigkeit des Volkes hätte es ja auch den Appell an den Steuerzahler gegeben.

Wir haben bewusst diesen Weg nicht beschritten, denn wir wollten das deutsche Volk erziehen, das Wesen der Gemeinschaft in dem gemeinsamen Opfer auch zu begreifen, die Pflichten, die die Gemeinschaft auferlegt, zu erkennen und diesen Pflichten zu genügen, und zwar aus freiem Willen heraus. Wir wollten aber auch dem einzelnen durch den Appell, der damit notwendigerweise verbunden ist, einen dauernden Einblick in die wirkliche Notlage vieler Volksgenossen geben. Es musste durch den ständigen Aufruf der Aufmerksamkeit, die ja nun einmal mit den Sammlungen verbunden ist, jedermann klar gemacht werden, dass Wohlergehen und Glück nicht allen Volksgenossen zuteil geworden sind und dass man dies sicherlich auch nicht erreichen kann, dass die Notwendigkeit zur Hilfe unendlich und die Zahl der Fälle, in denen geholfen werden muss, ebenfalls unendlich ist.

Endlich hat diese Organisation auch gigantische Armeen von Helfern mobilisiert, die ihrerseits ebenfalls Einblicke gewinnen in die Notlage grosser Kreise unseres Volkes, aber auch in die Möglichkeiten, dieser Notlage zu begegnen. Not ist zu allen Zeiten vorhanden gewesen und ist vielleicht überhaupt ein relativer Begriff. Ich habe erst vor wenigen Tagen noch Gebiete gesehen, in denen der Durchschnitt des Lebens weit unter dem liegt, was bei uns in Deutschland als tiefste Not angesehen werden würde. Wie gut es an sich unserem Volke dank der grossen Gemeinschaftsarbeit geht, das wissen vielleicht diejenigen am wenigsten, die nicht die Möglichkeit besitzen, den Blick über diese Gemeinschaft hinaus zu werfen. Eines aber ist gewiss: es hat immer Not gegeben, es gibt auch heute Not und es wird immer Not gehen; auch dieser Begriff ist relativ. Und zu allen Zeiten hat der Mensch die Pflicht gehabt, dieser Not zu steuern, ihr entgegenzutreten, sie zu lindern und damit zu helfen.

Der freiwillige Charakter des Opfers hietet jedem einzelnen die Möglichkeit, sich selbst besser einzusetzen zu können als es dies durch irgend einen Eingriff des Staates möglich wäre. Es bleibt dem Willen des einzelnen überlassen, seine Pflichten zu erkennen und zu erfüllen, welche er der Gemeinschaft gegenüber hat. Wir haben sehr viel im Zusammenhang mit dieser grossen sozialen Einrichtung geschaffen: den Einopfsonntag, den Tag der nationalen Solidarität usw. Alles dies geschah auch zu dem Zweck, im deutschen Volke das Bewusstsein der Zusammengehörigkeit zu erwecken und Klassenunterschiede wegzuwischen. Wir sind davon überzeugt, dass dies nicht auf einmal geschehen kann, wenn wir aber den Blick zurückschweifen lassen auf die in den letzten Jahren erzielten Ergebnisse, dann kann niemand bestreiten, dass der vorgezeichnete Weg nicht nur mit Erfolg beschritten wurde, sondern auch dass er der richtige war. Wir haben so grosse soziale Erfolge erzielt, dass wir vielleicht gerade darin mit einem Grund sehen können für eine gewisse Missgunst der anderen Welt, die erschreckt wurde von dem Gedanken, dass die nationalen Prinzipien unseres Reiches werbend über die Grenzen hinaus wirken und vielleicht auch in anderen Ländern das Gewissen in dieser Hinsicht wachrütteln könnten.

Wenn nun die Tätigkeit unserer Sammler mitunter jenen auch unbequem wird, die da geben sollten, so dürfen diese nicht vergessen, wie viel unbequemer die Aufgabe des Sammlers ist; es ist bestimmt nicht so schwer, vielleicht zwei oder dreimal angehalten, als vielleicht in tausend Fällen abgewiesen zu werden, wenn man darum bittet, dass etwas

gegeben werde. In dem einen Falle ist es eine kleine Unbequemlichkeit, im anderen aber oftmals ein Opfer von vielen freien Stunden im Dienste der nationalen Gemeinschaft.

Nun hat das Schicksal uns gezwungen, zum Schutze des Reiches zur Waffe zu greifen. In wenigen Wochen ist der Staat, der am freiesten glaubte, deutsche Interessen bedrohen zu können, niedergeschlagen worden dank der geschichtlich einmaligen militärischen Leistung, dank des tapferen Heldentums unserer Soldaten, dank unserer glänzenden Führung. Was die Zukunft bringt, wissen wir nicht; nur über eines sind wir uns im klaren: keine Macht der Welt wird dieses Deutschland noch einmal niederzwingen können. Sie werden uns weder militärisch besiegen, noch wirtschaftlich vernichten noch seelisch zermürben. Sie werden unter keinen Umständen mehr irgendeine deutsche Kapitulation erleben. Ich habe unserer Bereitschaft zum Frieden Ausdruck gegeben. Deutschland hat gegen seine westlichen Gegner überhaupt keinen Kriegsgrund. Deutschland aber ist entschlossen, für den Fall der Ablehnung dieser Bereitwilligkeit, den Kampf aufzunehmen und ihn dann auch durchzuführen so oder so. Uns wird weder der Schrecken des Augenblicks noch die Proklamierung der Dauer des Kampfes müde oder gar verzagt machen. Vor uns steht ein ewiges Leben unseres Volkes. Wie lange Zeit es auch dauern mag, um diesem Leben zum Durchbruch zu verhelfen, es kann uns nicht erschüttern, es kann uns nicht bestürzen, es kann uns auf keinen Fall zur Verzweiflung bringen. Im Gegenteil: was die andere Welt auch wählt, mag sie erhalten.

Ich habe einst einen sehr schweren Weg eingeschlagen, um Deutschland trotz der durch den Versailler Vertrag bedingten Vernichtung wieder emporzuführen. Seitdem sind zwanzig Jahre vergangen. Das Reich steht mächtiger da als je zuvor. Der Weg vor uns kann nicht schwerer sein als der Weg, hinter uns war; denn wenn wir nie verzagten, dann werden wir noch viel weniger verzagen, den Weg von jetzt an auch in Zukunft zu beschreiten. In der Befolgung des Weges werden wir bestärkt durch die nunmehr errungene Gemeinschaft des deutschen Volkes und die Zeit die vor uns steht, wirkt erst recht dazu beitragen, die nationalsozialistische Volksgemeinschaft zu verstärken und zu vertiefen.

Der Kriegswinter, der uns bevorsteht, wird uns erst recht bereit finden, alle Opfer zu bringen, die notwendig sind, um unserem Volke den Daseinskampf zu erleichtern. Das Kriegswinterhilfswerk wird zugleich auch ein Hilfswerk für das Rote Kreuz das diesmal nicht für sich sammelt, sondern ein Bestandteil des Winterhilfswerkes ist. Das Winterhilfswerk wird von sich aus auch das Rote Kreuz mit Zuwendungen betreiben. Wie klein sind die Opfer, die vom einzelnen gefordert werden, gemessen an den Opfern, die viele Volksgenossen an der Front zu bringen hatten und, wenn es dem bösen Willen unserer Gegner gefällt, in Zukunft werden bringen müssen. Diesen Opfern gegenüber sind alle Opfer zu Hause gar nichts, sie können aber mithelfen, im Volke das Bewusstsein der un-

lösbaren Gemeinschaft zu verstärken, und dies ist das entscheidende. So oder so muss aus dem grossen Ringen des nationalsozialistischen Deutschlands um die Freiheit unseres Volkes und seine Zukunft auch ein neuer Volkskörper hervorgehen und eine stärkere Gemeinschaft. Die kommende Zeit kann mithelfen, diese Gemeinschaft zu schaffen und zu festigen.

Es muss daher in diesem Kriegswinterhilfswerk alles übertraffen werden, was bisher an ähnlichem geleistet wurde. Es wird dies auch eine Antwort an die übrige Welt sein, die glaubt, das deutsche Volk innerlich auflösen zu können. Wir wollen ihnen zeigen, was für Wirkungen auf uns diese törichten Versuche ausüben. Wir wollen ihnen zeigen, dass das deutsche Volk immer stärker und härter zueinander gebracht und gekittet wird. Wir wollen ihnen damit auch die Hoffnung austreiben, dass sie in die innere deutsche Verfassung hineinreden können wie es ihnen beliebt. Wir wollen ihnen Respekt beibringen vor der inneren Verfassung anderer Völker (brausende Zustimmung). Was wir als Gemeinschaft erdulden müssen, dessen kann die Welt überzeugt sein, das werden wir ertragen. Hoffentlich werden es die anderen auch ertragen, wie wir es ertragen werden.

Es wird jetzt erst recht die Zeit kommen, in der der Nationalsozialismus seine volksgestaltende und volkstragende Kraft erweisen wird. Aus dem Kriege sind wir gekommen einst, aus dem Kriege ist unsere Gedankenwelt erstanden und im Kriege wird sie sich, wenn nötig, jetzt auch bewähren.

Die Entscheidung darüber liegt nicht mehr bei uns, sondern bei der anderen Welt. Bei uns liegt nur der grimmige Entschluss, die Entscheidung so oder so auf uns zu nehmen und dann allerdings durchzukämpfen bis zur letzten Konsequenz (erneut stürmischer Beifall). So muss gerade das Kriegswinterhilfswerk mithelfen, die deutsche Volksgemeinschaft härter denn je zu machen, eine Gemeinschaft für den Kampf, den Sieg und am Ende für den Frieden. Je entschlossener wir alle Opfer auf uns nehmen, die dieser Krieg mit sich bringen mag, umso sicherer werden wir den Frieden erringen, den unser Volk benötigt. Denn einmal, das ist meine Ueberzeugung, muss die Zeit der Unsicherheit ein Ende nehmen. Es muss möglich sein, dass auch das deutsche Volk ohne von anderen fortgesetzt belästigt zu werden, innerhalb seines Lebensraumes sein Leben nach seinen Wünschen, seinem Willen und nach seinen Meinungen gestaltet und dass auch das deutsche Volk Anteil an den Gütern erhält, die es aufgrund seiner Volkszahl und seines Wirkens beanspruchen kann und beanspruchen wird.

In diesem Sinne eröffne ich das Kriegswinterhilfswerk 1939 und 1940 und bitte die Helfer, sich dafür einzusetzen, so wie ich das deutsche Volk bitte, sich seiner Heldenwürdigkeit zu erweisen.

Nach Schluss der Rede jubelte die Versammlung dem Führer minutenlang zu. Mit den Liedern der Nation schloss die erhebende Kundgebung.

## Aus dem Transocean-Dienst

Aus Berlin werden noch folgende Einzelheiten anlässlich der letzten Reichstagsitzung berichtet. Der Führer sei während seiner ganzen Rede tief ernst, seine Haltung frisch und elastisch gewesen. Die Mehrzahl der Abgeordneten hätten feldgraue Uniform anstatt des gewöhnlichen Braum der Parteiniform angelegt gehabt. Der Sitz des Abgeordneten Oberggruppenführers der SA Meier-Quadde, der im Feldzug in Polen gefallen ist, war mit einem grossen Lorbeerkranz geschmückt. Die Abgeordneten Rosenberg, von Schirach und Streicher, die von ausländischen Blättern als im Konzentrationslager befindlich bezeichnet wurden, nahmen gleichfalls an der Reichstagsitzung teil. Das Echo in den verschiedenen europäischen Hauptstädten sei besonders in den neutralen Ländern sehr stark. Man erwartet eine weitgehende Prüfung der deutschen Vorschläge durch die Westmächte.

Die vom Führer angekündigte Umsiedlung der Splittergruppen des deutschen Volkstums aus dem östlichen und südöstlichen Europa beginnt sofort. Zunächst werden die Deut-

schen aus Estland und Lettland auf dem Seeweg nach Danzig befördert. Sie werden dort und in Westpreussen eine neue Heimat finden. Es handelt sich dabei um 20.000 Volksdeutsche aus Estland sowie 70.000 aus Lettland. Weiter sollen noch vor Beginn des Winters 70.000 Volksdeutsche aus Ostgalizien, 60.000 aus Wolhynien und 20.000 aus dem Gebiet von Bialystock nach den zurückerobereten deutschen Ostprovinzen gebracht werden. Gleichzeitig wird die Umsiedlung von etwa 200.000 Südtirolern in das neu erworbene Karpathengebiet südlich von Krakau erwähnt. Bekanntlich bieten die deutschen Provinzen Polen, Westpreussen sowie Teile von Ostoberschlesien, in denen in der Nachkriegszeit etwa eine Million Polen zwangsweise angesiedelt wurden, weitreichende Möglichkeiten für die Auffüllung deutscher Bevölkerung.

In Berlin ist das Schlussergebnis der Pan-amerikanischen Konferenz mit Genugtuung aufgenommen worden. Der Beschluss, Lebensmittel und Rohstoffe, welche für die Zivil-

bevölkerung bestimmt sind, nicht als Konterbande zu bezeichnen, wird dahin ausgelegt, dass der amerikanische Erdteil die Handhabung des Handelskrieges durch die Briten ablehnt.

Das ostdeutsche Waldgebiet ist allein durch die Rückgliederung der westpreussischen Gebiete um 350.000 Hektar vergrössert worden. Bei sachgemässer Forstkultur beträgt der jährliche Holzschlag im zurückgewonnenen Gebiet 1,5 Millionen Raummeter. In Culmsee, im sogenannten ehemaligen Korridor, ist die grösste Zuckerfabrik der Welt in Reichsbesitz übergegangen. Der Betrieb verarbeitet in 24 Stunden 50.000 Zentner Rüben.

In der Reichshauptstadt ist der letzte Teilabschnitt der von der Reichsbahn erbauten Nord-Süd-Untergrundstrecke eröffnet worden. Gleichzeitig wurde der neben dem Potsdamer Bahnhof gelegene Wannsee-Bahnhof geschlossen. Alle von Wannsee kommenden Vortzüge werden nunmehr über den neuen Bahnhof Gross-Görschen-Strasse und dann unterirdisch über den Anhalter Bahnhof, Potsdamer Platz, Unter den Linden, Bahnhof Friedrichstrasse, Stettiner Bahnhof bis nach Oranienburg durchgeführt. Die neue Nord-Süd-Bahn wurde in fünfjähriger mühevoller Arbeit fertiggestellt. Die Baukosten betragen 183 Millionen Mark, von denen allein auf die 5,8 Kilometer lange Tunnelstrecke 113 Millionen Mark entfielen.

Ausgerechnet in diesem Jahr treten in der Ostsee wieder grosse Heringsschwärme auf. An der Küste des Darss tätigt die deutsche Fischerei sehr erfolgreiche Fänge.

Aus Anlass des siegreichen Abschlusses des polnischen Feldzuges veranstaltete die deutsche evangelische Kirche im überfüllten Berliner Dom einen Dank- und Gedächtnis-Gottesdienst. Namhafte Vertreter von Staat, Partei und Wehrmacht nahmen daran teil.

Unter Leitung von Botschafter Ritter traf in Moskau eine 13köpfige deutsche Wirtschaftsabordnung ein, die mit den zuständigen russischen Stellen praktische, möglichst umgehend zu verwirklichende Beschlüsse im Rahmen des deutsch-russischen Wirtschaftsaustausches treffen wird.

In dänischen Wirtschaftskreisen wird die Massnahme der Aufhebung der dänischen Ausfuhr von Schweinefleisch nach England für sehr einschneidend gehalten, da wöchentlich von 80.000 in Dänemark geschlachteten Schweinen allein 70.000 nach England gingen. Etwa 6000—7000 Arbeiter würden arbeitslos. Die dänische Presse sagt, dass die Massnahme u. a. die Folge der Beschlimmung dreier mit Fleisch für die Engländer bestimmter Schiffe durch deutsche Kriegsschiffe sei. Gleichzeitig wird hinzugefügt, dass im Grunde England die Verantwortung für die Einschränkung dieses Exportes trage weil es Fleisch auf die Konterbandeliste gesetzt habe.

## Großes Volksfest

der deutschen Kolonie in S. Paulo

Die von den brasilianischen Behörden als einzige deutsche Sportvereinigung anerkannte D.-T.-D.-Organisation plant für den 21. und 22. Oktober die Durchführung einer festlichen Veranstaltung auf ihrem Sportplatz in Canindé. Wie aus der heutigen Anzeige ersichtlich, hat sich der deutsche Sportverein gleichzeitig in den Dienst des umfassenden sozialen Hilfswerkes der deutschen Kolonie gestellt, das bekanntlich vom Deutschen Generalkonsul in São Paulo in die Wege geleitet wurde. Herr Dr. Molly hat auch den Ehrenschutz über das grosse Volksfest übernommen. Einzelheiten über die Programmgestaltung dieser beiden Tage, die gewiss die Unterstützung aller Deutschen finden werden, erfolgen noch in der Tagespresse.

## Marktbericht

Reis: — Agulha, je 60 kg. — Amarellão especial nicht notiert, superior nicht notiert, bom 80—81\$000; branco, especial 77—78\$000; superior 71—72\$000; regular 54—55\$000; Cattete, especial 53—54\$000; superior 51—52\$000; bom 49—50\$000; Bruchreis 32—34\$000; Quirera 24—25\$000; bei ruhigem Markt.

Bohnen: — Mulatino, je 60 kg. — Especial 55—56\$000; superior 51—52\$000; bom 49—50\$000; branco, graudo 72—75\$000; für letztere war der Markt fest; Chumbinho 52—53\$000; Roxinho 72—74\$000; bei ruhigem Markt.

Kartoffeln: — Neue Ernte, je 60 kg. — Amarella especial 39—40\$000; superior 36—37\$000; boa 33—34\$000; branca commum 31—33\$000; bei ruhigem Markt.

Farinha de mandioca: — do Estado (Norte) — 50 kg. 27—28\$000; Araras, 45 kg. 19—19\$500; bei ruhigem Markt.

Mais: — je 60 kg. — Amarellinho 21\$800 bis 22\$000; amarelo 21\$400 bis 21\$500; amarellão 20\$400 bis 20\$500; bei ruhigem Markt.

Amendoim (Erdnüsse): — je 25 kg. — Tatu superior 17\$000 bis 17\$500; bom 15\$500 bis 16\$000; bei ruhigem Markt.

Alfafa (Luzerneheu): — je 1 kg. \$400 bis \$420; bei ruhigem Markt.

Weizenmehl: — Typo unico, je 50 kg. 44—45\$000; bei ruhigem Markt.

Schweine: — Osasco, je arroba — fett, especial 35\$000; mager 31\$000.

Schlachtvieh: — je Arroba — Ochsen „consumo“ 27\$000; Kühe, fett 23—23\$500.

Zwiebeln: — je 15 kg. — 1. Qualität 13—15\$000; 2. Qualität nicht notiert. Markt fest.

D. T. D. - Deutscher Sportclub Canindé - Turnerschaft von 1890 - Verein „Donau“

## Grosses Volksfest

zugunsten unserer notleidenden Volksgenossen unter dem Schutz des deutschen Generalkonsuls Dr. Molly am 21. und 22. Oktober auf unserem Sportplatz in Canindé

Das grosse Fest der deutschen Kolonie in São Paulo